



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**  
**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

A “HIPER” ATIVIDADE COMO LINGUAGEM CORPORAL NA CRIANÇA

QUÉTSIA ROSANE DA SILVA SANTOS

RECIFE  
2020

**QUÉTSIA ROSANE DA SILVA SANTOS**

A “HIPER” ATIVIDADE COMO LINGUAGEM CORPORAL NA CRIANÇA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação de Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Área de concentração: Tratamento e prevenção

Linha de Pesquisa: Psicopatologia Fundamental e Psicanálise

Orientadora: Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz

Recife  
2020

*À minha mãe, **Rosilda**, e ao meu pai, **Rinaldo**, pela dedicação e amor transmitido a mim. Pela importância dada ao conhecimento, mas, principalmente, pela sabedoria de vida no trato com o ser humano.*

## Resumo

A clínica psicanalítica com crianças se confronta com os sintomas de uma época mesclada. O que se vê, na atualidade, é uma exigência de eficiência e de produtividade que requer a aceleração do corpo e da mente. Paradoxalmente, as crianças “hiperativas”, como manifestações do ser criança na atualidade, são vistas como expressão de “anormalidade” e, no entanto, elas são uma imagem representativa do incômodo e das dificuldades de lidar com tais exigências. Neste trabalho, objetivamos refletir sobre a “hiper” atividade corporal da criança como expressão do seu mal-estar infantil, a partir da contextualização dos conceitos psicanalíticos de pulsão, estágio do espelho e constituição do sujeito. Discutiremos a constituição da Imagem Inconsciente do Corpo, conceito descrito por Françoise Dolto, como uma maneira de compreender a “hiper” atividade corporal da criança, expressa pelo excesso de atividade motora, enfatizando a noção de “castrações simbólicas” para designar as provas que a criança deve enfrentar para seu desenvolvimento. Por fim, analisamos a questão da linguagem corporal como expressão do sofrimento da criança com base em um caso clínico ilustrativo, conhecido pelo “Caso Rosa” analisado por Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros, sob o enfoque laciano. Propomos uma nova leitura para tal caso com os elementos da clínica de Dolto, especialmente tomando o conceito de Imagem Inconsciente do Corpo. Nesse caso, a criança diagnosticada com a etiqueta científica de TDAH responde à condição de ser concebida sem mediação com a linguagem do outro materno. Aqui, buscamos abordar a massificação do diagnóstico infantil que se opõe à construção de um saber sobre o que está na causa do sintoma do sujeito e, é nesse sentido que trazemos a “hiper” atividade distinta da hiperatividade. O primeiro termo como linguagem corporal, podendo comunicar o mal-estar infantil, pelo viés da singularidade; e o segundo termo alude aos quadros clínicos de TDAH, descrito pelo DSM-V.

Palavras-chave: Criança, Hiper atividade, Imagem Inconsciente do Corpo, Linguagem, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

## **Abstract**

The child psychoanalysis clinic confronts the symptoms of a mixed epoch. What is seen currently, is an efficiency and productive demand which requires mind and body acceleration. Paradoxically, “hyperactive” children, as the manifestation of children being in the present moment, are seen as expression of “abnormality”, and nevertheless they are a representative image of the discomfort and the difficulties of dealing with such demands. This work aims to reflect over the “hyper” corporal activities of children as expression infantile malaise, from the contextualization of the psychoanalyst concepts of pulse, mirror stage and the constitution of the subject. The constitution of the Unconscious Body-Image, will be approached based on the concept described by Françoise Dolto, as a way to understand the “hyper” corporal activity of a child, expressed by the excess of motor activity, emphasizing the notion of “sinboligens castrations” to assign the obstacles that the child must face for his own development. In conclusion, the matter of body language was analyzed as an expression of child suffering with bases in an illustrative clinic case, known as “Rose’s case” reviewed by Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros, under the Lacanian approach. A new reading for such case is proposed with the elements of Dolto’s clinic, specially by taking the concept of Unconscious Body-Image. In this case, the child diagnosed with the scientific tag of ADHD reacts to the condition of being born without mediation with the language of the maternal other. Here, it’s aimed to treat the massification of the infantile diagnose, which opposes to the construction of a knowledge about what the symptom cause of the subject is, and this how we differ the “hyper” activity from the hyperactivity. The first term as a body language, being able to communicate the infantile malaise through the singularity slant, and the second one alluding the clinical status of ADHD, described by the DSM-V.

**Keywords:** Child, Hyper activity, Unconscious Body-Image, Language, Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>1. A criança e seu corpo de linguagem</b> .....	<b>14</b>
1.1. Uma vida humana: como cada um habita-se.....	16
1.1.1. O movimento corporal da criança na dimensão de um corpo pulsional.....	20
1.2. Imagem de um corpo visto e Imagem de um corpo vivido .....	23
1.2.1. Instituição educacional como função especular na cultura atual? .....	31
1.3. Os enlaces para a constituição do sujeito .....	38
<b>2. Meu corpo de palavras: Imagem Inconsciente do Corpo</b> .....	<b>44</b>
2.1. O corpo na trama conceitual da Psicanálise: Freud e Dolto .....	45
2.2. Françoise Dolto e sua relação com as imagens: Imagem Inconsciente do Corpo .....	48
2.3. As provas para o desenvolvimento: Castrações Simbólicas.....	55
2.4. Implicações Educacionais da Psicanálise de Dolto .....	62
<b>3. O Caso Clínico na Psicanálise de Dolto</b> .....	<b>67</b>
3.1. Françoise Dolto e seus casos clínicos.....	67
3.2. A leitura de um caso clínico sobre hiperatividade à luz da Imagem Inconsciente do Corpo .....	72
3.2.1. Descrição do caso: Como surge a marca da hiperatividade em Rosa?.....	73
3.2.2. Outra perspectiva de leitura para o Caso Rosa.....	75
3.2.3. Tudo é linguagem: Encenações do sintoma de Rosa.....	78
3.3. A invenção de uma vida: Destinos de Criança.....	80
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>86</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>90</b>

## Agradecimentos

Com enorme carinho e gratidão, quero compartilhar a alegria pela conclusão desta dissertação, nomeando aqueles que se importaram comigo:

A **Deus**, pela dádiva da vida e por me permitir realizar tantos planos nesta existência. Pela Sua luz que, em dias tenebrosos, me conduziu ao crescimento;

À Profa. Dra. **Edilene Freire de Queiroz**, pela acolhida no Programa de Mestrado, ainda como “aluna especial”, e por suas constantes contribuições no antes e durante a produção científica. Agradeço pela transmissão compartilhada que me serviu de inspiração com a causa analítica, a causa humana;

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, pelo incentivo e financiamento desta pesquisa;

Aos **colegas da turma 2018**, pela parceria, discussões e questionamentos sempre tão produtivos. A eles, gratidão pelo convívio e conversas incentivadoras;

Aos membros da Banca Examinadora, Profa. Dra. **Véronique Donard** (presente desde a qualificação do projeto, acompanhando o desenvolvimento da escrita) e a Profa. Dra. **Fernanda Wanderley Correia de Andrade**, que tão gentilmente aceitaram participar e colaborar com esta dissertação;

Às **professoras do mestrado**, pelas trocas e ensinamentos. Cada disciplina trouxe inquietações e pujantes construções;

À toda **Equipe Psicossocial** da SEDUC (Secretaria de Educação de Caruaru), pelo incentivo, amizade e parceria. Seguimos com o nosso lema: “Ninguém solta a mão de ninguém”. Em especial, a minha Profa. Ma. **Valeriana Porto**, hoje coordenadora da equipe e companheira de vida, que se fez presente desde a graduação até o momento atual, sabendo compreender quando estive ausente do trabalho para investir no mestrado;

Aos meus **pequenos pacientes**, por terem me mostrado a sensibilidade da escuta clínica psicanalítica;

À **Wanessa Galdino**, por se fazer presença sensível em minha vida há alguns anos. Obrigada pelos encontros no shake;

À minha família, carinhosamente chamada pela “**Chicarada**”, por trazer como raiz o nome do meu avô materno – Francisco, o Chico Véi. Agradeço pelo estímulo e vibrações positivas que sempre deixam em mim. Obrigada pelas partilhas de vida que nos dão sustentação;

À **Laura**, minha única e amada irmã, por deixar a minha vida mais feliz e pelos momentos de risadas que me conduziram a novas vivências. Agradeço a **Lara Camilla e Álva Bernardo**, pelo amor que recebo de vocês;

Aos meus pais, **Rosilda e Rinaldo**, agradeço pela sustentação ao longo da vida e pelo cuidado nosso de cada dia. Sempre presentes e ensinando que precisamos atravessar as pedras do caminho com maturidade e sabedoria divina;

A **Flávio**, meu companheiro, por partilhar seu silêncio barulhento quando precisei de concentração. Agradeço a compreensão quando estive ausente e pelo incentivo contagiante em acreditar que eu era capaz de concluir este curso. Agradeço pelas risadas que damos juntos e pelas tristezas apaziguadas;

Por fim, agradeço a todas e todos aqueles que contribuíram para a realização desta dissertação, pelas comemorações, pela alegria de viver e pelos encontros/desencontros da vida.



## INTRODUÇÃO

*A explicação, é claro, é necessária à compreensão intelectual ou objetiva. Mas é insuficiente para a compreensão humana. (...) Se vejo uma criança em prantos, vou compreendê-la não pela medição do grau de salinidade de suas lágrimas, mas por identificá-la comigo e identificar-me com ela. A compreensão, sempre intersubjetiva, necessita de abertura e generosidade.*

**Edgar Morin**

A pesquisa teórica aqui apresentada teve como ponto de partida questões que surgiram na prática profissional, enquanto educadora e psicóloga. Na prática escolar, é perceptível a criança ser falada a partir de referências médicas, orientadas pelos manuais diagnósticos, destacando um modo de patologização da infância contemporânea. Já no contexto clínico, a criança chega com o peso da causalidade biológica, dentro de uma perspectiva universalizante. Dentro desses dois contextos, o que mais veio a impactar foi a maneira de lidar com o sofrimento psíquico da criança, enquadrando-a com uma etiqueta científica dentro de abordagens comportamentais. Esse quadro faz referência às marcas trazidas pelo diagnóstico de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Tal transtorno nos faz refletir sobre a imagem atual do lugar destinado às dificuldades de compreender a infância em nossos tempos, com todo o seu aparato corporal que diz de uma imagem corporal inconsciente.

As crianças hoje circulam numa tempestade de diagnósticos, conduzidas pelas orientações normatizantes, rotuladas por respostas fixas e conduzidas por sofisticados medicamentos que adormecem o sujeito humano. Assim, a hiperatividade nos é apresentada como um “objeto clínico extremamente difícil de identificar” (ROY e ROY, 2013). Apresentando-se na clínica como sintoma, mas que tem um valor particular no quadro de um Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, que é reconhecido pelo mundo todo com seus três sintomas: hiperatividade, déficit de atenção e impulsividade. Esses três critérios apontam a existência desse transtorno, que foi rapidamente elevado à categoria de doença, para a qual se busca tratamento.

O que nos ensina a hiperatividade é que algumas crianças não foram inseridas na via da palavra e da linguagem, porque não se confrontaram com suas castrações simbolígenas - termos apresentado por Françoise Dolto para designar uma operação que insere o sujeito na cadeia do desejo, sujeito em desejança -, lugar da falta. Veremos isso no capítulo 2.

Assim, este trabalho se propõe a uma discussão teórica sobre a “hiper” atividade corporal da criança como expressão do seu mal-estar infantil, realizando um contraponto com o diagnóstico infantil voltado para a hiperatividade. Buscamos abordar a massificação do diagnóstico que se opõe à construção de um saber sobre o que está na causa do sintoma do sujeito e, é nesse sentido, que trazemos a “hiper atividade” distinta da hiperatividade. O primeiro termo, construído como uma maneira de expressão da criança com base em uma linguagem corporal, comunica algum mal-estar infantil; sendo esse o nosso interesse nesta dissertação. Já a hiperatividade, vem subsidiada pelos quadros clínicos do TDAH, descrito no DSM-V, diagnóstico rapidamente banalizado pelo seu uso médico e educacional. Nessa vertente, paradoxalmente, a hiperatividade está incluída como um diagnóstico estabelecido pelo excesso e, no entanto, faz referência à clínica do déficit, a qual está implicada uma leitura de desadaptação e, a partir disso, a indicação do tratamento é feita em termos de reeducação, adaptação, medicalização e normalização do indivíduo.

Abordamos o tema da “hiper” atividade corporal da criança, considerando os conceitos psicanalíticos de pulsão, estágio do espelho e constituição do sujeito. Discutimos a constituição da Imagem Inconsciente do Corpo, conceito de Françoise Dolto, como uma maneira de compreender a “hiper” atividade corporal, embasada pela perspectiva de que “tudo é linguagem”. Analisamos, por fim, a questão da linguagem corporal como expressão do sofrimento psíquico da criança com um caso clínico já publicado, desbravando outro olhar para a questão da hiperatividade, bem como os desdobramentos deste caso sob o conceito de Imagem Inconsciente do Corpo e a aposta no ser criança, como sujeito de desejo.

Dolto (1984 [2017]) demonstra que o corpo pode ser o palco do sintoma, justamente por faltarem à criança recursos verbais em momentos ainda arcaicos. Para a autora, o corpo é o lugar das pulsões, denominado por esquema corporal, entretanto as representações se localizam na imagem do corpo, que é totalmente inconsciente e lugar do desejo (DOLTO, 1984 [2017]). O esquema corporal possui as mesmas características, a depender da idade, e vai definindo sua superfície a partir da diferenciação das sensações externas. Já a imagem do corpo é singular, inconsciente e carrega representações únicas, ou seja, o sintoma é próprio de cada sujeito.

Nesse sentido, buscamos em Dolto componentes para pensar que a criança com sua imagem inconsciente corporal comprometida pode vivenciar no corpo o seu mal-estar psíquico, uma vez que havendo o fracasso da simbolização e uma insuficiência da linguagem, ela busca recursos motores para se expressar, aludindo a quadros de crianças agitadas e instáveis, próprio de uma “hiper” atividade corporal. Então, como se desvincular de práticas

que visam uma patologia atribuída apenas ao biológico como único administrador do sofrimento, desconsiderando a subjetividade da infância atual?

A prevalência do corpo na cena da hiperatividade na criança é a queixa principal dos pais e educadores, “Um corpo que não para, um corpo inquieto e agitado”. É percebido que essa manifestação corporal provoca um grande incômodo no adulto, possivelmente pela não compreensão dessa linguagem da criança. Esse adulto busca respostas para: “o que tem essa criança, o que fazer para pará-la”; sentindo-se impotentes diante do filho(a) numa lógica das generalizações.

Recorremos, nesta pesquisa, à importância de compreender o corpo como linguagem, em suas manifestações próprias e que requer uma escuta, na qual não basta apenas olhá-lo, contudo concebê-lo como um corpo que fala. Quando se fala em corpo na psicanálise, se refere a um corpo subjetivado, um corpo atravessado pela linguagem, totalmente imbricado com o campo coletivo.

### **A “colcha de retalhos”: uma metáfora para a produção científica**

A construção de um trabalho científico não finda, justamente por se tratar de uma experiência que apresenta hipóteses a partir de certos referenciais teóricos, mas que suscita, posteriormente, questões outras que constituem uma implicação de continuidade em busca de maiores aprofundamentos da comunidade acadêmica. Assim sendo, partimos de experiências que impulsionaram a pesquisa sobre a “hiper” atividade corporal da criança e lançamo-nos numa busca bibliográfica em direção à subjetividade infantil, campo de estudo psicanalítico que privilegia a experiência clínica, assumindo os paradigmas deixados por Freud.

A infância, dentro da perspectiva psicanalítica, é tema de interesse desde antes a graduação de psicologia e foi instigada pelas vivências de extensão e estágio, bem como no fazer clínico da profissão.

Pois bem, com esse interesse, começa-se a tecer um trabalho que consistiu na reunião de informações, leituras e produções a respeito da criança e, mais precisamente, sobre o fenômeno da hiperatividade. Casos de crianças com diagnóstico de hiperatividade, ainda tão pequenas, estavam se tornando frequentes e ainda assim, havia uma adesão com naturalidade, como se tal classificação não trouxesse indagações para outras possibilidades do viver. Nessas situações, as vivências da criança não foram consideradas em sua sensorialidade, motricidade, deambulação, agitação corporal; ou seja, um desligamento linguageiro de um sujeito que vive se comunicando com o outro.

Na literatura acadêmica encontramos trabalhos importantes sobre a hiperatividade na criança com arcabouço psicanalítico, tendo como referencial teórico a psicanálise de orientação lacaniana, que concerne ao tratamento analítico o sofrimento da criança, causado por um real que agita seu corpo e acarreta inadaptação e segregação social. Contudo, para esta pesquisa, a busca se voltava para o mundo das imagens infantis. “Como essas imagens inconscientes se constituem?”, “Em quais medidas essas imagens falam de uma pulsão desordenada, característica da hiperatividade?”

Nessa costura de pequenas peças de tecidos teóricos, interessa-nos a leitura de Dolto que veio alinhar esse conjunto das primeiras impressões gravadas no psiquismo infantil pelas sensações corporais que um bebê, até mesmo um feto, sente ao contato com sua mãe, denominada pela autora por Imagem Inconsciente do Corpo. As várias sensações sentidas pela criança (acústica, dolorosa, gustativa, olfativas, etc.) são costuradas com a linha do desejo (representada por Dolto como a imagem dinâmica – o sujeito em desejância), formando a imagem inconsciente do corpo, imagem mental de si. A título de ilustração, trazemos o termo “*Patchwork*”, utilizado por Nasio (2009) para demonstrar um trabalho construído com retalhos, com padrões, cores e formas diferentes, formando um desenho, uma imagem. Por certo, o conceito de Imagem Inconsciente do Corpo, foi atrelado à metáfora da “colcha de retalhos”, justamente por se referir a uma *gestalt* do corpo, unidade constituída por componentes da imagem de base, a imagem funcional e a imagem erógena.

Com isso, surge o desejo de sistematizar reflexões acerca dessas imagens para compreender a hiperatividade, descolando de uma identidade diagnosticável, mas lendo a ação desordenada do corpo infantil como uma inquietação corporal, apresentando-se enquanto sintoma.

Tratou-se, nesse viés, a metáfora da “colcha de retalhos”, enquanto uma produção artística, que consegue conciliar fragmentos de peças e costurá-los entre si, resultando em uma nova criação. Esta reconfiguração que ocorre na via artística captura novos olhares para aquilo que já estava posto, sobretudo, sendo enfatizado por outro paradigma performático. Quanto ao nosso trabalho, recorreremos à imagem da colcha de retalhos para aludir a essa costura de conhecimentos, que culmina numa produção não inédita, mas inventiva, buscando outros sentidos a partir do que já foi escrito, emergindo com os desafios da clínica psicanalítica com crianças. A propósito disso, esta pesquisa representa um convite a ampliar novos debates sobre a temática, aprimorando-se do que Françoise Dolto postulou sobre a Imagem Inconsciente do Corpo.

## **Algumas considerações para a discussão**

A pesquisa psicanalítica oferece uma possibilidade de convivência, em alguns “nichos de pesquisa” e reflexão, que pode trazer um grande arejamento ao pensamento psicanalítico (FIGUEIREDO, 2002). Em torno desse pensamento, definimos nossa escrita como uma pesquisa bibliográfica, tratando-se de “pesquisa acadêmica em psicanálise”, decorrente do campo epistemológico marcado pelos registros da pesquisa teórica e da ética da clínica. Nesse modelo, a produção de conhecimento prescinde as generalizações, pautando-se no singular da experiência clínica.

No Capítulo 1, trazemos a criança e seu corpo de linguagem, tomando como ponto de partida o movimento corporal da criança na dimensão de um corpo pulsional, embasado pela leitura freudiana e contribuições do circuito pulsional proposto por Lacan. Dentro desse tópico, aludimos à temática do “movimento” enquanto ato. Seguimos revisitando o estádio do espelho, demarcando semelhanças e diferenças entre o pensamento de Lacan e Dolto. Ela distanciou-se do pensamento de Lacan, concebendo o acontecimento do espelho como anterior ao que ele propôs e continuou apresentando o sentido relacional com o espelho. Para assim trazer algumas reflexões sobre a constituição do sujeito, a partir da subversão freudiana do inconsciente, repensando o lugar da criança inscrita pelo desejo.

No capítulo 2 lançamos os postulados de Dolto sobre a Imagem Inconsciente do Corpo, cujo objetivo foi discutir sua constituição como uma maneira de compreender a “hiper” atividade corporal da criança. Aqui evidenciamos as três imagens propostas pela autora: imagem de base, imagem funcional e imagem erógena. Três componentes da imagem do corpo que se “metabolizam, transformam-se e se remanejam”, ligadas através da imagem dinâmica. Na sequência, foi dado lugar a noção de “castrações simbólicas”, propostas pela travessia das provas apoiada pela linguagem, que permitem a renúncia de uma satisfação corpo a corpo para dar lugar à autonomia do sujeito. Dolto, em suas contribuições teóricas e clínicas, lançou um importante papel para os educadores, colocando-os como fundamentais na hierarquia dos desejos, nas castrações. Assim, consideramos pertinente demonstrar as implicações educacionais da psicanálise de Françoise Dolto neste item.

Finalmente, no Capítulo 3, debruçamo-nos no caso clínico. Trouxemos o caso clínico na psicanálise de Dolto, destacando seu fazer clínico e suas proposições que envolvem a escuta do inconsciente de crianças muito pequenas, com seu arcabouço das imagens. Nessa perspectiva, propomos a discussão do caso “Rosa”, de Maria do Rosário Collier do Rêgo

Barros, que apresentou suas interpretações a partir da teoria lacaniana, justamente por se tratar de um caso no qual a questão da hiper atividade da criança é um dos seus sintomas.

Com tal caso, destacamos uma nova leitura com os elementos da clínica de Dolto, discutindo a imagem inconsciente do corpo, no nível de suas castrações simbolígenas, bem como as encenações do sintoma de Rosa na dimensão da linguagem. A partir destes elementos, tratamos da possibilidade de criações na clínica psicanalítica com a “Invenção de uma vida: Destinos de criança”. O que Dolto nos apresenta como destinos de criança trata-se de compreender o sentido a tudo o que uma criança faz, como sendo uma linguagem do passado que ela revive no seu viver relacional, propondo novas saídas diferentes das marcas da hiperatividade.

Arrematamos nossas discussões nas considerações finais, um lugar não conclusivo, mas de estancamento das ideias para se olhar as reflexões mais significativas levantadas ao longo do trabalho e apontar os desafios que este estudo nos lança.

## 1. A criança e seu corpo de linguagem

*Alguma coisa talvez tenha mudado na condição da criança a partir do momento em que o olhar da psicanálise se voltou para os menores, sem limitação de idade. Há trinta anos, o corpo médico não admitia muito que a relação de linguagem possa se estabelecer desde o nascimento. A experiência pessoal de Françoise Dolto esclarece bem as resistências da sociedade e as dificuldades encontradas a partir do momento em que procuramos modificar a atitude dos adultos em relação às crianças e dialogar com cada uma delas como sendo 'menor do que ele próprio', mas de igual grandeza.*

**A causa da criança (2005)**

É cada vez mais frequente, na prática com crianças, a indicação de tratamentos clínicos para jovens estudantes inquietos e dispersos, que acabam recebendo o diagnóstico médico de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), em função de uma prática inadaptada na escola. Um corpo agitado, inquieto, impulsivo configura-se no conjunto de sintomatologias, correspondentes à descrição do quadro patológico de TDAH. A configuração da hiperatividade, inscrito no DSM-V pode ser compreendido como um resultado da passagem de uma sociedade fundada na lei, para a sociedade fundada sobre a noção do normal e do patológico (MANDIL, 2013). Marcas de uma sociedade em que os mecanismos reguladores, classificatórios e normativos ganharam destaque e foram inseridos, rapidamente, para se cuidar da vida.

Atualmente, muito se fala sobre tantas mudanças na sociedade: a queda da tradição e das ideologias, as novas configurações familiares, o avanço tecnológico, a nova relação com o tempo, com o espaço e com a imagem, o que demandam novos significantes individuais e coletivos. Com essas transformações, segundo Mandil (2003), apareceram novas formas de subjetivação e o homem assumiu outras posições diante de si e do outro. De tal modo, inscrevem-se novos ideais para a infância, submetendo a criança a avaliações, competências cognitivas, competições e práticas universalizantes; levando-nos a discutir acerca do que se espera de uma criança na atualidade e como vem sendo manejada a linguagem como laço simbólico entre esses sujeitos. Tudo isso para interrogarmos sobre o que pode estar em jogo na hiperatividade e, a partir dessa questão, de qual perspectiva a psicanálise pode ocupar-se.

A criança, na contemporaneidade, ganhou destaque nas famílias e instituições escolares. Paradoxalmente, esse lugar de destaque da criança passa por duas vertentes: os “sem limite” e os “sem tempo”. De um lado, a criança é elevada à condição do “pequeno príncipe”, em que se realizam seus pedidos para que nada lhe falte, evidenciando um culto da

infância. Por outro lado, a criança é submetida a ocupar todo o seu tempo com atividades dirigidas, cada vez mais institucionalizadas pela lógica comportamental e de adaptação. Isso quer dizer que, a partir do século XIX, a criança passou a ocupar um lugar central e de importância nas famílias. Há hoje, uma contradição ao que se espera de uma criança, pois sua espontaneidade fica ameaçada, prevalecendo práticas universalizantes, com escalas e tarefas do que se espera em determinada idade, que desconsideram a dimensão subjetiva. Com isso, não há uma consideração do saber produzido pela criança. Dolto (2005) demonstra que o discurso sobre a criança data da metade do século XIX e que o discurso atual atribui a nossa época o privilégio de, em relação aos séculos anteriores, ter priorizado a criança. Contudo, dizer que finalmente, estamos começando a dar a ela o lugar que merece, é relativo, pois a ampliação do discurso sobre a criança não assegura respeitar seus direitos e abrir-lhe espaço de sujeito.

De modo diverso, a clínica psicanalítica, recai sobre a criança, enquanto sujeito do inconsciente em sua dimensão simbólica e desejante, apostando, sobretudo, na criação do brincar, na invenção de saídas possíveis, na fala e reconhecendo os efeitos do corpo-linguagem.

De acordo com Elisabeth Badinter (1985), o interesse pela criança e os cuidados maternos apontam para uma época recente na história da humanidade. A autora demonstra com sua obra “Um amor conquistado: o mito do amor materno” que a sociedade, antes do século XIX, não atribuía à criança o lugar que hoje lhe conferimos. Significantes como “criança estorvo” definiam como ela teve pouca importância no seio familiar, por não considerarem um ser humano completo. Nesse sentido, não se considerava a especificidade da criança e como sinal de nobreza, as mulheres entregavam seus filhos a ama de leite, transferindo para outras suas obrigações maternas; afinal, ocupar-se de uma criança não é nem divertido, nem elegante. O desinteresse não é privilégio exclusivo dos mais desamparados. Concomitantemente, Dolto (2005) expõe que, apenas no século XIX, a criança aparece, na pintura, sozinha, de uniforme escolar, com atitudes de criança, ou seja, a criança, anteriormente, ainda não era sujeito de um verbo; ela é objeto de um verbo para aquele que fala dela. Trata-se de lembrar que a criança, seja qual for a idade, foi um empecilho para a mãe, não apenas na vida conjugal, mas também nos prazeres e na vida mundana e com isso não havia uma política que se ocupasse dessa criança.

Esse cenário foi modificando a partir do interesse do Estado em diminuir a mortalidade infantil, atribuindo um novo imperativo à sociedade: a sobrevivência das crianças. Para operar essa tarefa, se fez necessário convencer as mães a se dedicarem às



tarefas maternas; e, dispensar meios socioeconômicos e filosóficos em defesa da criança. Isso resulta em novos interesses, convertendo-se na concentração de estudos e pesquisas sobre o desconhecido da infância e, sobretudo, o acento sobre seu desenvolvimento, aprendizagem e espontaneidade. Posteriormente, o discurso psicanalítico emerge, construindo um saber sobre o sujeito do inconsciente, incluindo o corpo e sua linguagem. Na experiência transferencial, permitimos pensar a problemática da criança dentro de uma trama de afetos, na qual a angústia, pelos seus componentes físicos, pode apresentar-se de várias maneiras: expressões sintomáticas que se manifestam no corpo, inclusive na agitação, inscrevendo-se como um corpo de linguagem.

Em virtude disto, neste capítulo, apresentamos o lugar do corpo da criança para a psicanálise, que diz respeito a um sujeito marcado por símbolos. Contextualizamos conceitos como pulsão e o estádio do espelho para adentrarmos na constituição do sujeito e sua relação com a imagem inconsciente do corpo.

Portanto, para que o corpo seja apresentado, dentro da perspectiva psicanalítica, levantamos alguns pontos que enriqueceram a discussão: a marca que se apresenta na hiperatividade revela questões de uma pulsão desordenada? De qual corpo falamos na psicanálise? A psicanálise inicialmente se interessou pelo biológico no funcionamento psíquico? De acordo com Hanns (1999), Freud ao formular o conceito de pulsão teve interesse em apresentar um modelo do funcionamento psíquico, exibindo as bases fisiológicas do psiquismo e localizando os fatores biológicos em nossos comportamentos. Essas formulações, naquilo que possibilitam pensar o sujeito conjugado, conectando corpo e pensamento, contribuíram para falar de um corpo pulsional. Sendo assim, discorreremos sobre a pulsão, a partir das primeiras sensações corporais do recém-nascido, se apresentando, de acordo com Freud (1915), como um conceito situado na fronteira entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se origina dentro do organismo e alcançam o psiquismo. Vejamos, a seguir, o pressuposto freudiano a propósito da pulsão.

### **1.1. Uma vida humana: como cada um habita-se...**

Freud (1974 [1930]), em “O mal-estar na civilização”, afirma que o sofrimento imposto pela civilização nos ameaça por meio de três dimensões: de nosso corpo, condenado à decadência e à dissolução; do mundo externo, que pode voltar-se para nós com força destrutiva; de nossas relações com outros homens, na maneira em que se pode dar e receber os limites de nosso poder real, suportando as dificuldades e desfrutando as alegrias. Para fazer frente a esse mal-estar, Freud acrescenta que o método mais eficaz de evitar o sofrimento é

aquele voltado para o próprio corpo, ou seja, ações que promovem sensações prazerosas no próprio corpo. De certa forma, Freud incluiu os elementos químicos como forma possível de anestesiar o sofrimento humano; mas apontou também que somos incapazes de receber estímulos desagradáveis. Para tratar desses estímulos, Freud traz a concepção de pulsão.

Desde o início da psicanálise, o corpo foi tema abordado por Freud, considerando-o como fonte das pulsões. Desta feita, Freud (1915) considera a pulsão um conceito limítrofe entre o psíquico e o somático, uma vez que ela tem sua fonte no corporal. Decerto, a proposta pensada se volta para a articulação da psicanálise como um corpo político que mobiliza comportamentos sociais, históricos e culturais, possibilitando pensar os circuitos dos afetos produzidos pelas especificidades dos sujeitos (SAFATLE, 2016). Essa orientação considera a conjuntura subjetiva da criança, sua relação com o outro, com a aprendizagem e, sobretudo, com o corpo simbólico. Vê-se que a criança, por vezes, manifesta seu mal-estar por meio de atuações no ambiente escolar e social. Estas atuações, de acordo com Santiago (2013), são marcas invisíveis, manifestadas na superfície de um corpo pulsional, inscrito por significantes, tais como: desorganizado, agitado, impulsivo e desatento.

Comumente ouvimos frases com essas conotações: “Essa criança não para”; “Tem algum problema”; referindo-se ao corporal como algo difícil de ser entendido enquanto uma mensagem simbólica. Strazzacappa (2001) destaca que “o indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente, através do movimento”, acrescentando que nossa educação não pensa o corpo como parte do ser, valorizando o saber cognitivo, o pensamento, o uso isolado da mente, da reflexão, ignorando o corpo completamente.

É importante lembrar que no início da vida, o bebê é marcado pelo desejo dos pais, dentro de uma trama simbólica, na qual resultarão marcas e operações que se inscrevem numa imagem inconsciente do corpo, manifestando-se enquanto significantes. Essas apreciações são conduzidas a partir do momento que concebemos os ensinamentos de Freud sobre o bebê. Trata-se, que o recém-nascido busca satisfazer suas necessidades orgânicas e age por puro prazer. Ao satisfazer-se biologicamente, vai experimentando sensações que apontam outro tipo de satisfação. Essa segunda satisfação foi descrita por Freud (1915) como apoio. A noção de apoio é referida para localizar a pulsão se sobressaindo ao instinto. As pulsões sexuais, que são secundárias, se apoiam no funcionamento biológico, caracterizando uma ligação entre pulsões sexuais e de autoconservação. Num primeiro momento da teoria pulsional, Freud (1910), apresenta o conflito entre as pulsões sexuais e de autoconservação. Em um segundo momento, o conflito passa a ser entendido entre as pulsões de vida e pulsões de morte. Essa noção de apoio direciona nosso entendimento para pensar a fonte da pulsão como um fator

biológico, no qual o estímulo pulsional surge de dentro do organismo, atuando nele como uma força constante, e assim sendo, a pulsão é o instinto que se desnatura em busca de satisfação.

Com o passar do tempo, a criança vai elencando outros objetos parciais, que se liga ao movimento de redução da tensão, podendo ser partes do próprio corpo, alguma pessoa ou objetos fantasmáticos, que imprimem traços de memória significantes (LACAN, 1988), realizando um circuito pulsional que obedece a um trajeto: tem sua fonte no corpo, contorna um objeto e volta como traço significante. Com outras palavras, o movimento de sucção alimentar encontra uma ação que vai além do nutrir-se, revelando prazer nas zonas erógenas e imprimindo uma satisfação, que em outros momentos a criança recorrerá a esses mesmos objetos para alívio de tensão, pois ficou ligado ao registro de prazer. Roudinesco e Plon (1998), refletindo sobre a posição freudiana, realçam que essas atividades repetitivas de satisfação promovem o autoerotismo e dessa feita as pulsões parciais buscam meio de satisfazer-se.

Relendo Freud, Joel Birman (2016) utiliza a metáfora dos conjuntos para pautar o limite entre o somático e o psíquico no conceito de pulsão. Ele registra o somático e o psíquico enquanto dois conjuntos restritos, e a pulsão se anunciando e enunciando na intercessão desses campos. “O campo constitutivo da pulsão não seria então nem psíquico nem somático, mas inscrito como um limite e no limite entre esses, posicionando-se como um conjunto de intercessão” (BIRMAN, 2016, p. 95). Esse campo sugere um fator representativo do domínio e das manifestações que o corpo tem nas formações inconscientes. A linguagem inconsciente é uma escrita articulada entre o corpo e o psiquismo, no qual Freud concebe o aparelho psíquico como um aparelho de memória e de linguagem, supostamente por deixar registros das trocas sensoriais do bebê e seus objetos parciais.

Nessa perspectiva, Freud nos diz que a pulsão é representada pela ideia e pelo afeto, ambos não podem se tornar objeto da consciência e mesmo no inconsciente só se apresenta pelos seus representantes psíquicos. Cada um desses representantes conhece diferentes destinos que obedecem a diferentes mecanismos de transformação. Os destinos do afeto são diferentes dos destinos do representante ideativo. Se, por um lado, os destinos do representante ideativo são: A inversão no seu contrário; O retorno sobre a própria pessoa; O recalque; A sublimação, por outro, os destinos do afeto, exposto por Freud (1905), se apresentam de três maneiras: na transformação do afeto (histeria de conversão), deslocamento do afeto (obsessões) e troca de afeto (neurose de angústia e melancolia). O que podemos verificar a partir dessas definições é que Freud em “As pulsões e seus destinos” trata não dos

destinos da pulsão, mas dos destinos do representante ideativo da pulsão, o que atingem o afeto, sofrendo destinos diferentes ao ser atingido. O fundamental é que em todo o processo a pulsão mantém a sua origem sexual, contudo, o sistema psíquico age no sentido de manter o melhor nível de equilíbrio possível entre as exigências pulsionais e as exigências da cultura.

Lasnik (2013) elucida que o circuito pulsional é um movimento que se fecha sobre o seu ponto de partida. “Mesmo se este circuito se apoia sobre a satisfação orgânica, a satisfação pulsional é de um outro registro” (LASNIK, 2013, p. 27). Registro que se localiza no campo do desejo, ligando-se ao princípio de realidade que regulam a satisfação e elenca objetos possíveis, não mais parciais, num movimento de economia libidinal. Birman (2016) destaca que essas transformações convertem o registro do somático em erógeno. O organismo passa a ser corpo a partir da experiência da satisfação pulsional e assim o discurso biológico não consegue dar conta dessa transmutação.

Igualmente como os sintomas histéricos foram anunciados no âmbito orgânico, atualmente vemos isso ocorrer com o fenômeno da hiperatividade. Freud tomou para si o enigma dos sintomas histéricos, e hoje vislumbramos seus achados para dialogar sobre o corpo erógeno na hiperatividade. Nosso corpo nos é concedido pela linguagem e “esta governa seu uso, regulando o valor simbólico de sua presença no mundo” (ROY e ROY, 2013, p. 30). No avanço do ensino de Lacan (1998), ele retorna o conceito freudiano de pulsão, designando o campo do gozo<sup>1</sup> para nomear os efeitos do significante no corpo. De acordo com o pensamento lacaniano (1998), o modo de apreensão do sujeito, neste nível, é a letra que inscreve no corpo, por mais que o significante o represente junto a outro significante, ou seja, o sujeito é a boca, é o ânus, os balizamentos corporais da pulsão. Isto implica dizer que o gozo “não se diz a não ser como periférico” (De Césaris, 2016, p. 92), localizado em bordas corporais, chamadas por Freud de zonas erógenas.

No registro da pulsão, o corpo biológico se diferencia do corpo erógeno. Este último marcado por registros inconscientes, fantasias e realidade psíquica. A linguagem se coloca a serviço da cultura, marcando a entrada do sujeito no mundo simbolizado, operando uma ruptura com a naturalização do instinto. O discurso incide sobre o corpo erógeno, porém a mensagem que o corpo desejante produz, ligada às pulsões e seus destinos, traçam uma linguagem arcaica. Um corpo marcado por “um conjunto de defesas que o aparelho psíquico

---

<sup>1</sup>Dolto (1998) apresenta o gozo como conceito desenvolvido por Lacan. Ele utilizou o termo para designar uma significação muito particular, que é o oposto do prazer. O gozo é, pois, uma erotização, no sentido psicanalítico, ligada à dor.

constrói para lidar devidamente com os impulsos perturbadores, que provoca exigência de trabalho ao psíquico por sua ligação ao corporal” (BIRMAN, 2016, p. 118). Trata-se de buscar a satisfação para alívio da tensão. Freud (1915 [1996]) utilizou quatro termos para fazer referência à pulsão: pressão, finalidade, objeto e fonte. A fim de dinamizar estes diferentes elementos, ele considera “a pressão ou impulso” o elemento motor que impele o organismo para a ação específica responsável pela eliminação da tensão; “a finalidade” da pulsão que é sempre da ordem da satisfação, supondo que esta satisfação envolve uma parcialidade; “o objeto” é o meio pelo qual a pulsão pode atingir sua finalidade, podendo ser o mais variável possível, isto é, uma pessoa, partes do próprio corpo ou objetos fantasmáticos; e, por fim, “a fonte” que é corporal, entendida como um processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo.

É interessante destacar que, aquilo que Freud designou por objetos pulsionais (oral, anal e fálico), objetos que na teoria clássica são qualificados como pré-genitais; Lacan acrescentou a eles, o olhar e a voz, para enumerá-los como quatro: seio, fezes, voz e olhar. Isto implica pensar: o que agita o corpo da criança não é fácil de dizer, mas pode ter sido atravessado por zonas marginais onde circulam esses objetos pulsionais.

O movimento de transposição produzido por Freud na concepção do corpo toma aqui outro viés: “o corpo psicanalítico é, portanto, construído pela alteridade” (De Césaris, 2016). A compreensão desse ponto gera uma outra dimensão na clínica com crianças, uma posição em que se entende o lugar e as transformações do corpo infantil e os enlaces de uma linguagem que enuncia o sujeito do inconsciente, representado pelo desejo.

Vimos que o corpo é subjetivado e nele se enunciam significantes consistentes, em que a criança sustenta suas atuações. Por isso empreendemos, na sequência do presente capítulo, considerações teóricas sobre o movimento corporal, aludindo a esse movimento valor de ato, valor simbólico.

### **1.1.1. O movimento corporal da criança na dimensão de um corpo pulsional**

“O movimento corporal sempre foi dentro do espaço escolar uma moeda de troca” (STRAZZACAPPA, 2001). É de maneira direta e categórica que a autora Márcia Strazzacappa inicia seu artigo sobre o olhar da educação para o corpo e sua mobilidade nos espaços sociais, principalmente no que se refere à instituição escolar. O corpo, por esse viés da moeda de troca está a serviço do saber cognitivo, enquanto fruto de um pensamento racional e apolítico. Podendo acrescentar a isso também, um grande incômodo pelos corpos

silenciados das crianças, correndo o risco da categorização, justamente por não se enquadrar na norma que exige os parâmetros científicos.

Como vimos inicialmente, a criança no século XVII, era pensada sem considerar suas particularidades. Todas as referências desse período pertencem a categorias de desprezo por parte da família e da sociedade, sendo a criança vista como “um adulto em miniatura”, justamente pelas condutas que incidiam sobre seus corpos. Dentre essas categorias da literatura, compreende-se a criança como “fruto do pecado”, a qual deve ser investida na sua recuperação, e para isso, o castigo físico seria a melhor maneira de reprimir esse ser privado de razão. Já no século XVIII, a criança é marcada por ser um “erro” e, antes de mais nada, tem fraqueza de espírito, pois o entendimento está sob a total dependência do corpo. Com esses argumentos, a infância “é a anti-transcendência divina, a punição do homem”. (BADINTER, 1985, p. 63). “Erro ou pecado”, a infância foi vista como um mal, marcada pelas impressões suscitadas em seu corpo. Assim, a imobilidade física/corporal é a melhor forma de punição para conter um mal; e ao contrário disso, a liberdade de se movimentar é atrelada como recompensa diante da contenção do corpo.

Sob essa perspectiva, a educação dos séculos XIX e XX lidava com as crianças e adolescentes indisciplinados contendo o corpo através de castigos e punições, com a justificativa que o erro não se repetisse, ou seja, na intenção de conter os corpos simbólicos e questionadores da época. Os castigos corporais, inquestionáveis, era um método pedagógico comum. Castigos com varas, beliscões e tapas fizeram parte da escola punitiva, aplicados às crianças, independente da sua idade. Analisando essas atitudes, percebemos o fracasso e os erros que há séculos alienam e arruinam as relações entre adultos e crianças. Analisamos também, em que a educação avançou em relação aos “indisciplinados”, “inquietos”. Hoje, os “hiperativos”, classificados categoricamente, continuam, de certa forma, punidos em seus corpos pela escola, na lógica do “vigiar e punir”.

Tal apreensão ocupa-se de conceber o corpo no dualismo cartesiano, caracterizado pelo dito popular: “Quando a cabeça não pensa, o corpo padece”. Na contramão desse pensamento, encontramos em Freud (1923) uma abordagem que marca o “eu” como “eu-corporal”, apontando uma operação simbólica de um corpo libidinal, construindo comunicação linguageira nos seus movimentos. Como é sabido, Freud (1923), afirma que o “eu” é acima de tudo, um eu corporal, é ele a projeção de uma superfície, constituído sempre num processo dialético, que implica o próprio eu e o outro. Constitui-se por pulsões parciais dirigidas ao próprio corpo (autoeróticas), antecedendo o eu propriamente dito. Vemos que através da sua teoria das pulsões, Freud propõe um deslocamento daquilo que chamou

inicialmente de um “organismo humano” para se referir a um “ser humano”. O organismo passa a ser inscrito sob a condição de sujeito, segundo Barros (2009), citando Frej.

Na teoria psicanalítica freudiana, vimos que ele se utilizou da noção de apoio para conceber que, a atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela. Já Lacan (1999) evidencia que não existe estado de necessidade pura, pois desde sua origem, a necessidade está no campo do desejo. Assim sendo, o grito do bebê já demanda valor de significantes, pois implica a presença de um outro simbólico que vem nomear suas manifestações corporais.

No campo da neuropsicologia, os primeiros movimentos do *infans* são descritos por movimentos espontâneos ou movimentos autônomos (AJURIAGUERRA, 1980). Nos movimentos corporais do bebê, a neuropsicologia atribui sentidos distintos no que se refere às reações espontâneas. A propósito deste movimento primário do bebê, eleva a dimensão da singularidade como premissa para considerar atividades de comunicação e alerta, pontuando uma série de manifestações expressivas interessantes para nossa pesquisa. A intenção não é a busca de respostas para cada movimento corporal, contudo, transitar por outros campos na busca de fundamentação para pensar a hiper atividade corporal da criança, desviando-se de uma patologia.

Para Ajuriaguerra (1980), no estudo evolutivo dos movimentos espontâneos do lactente, deve-se estabelecer uma diferenciação entre a noção de agitação difusa com irritabilidade e o estado de atividade, pois, prematuramente, o excesso de atividade corporal está sendo julgado de hiperatividade, movido por uma tendência a agitação patológica. Os comportamentos expressivos estão, desde muito cedo se manifestando, revelando-se de uma forma não definida, no princípio; todavia, o receptor logo lhe dá uma significação para decifrar o que parece estar desarticulado. Desde a gestação, aos gritos, choros e mudanças tônicas e posturais, o autor, enfatiza as primeiras inter-relações, consideradas como primeiros modos de apego. Para Ajuriaguerra (1980), “a hipertonicidade, a hipotonicidade e a *détente* corporal da criança podem ser vistos como expressões apelativas”. É preciso insistir, segundo o autor, sobre as características individuais das crianças, sua história pessoal particular no seu ambiente, na sua singularidade.

Na física, o “movimento” consiste numa mudança de posição de um corpo ou de um sistema, em relação ao tempo, quando medido por um dado observador num referencial determinado. A noção de movimento implica assim, a presença de um outro e a transformação de um estado anterior a um novo estado, sugerindo neste um ato significativo, fundando uma

nova operação (ROY e ROY, 2013). O ato, na psicanálise tem valor simbólico e acompanha a dimensão da criação.

Roy e Roy (2013) em seu ensaio a respeito da Hiperatividade: Ordem e Desordens, elucidam algumas dimensões para o termo “agitar”, apresentando efetivamente o caráter da “desmedida”, “agir muito e frequentemente”. O ponto nodal do texto é a articulação entre o ato e ação do sujeito. A respeito dessa problemática, lembramos que todo ato implica uma ação; ação que pode ter valor de ato, com sua dimensão simbólica; e ação que não tem valor de ato, isto é, movimentos desordenados, que não está na ordem simbólica. Quando o ato e a ação estão divorciados, a agitação tem valor de transtorno, ameaçando o equilíbrio. Pensamos que a hiper atividade corporal da criança vem articulada com o ato da comunicação linguageira, não um ato isolado sem valor simbólico, mas, um “ato/potência”. Isso abre um viés para criar algo diante desses atos, possibilidade de operar laço social com o outro e consigo mesmo. É o tornar-se, o devir da condição humana que vem sendo exaltado, justamente pela ideia da possibilidade do afeto provocar reações. Colocar-se na verdadeira perspectiva do ser, de desembaraçar-se da trama da compulsão a repetição, como é observado em casos que carregam a marca do diagnóstico da hiperatividade.

Passaremos agora a considerar a conceituação sobre o “estádio do espelho”, sustentada por autores como Lacan e Dolto, que desenvolveram suas postulações sobre a imagem corporal. Essas postulações nos oferecem questões para propor a hiper atividade corporal da criança como uma linguagem sintomática.

## **1.2. Imagem de um corpo visto e Imagem de um corpo vivido**

O corpo, por meio das sensações olfativas, auditivas, gustativas, visuais, através do contato pele a pele, assim como do olhar endereçados à criança, que lhe devolve sua imagem refletida, tal como a metáfora do espelho, e as palavras que nomeiam, é o que oferece à criança a consistência na formação do eu e da constituição psíquica. Para que o sujeito possa, a partir dessa imagem, existir enquanto sujeito do desejo, é fundamental o encontro simultâneo entre a imagem especular e a palavra enquanto mediação simbólica.

Acerca do registro do mundo das imagens, Lacan o demarcou por registro do “imaginário”. De Césarís (2016) ressalta que o autor nunca deixou de se interessar pelo registro do imaginário, embora devesse reconhecer que o registro do “simbólico” ocupou um lugar fundamental em sua obra. Decerto, os comentadores da obra lacaniana colocam que ele não abandonou as argumentações sobre esse registro durante todo o seu ensino, ao qual acrescentou o simbólico e o real como “três registros da realidade humana”.



A estrutura foi referência para Lacan, por se tratar de uma relação com a linguagem, com o significante e com o simbólico, bem como ressaltou Meira (2013), referindo-se ao aforismo lacaniano: “O inconsciente se estrutura como uma linguagem”. Assim como, em Freud, o “Complexo de Édipo” foi marca central e estruturante para conduzir o desenvolvimento psíquico; em Lacan, o “estádio do espelho” é colocado como um paradigma, como uma espécie de estrutura da subjetividade. O Édipo é instaurador da lei do desejo, operado pela castração simbólica. A interdição do incesto, tão fundamental para o progresso da civilização, promove a estrutura psíquica do indivíduo. O estágio do espelho, por sua vez, não se refere, especificamente, a uma experiência observável, mas transforma essa experiência num estágio, na qual desaparece toda referência de uma lógica natural que é unificada a partir de funções biológicas, para tornar-se uma “experiência psíquica”. Tanto o “Édipo”, quanto o “estádio do espelho” não se referem a um momento, nem se quer a uma experiência concreta. Sugerem a ideia de que essas experiências psíquicas ocorram em vários períodos da vida do sujeito, em que constantemente, sejam revisitadas, como uma espécie de imagem que vai se constituindo. Resgatamos, aqui, o caráter primordial da experiência do espelho, contudo, reforçando dessa formulação, uma estrutura a ser atravessada durante toda a vida do sujeito.

Nesse sentido, Dolto também valorizou intensamente o registro do simbólico, instituindo a fala desde os primórdios da criança, fazendo desse recurso a via de sentido entre a vida real e as vivências internas. Revisitou conceitos desenvolvidos por Freud; e por ser contemporânea a Lacan discutiram alguns pressupostos que fizeram de ambos, figuras conceituadas. Além disso, inaugurou conceitos que fizeram de Dolto uma voz na psicanálise. Roudinesco e Plon (1998) discorrem da relação de Dolto com Lacan, explicando que ela se alimentava da doutrina lacaniana de uma forma muito espontânea e prática; já ele rendia homenagem a Dolto pelo seu gênio clínico, como se encontrasse nos seus trabalhos as hipóteses que formulava a respeito da linguagem, apesar de não se compreenderem em suas proposições.

Lacan retorna às obras de Freud e recoloca o inconsciente em voga, usando suas teorias como subsídio para formular seus próprios conceitos, destacando-se neste ponto o “estádio do espelho”. É uma leitura do papel do espelho na vida da criança que marca a entrada dela para o mundo da linguagem. A ênfase desse momento volta-se para o olhar, fundado pela linguagem, pelo simbólico, como constitutivo do “eu”, ou seja, “o estágio do espelho como formador da função do eu” (LACAN, 1949).

Bastos (2015), em seu livro “A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan”, diz que Lacan subsidiou-se nos estudos de Henri Wallon sobre a construção da representação corporal da criança pequena para postular seu trabalho intitulado “Estádio do espelho e a formação do eu”, apresentado em 1936 no Congresso da IPA (International Psychoanalytical Association). Assim, pode-se dizer que Lacan sofreu uma forte influência do pensamento walloniano nos seus estudos iniciais a respeito do estágio do espelho. Todavia, distanciou-se dele, partindo da concepção de sujeito do inconsciente, e suas formações. Para a autora, o maior ponto de aproximação entre estas duas teorias se dá em torno da concepção do estágio do espelho. Em Wallon, o espelho é um instrumento concreto, no qual a criança pode ver sua imagem, construir gradualmente sua consciência corporal para a tomada de consciência de si; processo influenciado sob a perspectiva biológica, maturacional no desenvolvimento psíquico. “A psicogenética walloniana buscou compreender o processo de desenvolvimento propondo uma articulação entre a afetividade, a inteligência e o ato-motor” (BASTOS, 2015, p. 13). Em Lacan, a imagem especular é uma imagem ilusória, pois é por meio do olhar do outro da linguagem que a criança vai constituir a imagem corporal. O espelho, aqui, não se refere a um objeto concreto, mas ao que foi projetado para a criança por sua mãe e/ou família.

Abrimos um parêntese para contrapor o dizer walloniano sobre a função do espelho como “tomada de consciência de si”. Vimos que Lacan se apropriou de Wallon para construir seus pressupostos da imagem especular, todavia, o sujeito lacaniano é o sujeito do inconsciente. Com esta noção, o sujeito, na concepção lacaniana, não responde ao princípio racionalista cartesiano, que enfatiza o sujeito epistêmico.

É pela identificação com essa imagem especular que a criança poderá desenhar um eu, surgindo um sujeito. Para Lacan (1998) o estágio do espelho marcará a passagem de uma relação dual e recíproca, característica do registro imaginário, para uma relação inscrita pela linguagem, própria do registro simbólico. Bergès (1986), ao retomar o que Lacan diz sobre o Estádio do Espelho, postula que em seu seio vai se constituir um corpo receptáculo erotizado pelos desejos da mãe, de tal modo que as imitações precoces podem aparecer como ligadas ao desejo e à demanda. Desta maneira, o corpo aparece como um receptáculo de inscrições que aludem ao fantasma, em particular, pelos efeitos de captura da postura ou do olhar. Nesse viés, é no centro desse jogo de posições, posturas, olhares que podem se conceber as instabilidades psicomotoras, ou seja, uma ação que se dá em profundidade sob o olhar do outro.

Inicialmente, a desordem do corpo erógeno, devido a energia que flui constantemente de forma aleatória na criança, faz com que ele desconheça sua unidade de conjunto, apresentando-se desordenadamente; da forma como Freud descreve a sexualidade infantil: “perverso polimorfa”. Nesse sentido, o Outro<sup>2</sup>, enquanto simbólico, oferece para a criança as referências, nomeadas como significantes, para que ela se estruture diante da desarticulação natural. Como desdobramento desse pressuposto, Lacan (1949) considera que o estágio do espelho ordena-se a partir de uma experiência fundamental de identificação, em que a criança conquista a imagem do seu próprio corpo, pois é por meio de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem refletida no olhar do Outro que ela antecipa o domínio da sua unidade corporal. A identificação primordial da criança com esta imagem promove a estruturação do eu, encerrando a vivência do corpo despedaçado. Anteriormente ao estágio do espelho, a criança não experimenta seu corpo como uma unidade, mas sim como algo disperso. Seria esta dispersão, de uma desorganização libidinal, que crianças hiperativas sentem com seus corpos indisciplinados?

De Césarís (2016) referindo Lacan, destaca o acontecimento especular por ser revelador do dinamismo libidinal de identificação no sentido de que o sujeito sofre uma transformação quando assume uma imagem, fenômeno que é indicado na teoria como *imago*. Esse termo é derivado do latim e foi introduzido por Carl Gustav Jung em 1912, segundo informam Roudinesco e Plon (1998), para indicar uma representação inconsciente através da qual um sujeito designa a imagem que tem de seus pais. Jung adotou a noção de *imago* (paterna ou materna) a partir da leitura do romance intitulado “Imago”, revelando a história de um poeta que inventava para si uma mulher imaginária (*Imago*), escrito pelo suíço Carl Spitteler (1845-1924). Em 1938, Lacan na sua primeira teoria do imaginário, associou a *imago* ao complexo. “O complexo, cujo elemento constitutivo é a *imago*, era, segundo ele, o fator que permitia compreender a estrutura de uma instituição familiar, presa entre a dimensão cultural que a determina e os laços imaginários que a organizam” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 372).

Nesse caminho, Lasnik (2013) ao citar Lacan, atribui importância ao reconhecimento pelo Outro da imagem especular, pedindo a este adulto uma ratificação, pelo olhar, do que ela vê no espelho, pois o pequeno ser ainda não tem esse domínio conquistado, esperando ser

---

<sup>2</sup>Fazemos aqui alusão ao conceito de Outro elaborado por Lacan (1964). Ele utilizou o Outro com “O” maiúsculo para designar o lugar do código, lugar do referente simbólico, tesouro dos significantes e, portanto, é um universo simbólico que vai além daquele ou daquela que ocupa posições biológicas para o recém-nascido. Ele é imediatamente constituído, além da mãe, pelo pai e pelos outros membros que cercam a criança. O Outro é a linguagem.

constituído a partir dessa articulação. Em especial, o momento final frente à imagem especular, promove o *infans* a assumir um discurso, “uma identidade alienante”, anunciada por Lacan (1949) ao descrever o enfrentamento da criança diante do olhar do Outro simbólico. Nesse âmbito, a presença do Outro, marca a criança, imprimindo nela um registro no código simbólico. Contudo, para atravessar o momento do estádio do espelho e chegar ao seu término, Jerusalinsky fala dos três momentos proposto por Lacan.

Primeiro momento: júbilo pela identificação com a imago totalizadora oferecida pelo olhar do Outro Primordial, Segundo momento: fading do eu corporal e surgimento de um eu ficcional por identificação a esse outro que somente habita no olhar e na voz do Outro Primordial, Terceiro momento: a imago que o Outro Primordial sustenta não sou eu senão um duplo de mim, inauguração da duplicidade definitiva do eu que ocorreu, por esse processo, sujeito de um discurso ao mesmo tempo em que o deslizamento da pulsão não lhe permite suprimir seu corpo. (JERUSALINSKY, 2016, p. 226-227).

Neste sentido, o estádio do espelho pode ser sintetizado da seguinte maneira: Primeiramente, a imagem corporal é uma conquista gradativa que se inicia com uma confusão entre si e o outro, marcando o assujeitamento ao registro imaginário, assinalado pela apreensão da imagem como se fosse um outro real. No segundo momento há uma diferenciação da imagem, o que possibilita discriminar o outro real da sua imagem no espelho. Já no terceiro momento, a criança passa a reconhecer que é a sua imagem, imagem de seu próprio corpo. Com isso, perpassa da alienação para a discriminação da imagem, e, em seguida, o reconhecimento da imagem do corpo, sua representação em uma totalidade. É pelo registro imaginário que a conquista da identidade se sustenta, uma vez que o eu especular se constitui a partir da imagem do seu semelhante.

O imaginário, conforme trouxe Lacan (1949) é cercado de possibilidades inusitadas, imaginação, fantasia, criação. Nasio (2009), ao fazer uma leitura sobre o estádio de espelho, designa o corpo nos seus três registros: real, imaginário e simbólico. O corpo real é o corpo sentido; o corpo imaginário é visto, enquanto que o corpo simbólico é significante. Com isso, apresenta a dimensão do imaginário permeado por imagens esburacadas pela libido, no qual o corpo visto é uma silhueta, uma sombra. Aqui, não se trata da aparência física com os seus detalhes, mas o corpo apreendido por uma criança, entre 6 e 18 meses, que introjeta a imagem que a própria família construiu para ela, perceptível de fora; fascinante, contornada pelos desejos e ideais alheios. E é fascinante, justamente, porque a imagem é sedutora e seu impacto não permite que a criança saia indiferente ao que é visto.

Ao teorizar o estádio do espelho, Lacan (1949) o define como um drama, no qual o impulso interno vai precipitar-se da insuficiência para a antecipação. Uma insuficiência

relacionada à ausência que a criança tem de representação do próprio corpo. Isso porque não há uma imagem totalizante do corpo, e sim um despedaçamento. Enquanto que a antecipação implica um domínio do corpo no campo do simbólico, das representações mentais, marcada pelos significantes, que são agentes de mudanças na realidade do sujeito.

De acordo com Bastos (2015), durante o estágio do espelho a confusão com o outro ainda está presente como o “transitivismo infantil”, isto é, nem mesmo no aparecimento de sua imagem essa diferenciação pode ser percebida; isso se deve por conta da desordem entre o que é seu e o que é do outro, dialética que se fundamenta na relação entre tendências vivenciadas como desconectadas e, por outro lado, uma unidade com a qual se confunde. “Unidade marcadamente alienada e virtual” (BASTOS, 2015, p. 100).

É a partir dessas contribuições e das suas vivências clínicas que Dolto também desenvolve suas argumentações sobre o “estádio do espelho”, aproximando-se e atribuindo outros sentidos ao que preconizou Lacan. Primeiramente, ela concorda com Lacan que esse momento acontece antes dos 6 aos 18 meses e se refere ao sentido relacional com o espelho. Mas diferente de Lacan, ela não alude à superfície plana e visual do espelho, porém, ao espelho psíquico, próprio de um semelhante que possa fazer essa função especular. Dolto (1984 [2017]) entende que a experiência da criança frente ao espelho não é um ato solitário, mas acompanhado pela percepção de uma pessoa presente que legitima o aspecto relacional e simbólico. Porém a autora preconiza que a imagem refletida no espelho é uma imagem mental, graças às múltiplas sensações proprioceptivas, interoceptivas e erógenas. Assim sendo, enfatiza a imagem sentida, diferenciando-se do pensamento de Lacan que considera que a imagem especular é visual, reflexo no espelho da silhueta do corpo.

Para ilustrar essa percepção do espelho, Dolto apresenta o caso clínico “A menina do espelho” (1987 [2008]) e expõe o drama que essa criança viveu ao se deparar desmembrada, despedaçada em meio a vários espelhos, sem nenhuma presença humana que pudesse oferecer o simbolismo diante de uma imagem sentida por ela. “Ninguém que representasse a mediação entre o espaço habitual e o espaço novo. Ela perdeu a tal ponto seus referenciais que, em dois meses, tornou-se esquizofrênica” (NASIO, 2001, p. 139). Dolto alerta sobre o impacto do espelho sobre a criança, concebendo esse momento como “desestruturador”. Ela considera que a fascinação da criança por sua imagem a transforma num objeto entre outros objetos; assim, apresentou esse momento como uma “prova”, ligando o papel das castrações na formação da imagem inconsciente do corpo.

A experiência do espelho pode ser traumática e ter o risco da desumanização pela experiência não mediatizada. Para Dolto (1987 [2008]) o estágio do espelho é visto como uma

prova, uma castração, uma perda dolorosa. Decerto que toda perda promove riscos, contudo, essa prova necessita ser simbolizada para ratificar uma imagem do corpo conectada. A essas castrações, a autora nomeou-as por “castrações simbolígenas”, exatamente por constituir uma linguagem diante da perda, isto é, a imagem do corpo, totalmente inconsciente, está inteiramente ligada a uma “comunicação linguageira”.

Nasio relacionou as diferenças entre o “estádio do espelho” de Lacan e “o espelho do narcisismo primário” de Dolto, discorrido da seguinte maneira:

A primeira diferença refere-se ao caráter de superfície plana e visualmente refletidora do espelho em Lacan, em oposição ao caráter de superfície psíquica onirrefletidora de toda forma sensível do espelho em Dolto. A segunda diferença diz respeito à relação do corpo real da criança com a imagem devolvida pelo espelho em Lacan, enquanto que em Dolto a questão se decide entre duas imagens: de um lado a imagem inconsciente do corpo, de outro, a imagem especular que contribui para modelar e individualizar a primeira. A terceira diferença refere-se à natureza afetiva do impacto que a imagem do espelho produz na criança. Lacan qualifica esse impacto de jubilação, ao passo que Dolto vê nela a prova dolorosa de uma castração (DOLTO, NASIO, 2008, p. 35-36).

Dolto concebe que a unidade do “eu” se dá graças ao desejo que sente, vindo do interior, das sensações internas do desejo e de trocas afetivas e eróticas com o outro. Dessa maneira, a autora lembra que sua concepção do espelho diz respeito à superfície psíquica onirrefletidora de toda forma sensível, e não exclusivamente visível. Ao passo que Lacan propõe que a criança adquire a unidade do “eu” graças à imagem que vê do outro, do impacto visual produzido no bebê pela descoberta da imagem especular de seu corpo. É uma imagem instantânea do corpo percebido de um relance e como um todo (*Gestalt*) que Lacan chamou de “imagem especular”; um corpo imaginário é o corpo que vejo. Assim, fica marcada a diferença que Dolto privilegia a imagem que “sente”, enquanto Lacan privilegia a imagem que “vê”, a pulsão escópica. Outro aspecto a ser destacado é o impacto da imagem do espelho sobre a criança. Dolto teme os efeitos desestruturantes do espelho, pois ela vê na imagem a dor da castração; enquanto Lacan enaltece seu efeito estruturador, considerando que o espelho é um notável agente formador da identidade precoce da criança.

É importante destacar que o estágio do espelho se repercute em outros tempos da constituição psíquica. Pensando nisto, Dolto (1985 [2005]) continua dizendo que diversas crianças sofrem e tornam-se indiferentes, despedaçadas em seus funcionamentos corporais, devido a serem tratadas como objetos na sua tenra infância, se estendendo em outras idades. Isso porque a linguagem verbal e a linguagem psicomotora são formadas de códigos estabelecidos com seus eleitos, não com qualquer pessoa, e não sem que a mãe, com palavras

tenha preparado a criança para as provas. Essa linguagem endereçada à criança (com atos e com palavras) facilita a passagem de acontecimentos, perdas e aquisições, tomando como exemplo a prova do espelho e a entrada da criança nas instituições escolares.

Dolto e Lacan apresentaram interesses semelhantes e uma paixão pelo corpo e suas imagens. É verdade que cada um, a seu modo, trabalha os pontos que experimentaram como pressupostos de suas observações clínicas. Dessa feita, o que reintegramos de comum em Lacan e Dolto é o caráter da linguagem na constituição do sujeito, enquanto transita por esse movimento especular. Essas compreensões servem de referencial para a clínica com crianças, para pensar a imagem do corpo-visto transitando sobre a imagem do corpo-vivido (NASIO, 2009), permeada pela presença viva de outros sujeitos falantes. Não uma fala sem sentido, desconectada, mas uma linguagem que constitua um esboço de sujeito (DOLTO, 1987 [2008]), numa mensagem decifrada.

O que nos ensinam esses enlaces do corpo visto (imagem especular) e do corpo vivido (imagem sentida) sobre a hiperatividade é que algumas crianças não conseguem alojar seu lugar de sujeito no código simbólico. Seu ser, seu corpo e seus pensamentos se encontram, então, tomados por uma submissão extrema ao campo do Outro, na medida em que este não foi conduzido para o campo do desejo. No cruzamento entre o olhar e a palavra que nomeia, o que se estrutura, na via da hiperatividade, podem ser respostas obrigatórias aos imperativos do Outro e dos outros sociais, em que o sujeito permanece “assujeitado” e “objetivado” ao desejo do Outro. Com isso, não é submetido às leis da palavra e da linguagem que admitem a castração, a falta.

Com esse entendimento, o recém-nascido precisa se articular com um universo simbólico, para, assim, tornar-se sujeito. “Para que esse encontro se produza, é necessária, do lado do bebê, uma apetência simbólica e uma capacidade de entrar em contato; do lado do Outro, um lugar simbólico viável e um investimento libidinal – em outras palavras, é preciso desejo” (CRESPIN, 2016, p. 25). Essa concepção do processo de entrada de um bebê no campo simbólico é constituída pelos pais e pelo círculo próximo da criança, mas também pelas instituições e pelas pessoas que cuidam, assumindo funções simbólicas e que tem um grande impacto na constituição da criança. Pensando nessas implicações, dedicaremos um ponto do nosso trabalho para refletir, a inserção das crianças em instituições educacionais cada vez mais jovens, bem como a afetação de outros agentes simbólicos, além da família, na vida da criança enquanto sujeito de desejo.

### **1.2.1. Instituição educacional como função especular na cultura atual?**

Para que serve uma instituição educacional/escolar? Quais papéis são desempenhados pelos profissionais da educação?

É a partir de algumas indagações e proposições teóricas que pretendemos discorrer sobre a instituição educacional e sua relação com a constituição do sujeito, a partir de um olhar psicanalítico. Nesta perspectiva, uma instituição deve assumir lugar de linguagem, investimento simbólico, produzindo laço social e sustentando a relação transferencial com seus pares. Frequentemente, a instituição educacional tem uma prática voltada para a aprendizagem, dentro do campo do saber, fundamentada por teorias cognitivistas para o desenvolvimento das habilidades acadêmicas. Se, de um lado, a educação está empenhada no desenvolvimento das habilidades cognitivas e na transmissão de conteúdos; por outro, a psicanálise está interessada em desenvolver habilidades emocionais, no campo do desejo. É observável um ponto de tensão nessas duas disciplinas, em que se localiza um impasse nas maneiras de conceber o sujeito: a educação no viés da objetividade e a psicanálise fundamentando-se no viés subjetivo.

Quando Freud toma o ato de educar como impossível, desenvolve essa ideia por considerar que era enganoso o pressuposto de que existe uma só direção pedagógica, qualquer que seja, que conduza a criança a bom termo. Com seu aforismo: “Há muito adotei o dito espirituoso dos três ofícios impossíveis, isto é, educar, curar e governar”, Freud (1925) compreende, sobre o impossível no educar, que mesmo o educador estando imbuído de intenções e planejamentos claros, ainda que se trate de um educador consciente, não pode controlar o impacto de sua influência sobre a criança. A impossibilidade em questão não alude ao plano prático de execução da proposta educativa, mas com a inadequação entre as formulações que estabelecem entre si, pois os resultados estarão sempre aquém daqueles idealizados.

Mesmo sob essa tensão, é como posição discursiva, e não como um campo outro de conhecimento, que a psicanálise se relaciona com a educação. Sendo assim, a psicanálise tem muito a colaborar, quando põe em jogo seu interesse pelo sujeito do inconsciente, fazendo uma abordagem no ser de linguagem. Desta maneira, o campo psicanalítico vem contribuindo para a educação, a partir de algumas temáticas, destacando-se a relação entre o professor e o aluno, atravessado pela noção de transferência. Porém este caminho propõe um direcionamento distinto do qual se colocava as primeiras creches e escolas. A instituição educacional para a primeira infância, como processo educativo e constituinte do sujeito é uma



concepção relativamente recente, assim como a atitude dos profissionais frente à autonomia da criança e sua relação do cuidar, brincar e educar.

Para pensarmos esta instituição em seu percurso histórico, propomos analisar o tempo conforme sugere Agambem (2009) com a noção de contemporaneidade, perpassando por uma relação que introduz o sujeito atravessado no tempo. Isto é, o contemporâneo seria aquele que não cessa de interpelar seu tempo; não se trata de viver num outro período, mas de tomar uma distância que rompa com tudo que é proposto em manter o olhar fixo sobre os pontos obscuros ou cegos. “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo” (AGAMBEN, 2009, p. 59). Entendendo, sobretudo que não se resume a um tempo cronológico, senão a um tempo psíquico, um devir que reluz a obscuridade do momento atual, bem como o conceito de contemporâneo trazido por Agamben.

Assim, o caminho percorrido, ainda que não homogêneo, data tempos em que o bebê é representado como um brinquedo ou uma máquina (BADINTER, 1985). A autora observa que no século XVIII a criança pequena é designada pela palavra *poupard*, que significava não o que entendemos hoje por *poupon*, bebê, todavia o que chamaríamos de *poupée*, ou seja, boneca. O *poupard* é considerado pelos pais, frequentemente, como um brinquedo divertido do qual se gosta pelo prazer que proporciona, e não pelo seu bem. Um brinquedinho sem vida, um jogo nas mãos do adulto, que distrai e que é deixado de lado quando perde o interesse pela brincadeira. Já a criança máquina vem da ideia de seres fáceis de manipular, modificar, por não serem dotados de raciocínio; se reconstrói uma criança segundo um novo modelo, negando-se a espontaneidade que apresenta. Para Badinter (1985), essa concepção só era possível negando-se a especificidade da criança, pensando-se que ela devia ser aquilo que se faria dela. Tal entendimento é estendido por longos tempos e, junta a este, outras produções de sentido em relação à criança se estabelecem: produzir seres humanos que serão a riqueza do Estado, combater a mortalidade infantil (interesse do Estado) e assumir o papel de uma boa mãe.

A todos esses discursos repetitivos da história, a instituição educacional assume funções higienista e distante de conceber a criança como um ser em sua especificidade. A herança deixada pelas famílias é recebida pelas creches, cuja primeira exigência é assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento físico dos bebês.

Com origens longínquas e obscuras, em meados dos séculos XIX, época na qual os cuidados com a pequena infância eram considerados repugnantes, as

creches surgiram para substituir as mães pobres das classes operárias, pois o grupo familiar aumentado, que até então havia assegurado a educação das crianças no meio popular, encontrava-se desmembrado desde o início do processo de industrialização. (CRESPIN, 2016, p. 9)

Segundo Crespín (2016), inicialmente, a tarefa das primeiras creches é essencialmente sanitária. Comparadas aos hospitais, lá, as práticas voltavam-se para a luta contra as doenças e a mortalidade infantil, esta última contava com grandes números até o início do século XX. A rotina da criança se iniciava com obrigações coletivas de higiene, em que pouco espaço é reservado às atividades vinculares entre adulto e criança e também entre as crianças. Por sua vez, os pais não interagem neste espaço, mantendo-se afastados para o bom funcionamento da instituição.

O bebê ganhou maior importância com o progresso da Pediatria e as ideias da Psicologia e Pedagogia que trouxeram outro olhar para a concepção de criança. A Psicanálise teve um papel predominante nesse percurso, apresentando teorias relativas ao desenvolvimento do recém-nascido e ao início da vida psíquica. Várias observações em torno da criança, após a Segunda Guerra Mundial, são investidas para situarem os danos causados nos bebês pela separação dos seus pais e ao mesmo tempo o papel das instituições e dos profissionais face a essas condições de “privação afetiva” (WINNICOTT, 1987 [2012]). No dizer de Winnicott, uma criança sofre privação afetiva quando passam a lhes faltar certas características essenciais da vida familiar, quer dizer, houve perda de algo bom que foi positivo na experiência da criança até uma certa data, e que foi retirado. Essa retirada se estendeu por um período maior do que aquele em que a criança pode manter viva a lembrança da experiência, ocasionando uma privação. Não se refere a objetos materiais, mas abrange as vivências afetivas que compõem o meio ambiente importante, por isso ser denominado por “privação afetiva”.

Crespín (2016) em “À escuta das crianças na educação infantil” ressalva que foram necessárias várias décadas antes do surgimento de uma concepção de ambiente que não os reduza à mãe biológica idealizada e insubstituível. Esse lugar, chamado por ela de “lugar do Outro” ou “campo do Outro”, é um universo simbólico que vai além daquele ou daquela que ocupa esse lugar para o recém-nascido. É um lugar constituído, além da mãe, pelo pai e por outras pessoas que cercam a criança. É com este sentido, que os/as educadores/as são incluídos como “campo do Outro”, apontado pela autora acima, para designar um lugar que favoreça o desenvolvimento psíquico da criança. No trabalho de Crespín são citados alguns autores para explicitar o lugar das creches assegurando um lugar simbólico necessário para

cada bebê; não se trata do lugar dos pais reais, mas pensar os profissionais como fazendo parte da “série dos pais simbólicos” para uma criança.

Esta alusão se deve ao longo período em que às crianças permanecem nas creches. Atualmente, são acolhidas nas instituições municipais a partir do quarto mês de nascida e permanecem em torno de 10h diárias, durante cinco dias da semana. Em instituições privadas, essa idade pode ser antecipada e os bebês serem acolhidos muito mais novos. Contudo, essa substituição dos pais reais pelos pais simbólicos, marca desejos diferentes, distinguindo-se da relação narcísica que os pais assumem diante de seus filhos. “É nesse sentido que jamais seremos pais, ainda que substituamos a função. Deveremos nos sustentar com uma satisfação que será a de ter participado da construção da criança, de tê-la acompanhada em suas dificuldades” (CRESPIN, 2016, p. 28).

Diante destes postulados, abrimos um espaço para pensarmos o mal-estar vivido nas creches, ocasionado pela crise de paradigmas e o lugar que as famílias atribuem a essas instituições na atualidade. Uma atualidade marcada por grandes mudanças sociais e políticas: globalização, avanço tecnológico, novas configurações familiares, diversidades, relações fragilizadas pelo tempo e espaço. Isso para indicar o paradoxo em que é posta a criança: ao mesmo tempo que é adorada e servida, já que incorpora um ideal na cultura contemporânea, sofre uma restrição violenta de sua liberdade, vista que não pode se comportar fora do protocolo adequado a toda figura real. Quando a criança foge desse protocolo, o domínio por uma classificação patologizante impera, o que provoca desordens no modo de conceber a subjetividade. Podemos encontrar essa desordem em quadros que carregam o estatuto da hiperatividade.

Esse quadro é observável nos diversos campos sociais, imprimindo um mal-estar que o mundo atual nos oferece. Diante de todas essas questões, poderíamos supor que a educação pode estar no campo das inter-relações inconscientes, constituinte de um sujeito do desejo. Dolto (1985 [2005]) menciona que “a inter-relação dos adultos sobre as crianças, e vice-versa, induz patologia ou saúde” (162). Portanto, mais que a estrutura arquitetônica do prédio nas instituições escolares, o trabalho educacional deve ter o caráter especular, que devolve à criança um olhar relacional, mediada por palavras carregadas de expressões e simbolismos. A ideia, diante dos impasses vivenciados nas creches e escolas, é pensar esse lugar como lugar de vida, que atendam às necessidades do sujeito na atualidade, abrindo espaços para se falar dos desejos, onde a criança possa se construir, na ausência dos pais.

Hoje, podemos encontrar uma prática desenvolvida na Educação Infantil sustentada por uma abordagem interdisciplinar, com diferentes áreas, incluindo a Pedagogia, Psicologia,

Psicanálise; que tentam dialogar entre si na construção de eixos de como lidar com a criança. Essas reflexões são necessárias devido às antigas práticas vivenciadas nas creches, onde sustentavam a criança como “criança-brinquedo” ou “criança-máquina”, discussão exposta anteriormente. Paradoxalmente, a criança está nesse lugar, por não ser considerada a especificidade da sua idade; e com isso, fica submetida a ser manipulada, ou seja, modelada para tornar-se um cidadão de bem no futuro.

Progressivamente, o fazer com a criança na creche adquire outras posições epistemologicamente e discursivamente. Esse fazer assume um lugar de linguagem. O cuidar e o brincar tem lugar de linguagem. Radel (2014), retoma os teóricos que falam sobre o brincar, acenando a escuta do professor através dessa linguagem da criança. O autor destaca que podemos ver em Freud (1987), Winnicott (1975, 1982) e Lacan (1978) uma concepção sobre o brincar, concebendo-o como um instrumento fundamental para a escuta de crianças.

Sabemos a importância do acolhimento que a mãe / cuidadora dá com seu corpo, seu olhar e suas palavras para o desenvolvimento do bebê e no qual se constitui como sujeito desejante. Por isso, sublinhamos as contribuições de Winnicott com a concepção de “objeto transicional” e, fundamentalmente, as impressões de Dolto sobre “Tudo é linguagem”, articulando esse lugar simbólico situado na instituição escolar.

A respeito do objeto transicional, Winnicott (1975) estabelece a existência de uma área intermediária entre a realidade psíquica e a realidade objetiva, para a qual contribuem tanto a realidade interna, quanto à externa. Com isso, transicionais seriam os objetos e fenômenos situados nessa região, que fazem um elo entre as vivências subjetivas e o que vem sendo compartilhado na realidade. O autor assinala o brincar como um processo criativo que coloca em jogo o mundo objetivo e a subjetividade. Pensamos que o lugar da creche, portanto, se localiza nesse campo intermediário, onde proporciona a ludicidade para o desenvolvimento infantil. A professora e o brinquedo, por exemplo, estariam no campo do objeto transicional, no qual a criança colocaria seus afetos para suportar, num primeiro momento, a separação da mãe.

Outro ponto de tensão é o modo que as atividades lúdicas são pensadas e desenvolvidas, uma vez que, são entendidas como meio de produção de conhecimento, dentro da perspectiva cognitivista da escola. Tal lógica contraria o aspecto subjetivo esboçado no imaginário, que emerge de forma intensa na fantasia e criação nas brincadeiras. Winnicott foi referenciado por Radel (2014) defendendo o brincar, mesmo longe das interpretações, sendo por si só terapêutico. Radel vem afirmando, que mesmo não havendo escuta na escola por parte dos professores, na expressão de suas possíveis deduções do brincar da criança, é

evidente que quando brinca, ela se constitui sujeito, num espaço permeado por simbolismos. Uma escuta não intencional se presentifica na maneira que os professores organizam as crianças, suas tarefas e cuidados dispensados na Educação Infantil, seja na higiene, alimentação e brincadeiras que constituem uma rotina do espaço educacional.

Françoise Dolto em 1979 criou em Paris um lugar chamado Maison Verte, como um lugar de vida absolutamente transitório, que visava preparar as crianças muito pequenas para o convívio social longe de seus pais, sem causar tanta angústia. Este ambiente preparava as crianças para a creche antes dos dois meses, para que não seja para elas uma experiência que as torne insuportável. Um espaço transicional, de acolhimento diante da separação dos pais e que provocava a comunicação entre os pais e a criança, e entre as crianças e os educadores.

“Tudo é linguagem”! Uma fala e prática recorrente de Françoise Dolto, destinando trabalhos e programas voltados para as pessoas interessadas com a “causa das crianças”. Dolto não era a única a considerar que a psicanálise não se destinava apenas aos psicanalistas, mas que ao contrário, deve ser amplamente aberta e acessível aos que podem se beneficiar de sua mensagem humana. Uma proposta amplamente política e social, considerando os impactos históricos do ambiente na subjetividade da criança e pautada na aposta da palavra, uma palavra dita à criança, em todas as circunstâncias ou diante dela. Dizer que tudo adquire sentido de linguagem, é considerar as incidências corporais, onde também o corpo pode testemunhar essa “simbolicidade relacional” ativa no ser humano. Sendo desta forma que um corpo se subjetiva, se torna um sujeito que diz “eu”.

Eis como podemos entender que tudo é linguagem, e que a linguagem, em palavras, é o que há de mais germinativo, mais fecundante, no coração e na simbólica do ser humano que acaba de nascer. Ele só pode se desenvolver num corpo, homem ou mulher, se estiver relacionado com uma voz de homem ou mulher, com uma outra voz associada à de sua mãe. O “outro” nem sempre quer dizer masculino. Refere-se antes a um impacto importante entre eles, sua mãe e uma terceira pessoa (DOLTO [1897], 2018, p. 20).

É neste viés que atribui à força simbologênica da palavra o poder de avançar à vida. Enfatizando o trabalho desenvolvido pelo meio psicanalítico, Dolto faz suas vivências repercutirem para toda sociedade, inclusive impactando o meio escolar. A comunicação linguageira, neste ambiente, ganhou novo estatuto a partir dos pressupostos da autora, atribuindo importância para os educadores no jogo simbólico e relacional; o vivido se dá a partir da transferência com o outro.

Os educadores são instigados a direcionarem a fala para os bebês, colocando-os na cena e entrando em contato com eles, através de todos os meios, seja verbal ou não. De

qualquer maneira, os bebês estão imersos em linguagem, “na linguagem visual, na linguagem olfativa, rítmica, mímica, gestual” (DOLTO, 1897 [2018], p. 73). É uma linguagem compartilhada, com cumplicidade, linguagem de alegria, de sofrimento, de relações intersíquicas; enfim, uma linguagem que seja capaz de comunicação, ainda que seja uma criança muito pequena.

Segundo Dolto (1897 [2018]), a criança não sabe que é uma criança, ela é um reflexo da pessoa de quem é interlocutada, pois se imagina numa atividade que a valoriza o tempo todo e que sustenta o seu indo-advindo grande. Nesse sentido, quando se olha no espelho, ela vê um bebê e fica radiante. Ela fica fascinada com essa experiência, dirigindo-se a essa imagem como um “nenê” nesse mundo de adultos e não à sua própria imagem. As crianças ficam tão surpresas e angustiadas diante do que veem que exprimem em linguagem (mímica) algo que tem um caráter de evocação que poderia ser dito em palavras por um outro que estejam disponíveis com ela. “Essa linguagem do rosto e do comportamento no espelho que impressiona a criança, *voyeur* de si mesma, de sua imagem, é um momento extraordinariamente importante” (DOLTO, 1897 [2018], p. 17), que carrega a marca das palavras ouvidas e da ausência das mesmas. Tomemos o educador como o outro possível que carrega as palavras neste momento de “castrações simbólicas”, que oferece um encontro psíquico, um encontro com o outro, respeitando seu ser, que mostre um desejo diferente, e que o faça ver isso.

Uma instituição que atende crianças pequenas revela uma concepção de infância que demonstra a sua organização, o seu tempo, espaço, atividades e as relações que estabelecem em seu interior. A partir da concepção que cada membro da equipe de trabalho tem da criança e da sua relação com ela, se originam as atitudes de omissão, descaso, incentivo, desafio, criatividade, afetividade. Neste sentido, é fundamental que a instituição invista numa relação entre educador e bebê, proporcionando um ganho narcísico de extrema importância para o bebê. Esse, por sua vez, deixa-se seduzir por uma imagem que lhe é conferida pelo olhar do Outro. Esta ilusão de completude, promovendo um desenvolvimento psíquico para o bebê, será percebida posteriormente, quando as ausências desta mãe o fizerem perceber que ele não a completa inteiramente. Assim também ocorre nas instituições, onde há momentos em que os educadores se fazem faltosos, e faltosos de forma estrutural. De acordo com Kupfer (2009), esta falta, porém, marca a constituição do psiquismo, da subjetividade; inscrevendo-se o desejo diante da falta.

Neste tipo de relação, está implícita uma demanda de reconhecimento. Esta demanda de reconhecimento se origina na relação entre mãe e bebê e reaparece na relação amorosa na

forma de um pedido de reconhecimento, de nossa capacidade de amar. “Se a relação amorosa é atravessada por um pedido de reconhecimento, pode-se dizer que a relação entre professor e aluno é mais uma que contém as marcas desta relação” (KUPFER, 2009, p. 23). Sabemos que essa marca relacional no contexto da educação é uma relação especular, que busca no olhar do outro reconhecimento e revive essa linha imaginária, perpassada por uma ordem simbólica, situando-a no campo da palavra.

É nesse caminho, mediado por fatores culturais e pelas relações sociais, que o sujeito se constitui como corpo de linguagem, na medida em que essas tramas afetivas desempenham um papel fundamental na transmissão cultural e preside os processos mais importantes do desenvolvimento psíquico. Isto posto, discorreremos sobre a constituição do sujeito dedicando-se aos enlaces da identificação; lembrando que Freud ao postular o processo de constituição do sujeito, ao lado da diferenciação do “isso”, demonstrou que é de suma importância o papel das identificações.

### **1.3. Os enlaces para a constituição do sujeito**

Discorrer a respeito do sujeito e sua constituição na psicanálise é demarcar territórios particulares divididos em duas ordens de funcionamento, relativos aos processos consciente e inconsciente. Na nossa pesquisa tivemos a oportunidade de refletir que a hiperatividade, dentro da classificação diagnóstica, nada diz acerca do campo do sujeito, de sua relação com a aprendizagem, nem de um corpo que palpita por fora do limite simbólico. Dentre outras questões políticas, percebemos que o TDAH se inclina ao imperativo do consumo, através de um mercado médico e psicofármaco, em casos que desconsideram suas particularidades. É preciso ressaltar que a psicanálise não é contra o sujeito buscar se beneficiar do saber da ciência para melhorar sua saúde e garantir seu bem-estar. A crítica concerne aos usos e consequências da aplicação de métodos universais às questões subjetivas.

A psicanálise propõe uma clínica individualizada que escute a criança, levando em conta seu sintoma como algo que fala do sujeito. Este sintoma vem revestido de encenações endereçadas ao campo do Outro. Nesta constituição, sabemos que a presença do(s) outro(s) é essencial, demonstrando que não se dá num tempo preciso, todavia, em tramas afetivas, revividas diante desses enlaces subjetivos. Neste ponto, se destaca o papel fundamental da identificação e suas implicações sobre a existência humana.

Assim, o sujeito da psicanálise é o sujeito inscrito pelo desejo, traçado por Freud através da noção de inconsciente, marcado e impelido pela falta. O que diferencia do sujeito

da consciência, marcado por certezas plenas e da noção do “eu” centrado na capacidade do pensamento.

A partir da experiência do espelho, ressalva De Césaris (2016), o sujeito do inconsciente se constitui pela inserção em uma ordem simbólica, atravessado pela linguagem e mediado por um terceiro. Freud revolucionou a concepção filosófica de sua época, que estabelecia uma equivalência entre o eu e a consciência, fazendo surgir uma nova perspectiva. Aqui a consciência não pode mais ser compreendida como o centro do sujeito, na medida mesmo em que se trata de um sujeito descentrado, e não de um indivíduo que se adapta.

A constituição do sujeito passa por um “processo de desenvolvimento que, se não pode ser demonstrado, pode ser construído” (FREUD, 1930, p. 84), percorrendo um corpo além do biológico e, acima de tudo, constituindo um “eu”; o que aponta uma ruptura que diferencia, radicalmente, o sujeito do indivíduo, na medida em que o sujeito do inconsciente escapa do círculo das certezas. Ilustrando o “eu” na teoria freudiana, Lacan (1985) levanta tal provocação: “Onde será que o indivíduo em função subjetiva se conta ele mesmo – senão no inconsciente? Este é um dos fenômenos mais manifestos que a experiência freudiana descobre” (1985c, p. 76). Com isso, aponta que a realidade do sujeito está no inconsciente, o que corrobora com a afirmação de Freud (1923) que o “eu” é a parte do “isso” que foi modificada pela influência externa. Todavia, os dois não estão claramente separados: “subjaz no eu uma parte desconhecida e inconsciente, preservada e que pode ser trazida de novo à luz” (FREUD, 1923, p. 37). Freud ao afirmar que grande parte do eu é inconsciente e que a consciência deve ser compreendida como uma qualidade do psíquico, mas não como sua essência, designa que a descoberta da psicanálise mais importante é a de que o psíquico não equivale ao consciente. Institui no inconsciente uma estrutura de linguagem que incide sobre o sujeito e age mesmo contra a vontade da consciência; assim podemos descrever o inconsciente como um lugar de um saber que se manifesta de forma singular, se revelando a partir de sua própria lógica.

No texto “A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano”, Lacan (1960) destaca a concepção do inconsciente como uma cadeia de significantes que se repete e insiste, fazendo crítica a algumas abordagens de sujeito que tem como critério a unidade e que propõe o sujeito do conhecimento. O sujeito do inconsciente, subvertido contraria a noção de sujeito da razão. Uma das questões cruciais da subversão é o deslocamento do sujeito de seu lugar tradicional, a consciência, para um outro lugar, o inconsciente. Por conseguinte, desloca o problema do saber do sujeito e da verdade para uma



problematização da relação do sujeito e da linguagem, como as próprias formações inconscientes são capazes de revelar nos diversos fenômenos de adoecimentos.

A partir dessas desconstruções, produzem-se novos objetos para a concepção de sujeito, inventando-se outra realidade com as impressões da diferença do sujeito, atrelando a essa noção a dimensão coletiva e política do que seja o sujeito na psicanálise. Neste sentido, traçaremos a constituição do sujeito, pensando o *infans* a partir de “uma construção social da subjetividade” (ELIA, 2004). Concomitantemente, dialogando com Safatle (2016) ao partir da constatação de que sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuito de afetos. Esse último autor propõe que as imagens que representam e interferem nas histórias dos sujeitos são vindas de um exterior, de um movimento de desejos que não é dele, mas no qual está implicado dentro de uma dinâmica de conflitos explícitos e implícitos.

Temos assim o sujeito à mercê de um outro, o que nos leva a revisitar Freud e elaborarmos um traçado sobre a importância do papel das identificações para a imagem corporal, essa representação interna e inconsciente. Como já enunciado anteriormente, o eu se constitui a partir da imagem que o outro lhe devolve. É a partir de um campo simbólico que o eu poderá acessar a alteridade, permitindo-lhe encontrar uma diferença entre ele e o outro. Porém, para Lacan, de acordo com De Césaris (2016), quando nesse jogo de alienação e separação, essa operação de separação acontece, pode-se dizer que há um sujeito psíquico constituído pela incidência do significante portador da lei.

Desde o princípio, Freud na construção do aparelho psíquico, nomeia e institui o eu a partir da experiência primária de satisfação, ou seja, o eu constituiria a totalidade dos investimentos, das sensações de prazer e desprazer, o que traria para o bebê um efeito de alucinação do objeto desejado. Nessa identificação inaugural, irão se inscrever no psiquismo traços de memória no próprio inconsciente. Assim, o eu surge, para Freud (1923), a partir dos seus investimentos no mundo externo, em busca de satisfação, criando uma identidade de memória.

Para Da Poian (2002), Freud distingue vários tipos de identificação, partindo da noção de identificação primária, sendo uma forma original de laço afetivo entre sujeito e objeto, ocorrendo a identificação com o objeto incorporado. Esta identificação estaria na origem do eu ideal, formação narcísica anterior à relação propriamente objetual. Logo em seguida começa a constituir um eu rudimentar com base corporal pela absorção do objeto na fase oral, seguindo-se das formações edípicas, na qual “o eu” vai tomando consistência a partir das identificações com objetos amados e perdidos, irrompendo as identificações parciais pela absorção de traços de objetos. Também falou das identificações recíprocas entre os pares,

onde o objeto ao qual o “eu” se identifica posiciona-se no espaço de uma instância psíquica e através desta relação, os vários “eus”, se identificam entre eles, vinculando aqui membros de uma coletividade. Neste breve esboço, vemos em Da Poian (2002), ao ler Freud, que o eu vai se constituindo pouco a pouco, havendo, primeiramente, “um rudimento de ego fundado no corpo e na pulsão, enquanto impulso energético que tem sua fonte numa excitação corporal” (DA POIAN, 2002, p. 2). Assim, o eu vai ao encontro do objeto constituindo o psiquismo, e desta maneira, a subjetividade parte de algo interno. Isso implica dizer que Freud apresenta o eu da libido e da força pulsional.

A mesma autora descreve que para Lacan, o caminho é contrário, pois é o objeto que causa o eu não havendo rudimento propriamente egóico que se antecipe à alteridade. Nesta divergência, reconhecemos que Lacan apresenta o eu como instância, sobretudo, imaginária, que sofre modificações ao longo do tempo.

Lacan, no Seminário “Os quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise” (1964), acrescenta a importância do Outro simbólico que carrega ou segura a criança na frente do espelho. Quando se olha no espelho, a criança busca o olhar daquele que está com ela. Ocorrendo a primeira identificação no registro imaginário, onde se forma a imagem unificada ao corpo, encerrando a vivência do corpo despedaçado. Este período da descoberta do corpo próprio frente ao espelho mostra uma evolução marcante na constituição do eu, e, na constituição do sujeito.

O processo de identificação com sua imagem, a diferenciação que se estabelece entre ele e o Outro, juntamente com a entrada ao simbólico, vai permitir ao sujeito se relacionar com os outros e ser por eles reconhecido. Depois que a criança adquire esta referência imaginária em relação ao próprio corpo, ela pode se orientar em direção a uma série de novas identificações. Bastos (2015) cita Miller ao considerar que foi a partir do ensino de Lacan que houve uma disjunção entre o simbólico e o imaginário, distinguindo o eu em sua dimensão imaginária e o sujeito como termo simbólico. Com isso, vemos nessa trajetória que a identificação imaginária está na origem do eu e tem a ver com a imagem especular, enquanto que a identificação simbólica dá origem ao sujeito do inconsciente e tem a ver com os significantes, traços que marcam a história do sujeito.

Dolto (1998) em suas intervenções com os pais, enfatizou as questões geracionais no processo de identificação e o papel fundamental das castrações com eles. Dizia às crianças sobre a história dos seus pais, quando carregadas de sofrimento, de maneira a lhe permitir ter outro modelo de identificação. Em certos momentos, a psicanalista utilizou os dois pronomes pessoais franceses para designar a primeira pessoa do singular, *Moi* e *Je*. Ela utiliza Lacan

como referência para distinguir o *Je*, como sujeito do inconsciente e o *Moi*, como função imaginária. Dolto comunga com Lacan nesta distinção, recorrendo à castração simbólica como maneira de conceber o sujeito do desejo.

Nestes entrelaçamentos, o sujeito vai se constituindo com os suportes oferecidos do campo do Outro, suportes simbólicos. É interessante pensar, como esses suportes encontram-se, atualmente, em grandes mudanças, tomados por lugares e espaços distintos, e caracterizados pela fragilidade nos laços sociais, incluindo a invasão do consumo e o alargamento do uso tecnológico para fins substitutivos. Tal evolução, conta com uma série de transformações, difíceis de serem nomeadas, mas que tem efeitos no inconsciente dos indivíduos e na produção das subjetividades. Na ausência de um referencial simbólico, constitutivo do sujeito, encontramos relações líquidas, na expressão de Bauman (2001), marcando um tempo pelo imediatismo e fluidez, onde a “Modernidade Líquida” trouxe profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana.

Para pensar a constituição do sujeito, fez-se necessário trilhar o fenômeno das identificações, demarcando o eu como instância identificatória (com função primordial para a estruturação do sujeito e de sua subjetividade) e refletindo onde se apoia a constituição deste novo sujeito, fruto da cultura de hoje. Pensamos que ele recorre cada vez mais a superfície que realmente lhe pertence, isto é, o corpo. Alguns autores trabalham a temática do corpo na psicanálise, trazendo que os sujeitos contemporâneos estão cada vez mais imprimindo sobre o corpo marcas que conferem significação à existência. Vemos em Da Poian (2002) que o corpo assume o lugar de totalidade visível do ser, sendo este o lugar que resta ao indivíduo neste mundo sem espaços facilitadores à sua identificação. Ana Lydia Santiago (2013) se refere ao corpo como sendo uma tela em que o Outro, o saber do Outro, deixa suas impressões, define desenhos, formas e transformações. Ela refere-se às marcas visíveis ao corpo, mas, observa também a imputação pelo Outro do saber nas marcas invisíveis, marcas de uma maneira bastante singular. Já Françoise Dolto (1984 [2017]), destacando-se teoricamente na nossa pesquisa, ressalta que o corpo pode ser palco dos sintomas, intérprete ativo ou passivo das suas representações inconscientes, o mediador entre o sujeito e o mundo.

Desta maneira, para Dolto (1984 [2017]), o corpo é linguagem, onde permite se confrontar com a imagem inconsciente do corpo, esta, eminentemente inconsciente e particular a cada um. Dolto (1984 [2017]) afirma que a visão do mundo da criancinha é conforme à sua imagem atual do corpo e depende desta. Será, portanto, por intermédio desta imagem do corpo que poderemos entrar em contato com ela. Para essa autora, o sujeito está presente desde a fecundação, mas só se manifesta através de desejos. Tais desejos não podem

separar-se imediatamente da sua conjunção com as necessidades. Recorre à noção de “apoio”, trazido por Freud através do conceito de pulsão, para dizer que é através das primeiras experiências de necessidade que o *infans* se apoia para buscar satisfação e assim repetir o movimento que lhe gerou prazer. Portanto, para Dolto (1984 [2017]), é a linguagem, no sentido amplo do termo, que constitui a mediação das evoluções; estabelecendo um espaço entre a necessidade e o desejo.

É, então, na relação, através dos movimentos compartilhados que o indivíduo pode constituir suas identificações e, nelas, sua singularidade. Tais relações e trocas são nomeadas por Dolto (1984 [2017]) como “comunicação linguageira”, a partir de uma relação intersubjetiva, podendo permitir à criança estruturar-se de forma humanizada, mas podendo ter efeitos dramáticos na imagem inconsciente do corpo, na medida em que há interrupção desta comunicação.

Assim, recorreremos, no próximo capítulo, ao conceito de Imagem Inconsciente do Corpo, construído por Françoise Dolto, convocando suas postulações para pensar em que medida uma falha na constituição da imagem inconsciente do corpo pode trazer consequências para o viver de crianças, que recorrem ao corpo real, para inscrever seus conflitos psíquicos, apresentando intensa agitação corporal. Atualmente, essa hiper atividade corporal, é circunscrita pelas ciências médicas como hiperatividade, o que constitui um dos maiores exemplos destas marcas que fere o corpo.

## 2. Meu corpo de palavras: Imagem Inconsciente do Corpo

*A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante e, isto, antes mesmo que o indivíduo em questão seja capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome pessoal Eu e saiba dizer Eu. Quero dar a entender que o sujeito inconsciente desejante em relação ao corpo existe desde a concepção.*

**Dolto (1984 [2017])**

O que faz uma criança não se concentrar, perturbar a sala de aula com seu corpo agitado, se distrair, se desorganizar, não parar quieta por alguns instantes, falar em excesso, não concluir suas atividades, não manter a atenção em suas tarefas escolares ou em outras áreas? Na atualidade, o DSM-V tem um nome para isso, o TDAH. Para Padilha (2017), o Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade apresenta-se como oferta para nomear a angústia que se manifesta na contemporaneidade, mesclada à exigência de aceleração do corpo e da mente, na composição desse ser performático, eficiente e superinteligente.

Esses questionamentos deram origem a nossa pesquisa, provocando-nos a buscar referenciais teóricos com o objetivo de refletir em torno da hiperatividade, abordando o tema em questão por se constituir um grande desafio em nosso cotidiano, especialmente para pais, educadores e outros profissionais que trabalham com crianças. Muito mais que descrever o TDAH pelo prisma do Manual DSM-V, nossa pesquisa consiste em compreender como a psicanálise pode nos orientar na leitura da hiper atividade corporal da criança, sob a matriz simbólica. Para tal fim, outras inquietações surgem: Como se constitui a imagem corporal nestas crianças, quais as consequências para a criança, enquadrada no TDAH, como acolher na clínica psicanalítica aqueles que chegam nomeados como hiperativos?

Ora, a Imagem Inconsciente do Corpo foi o principal conceito elencado para subsidiar nossa pesquisa, por ser a representação interna do corpo que está do lado do desejo e não está vinculada unicamente à necessidade. É uma leitura que está na via do sintoma da criança, por ser uma linguagem inconsciente, com a finalidade de construir aquilo que ela tem de mais singular. É sob esta perspectiva que nos debruçamos para compreender a hiper atividade corporal da criança à luz de tal conceito.

Antes de abordar as argumentações de Dolto sobre a Imagem Inconsciente do Corpo, enfatizamos a concepção de corpo na psicanálise, distanciando-se da noção com que a modernidade pensou. Lembremos, de acordo com Figueiredo (1995), que a modernidade

alude ao corpo da razão, mediante representações exatas e objetivas da realidade. A psicanálise, com Freud, ocupou-se de deslocar o corpo de uma leitura somente somática, em que concebe os órgãos doentes que devem ser corrigidos pela medicalização e outras intervenções, para trazer à tona o corpo subjetivado, libidinal. No dizer de Figueiredo (1995), o nascimento da psicanálise sustentou-se por rompimentos com a ciência positivista, mesmo sabendo que Freud buscava a cientificidade da psicanálise.

Nesse sentido, ao abordar o conceito de Imagem Inconsciente do Corpo, iniciamos uma discussão sobre o corpo na psicanálise, a partir de Freud e sua radical virada ao atribuir ao corpo uma operação de linguagem, bem como os eixos trabalhados por Françoise Dolto sobre o esquema corporal e a imagem inconsciente do corpo. Conforme essas observações, sabemos que a constituição da Imagem Inconsciente do Corpo, de acordo com Dolto (1984 [2017]), está associada à Imagem de Base (própria a cada estágio, respiratória-olfativa-auditiva; oral; anal) ligada ao narcisismo primordial; com a Imagem Funcional (ligada as manifestações para atividade e realização de seu desejo); e com a Imagem Erógena (na qual focaliza o prazer ou desprazer erótico na relação com o outro). Esses elementos se entrelaçam diante das castrações, constituindo uma imagem corporal, atualizadas pela Imagem Dinâmica (expressa pela palavra desejo).

A presente pesquisa, neste capítulo, implica na discussão desses conceitos, fundamentando-se, essencialmente no arcabouço conceitual de Françoise Dolto, como veremos adiante.

## **2.1. O corpo na trama conceitual da Psicanálise: Freud e Dolto**

É fato que existem crianças agitadas e distraídas, mas o que será que ela manifesta com seu mal-estar corporal? O que se passa que a deixa sem descanso, perturba sua atenção e agita seu corpo? Lembremos que Freud utiliza o termo excitação para fazer referência ao corpo libidinal, subjetivado, no decorrer de sua obra. Podemos localizar tais achados freudianos quando ele traz a concepção sobre a criança perverso-polimorfa, a partir dos estudos sobre a sexualidade infantil e as zonas erógenas; na conversão somática da histeria; no narcisismo do eu; na satisfação autoerótica; no eu corporal; na etiologia das neuroses, na pulsão e sua fonte somática e entre outras fontes que reveste o corpo em sua função com o inconsciente. Recorrendo ao contexto histórico e clínico em que Freud desenvolveu esses conceitos, percebemos que a demanda à psicanálise na atualidade continua trazendo a cena do corpo histórico, bem como suas expressões em outras estruturas, desde a demanda obsessiva,

através dos rituais que submetem o corpo, nas invasões alucinatórias das psicoses, ou nas diferentes formações denominadas de psicossomáticas.

Assim, buscaremos desdobrar as relações entre diferentes suportes do corpo e suas expressões, para refletir o corpo na hiper atividade corporal da criança. O tema dos limites corporais diz respeito à tentativa do sujeito de construir uma separação na relação com o outro? Ou mesmo uma inscrição no discurso, traçando limites no próprio corpo? Lançamos esses lugares por pensar que o corpo do “hiperativo” não deixa de endereçar suas questões e de fazer dele palco de demanda de saber.

Fizemos referência, a partir da metapsicologia freudiana, a um conceito fundante relativo ao corpo, o qual não entende o sujeito de forma disjunta: a pulsão (*Trieb*). Conceito trabalhado no primeiro capítulo desta pesquisa, com o intuito de contribuir substancialmente para demonstrar que o somático e o psíquico se entrelaçam, situando que a pulsão se enuncia como um limite e no limite entre esses dois. A fonte da pulsão é sempre de ordem corporal, pois Freud (1915 [1996]) já diria que é um processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo. Em outras palavras, “o eu, é primeiro e acima de tudo, um eu corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio a projeção de uma superfície” (FREUD, 1923, p. 40). Com isso, demonstra que há um longo trajeto que todo ser humano deve percorrer, a fim de, além de ser corpo, constituir-se enquanto sujeito. Freud coloca em evidência que o somático habita o corpo como lugar da realização de um desejo inconsciente, pois o desejo é da ordem da pulsão.

De acordo com Assoun (1995), citando Freud, a excitação do corpo se encontra na pré-história da pulsão, mas o organismo e sua excitação se situam aquém da pulsão: “o organismo não é causa de nada, nem da pulsão, nem do prazer de órgão, mas sem a corporeidade nada seria possível” (ASSOUN, 1995, p. 182); trazendo o registro do corpo que vai dos processos somáticos à corporeidade.

Freud prossegue com a ideia de que o eu é derivado de sensações corporais, aquelas que emanam da superfície do corpo, gerando superfícies com fronteiras e delimitações. É pelo toque, pelas sensações da pele, prazer e desprazer, que se estabelece o sentido de uma superfície sensorial, permitindo ao sujeito uma experiência de si com a presença de um outro materno.

Desta noção, o corpo substância biológica, não corresponde ao corpo erotizado, propagado por Freud. Como bem sabemos, de início, o recém-nascido não reconhece os limites de seu próprio corpo; as sensações externas e internas se confundem e há uma desorganização libidinal endereçada como desconforto diante do desamparo inaugural. Aos

poucos, ele vai delimitando a superfície do seu corpo, seu esquema corporal e sua imagem corporal. Nesta construção, progressiva, o eu vai se constituindo, sempre num processo dialético, em que ele próprio e o outro ganham formas humanas a partir dos investimentos libidinais.

É sob esse viés que a psicanálise aborda o corpo, mas o corpo erótico, essencialmente quando Freud pontua (1905) que as causas das doenças psíquicas não estavam associadas apenas ao corpo biológico. A exemplo desta feita, Freud (1905), constatou muito cedo, que os sintomas de conversão histérica davam espaço a um deciframento; aludindo a noção de corporeidade. Para Junior (2010), “a corporeidade é, ao mesmo tempo, interna e externa. É a presença irrecusável das pulsões e abertura permanente para o mundo, para os outros”. O autor ao conceber esta noção cita Freud, ao reconhecer o papel da percepção externa na constituição do eu, em sua diferenciação do Isso, ou seja, a origem do eu revela sua dupla face, abertura por meio da percepção externa ao mundo, aos outros e, ao mesmo tempo, imbricação no Isso. Portanto, o próprio eu vincula-se ao inconsciente e possui, em parte, características inconscientes (FREUD, 1923). Isso tudo levanta o tema da intersubjetividade e corporeidade, expondo a simultaneidade entre as dimensões intrapsíquicas (objetos internos) e as intersubjetividades (objetos externos). A atenção dada aos processos perceptivos, às sensações, as comunicações simbólicas, verbais e não verbais sugerem uma situação intersubjetiva, de corpos que trocam sensações, olhares e investimentos dinâmicos, numa trama corpórea com valor erótico e rede de afetos.

O movimento de subversão produzido por Freud na concepção do corpo toma aqui toda sua dimensão; o corpo psicanalítico é, portanto, construído pela alteridade, pelo outro, pelo simbólico. Bergès (1986) apresenta o corpo como “receptáculo”, erotizado pelos desejos da mãe. O autor comunga da ideia de Dolto (1984 [2017]), que por sua vez, concebe o corpo, o esquema corporal, como o intérprete ativo ou passivo da imagem do corpo, no sentido de que permite a objetivação de uma intersubjetividade, de uma relação “libidinal linguageira” com os outros que, sem ele, sem o suporte que ele representa, permaneceria para sempre um fantasma não-comunicável. Seguindo Freud, Dolto (1984 [2017]) atribui ao esquema corporal um campo de linguagem, apesar desse se reportar ao tempo e espaço da espécie humana.

“O esquema corporal é uma realidade de fato, de certa maneira, é nosso viver carnal em contato com o mundo físico” (DOLTO, 1984 [2017], p. 18). As experiências da realidade dependem da integridade do organismo e também das sensações sinestésicas; assim, o esquema corporal não se confunde com a imagem do corpo, pois o primeiro termo alude ao indivíduo como representante da espécie, sendo, em princípio, o mesmo para todos. A



imagem corporal inconsciente, pelo contrário, é própria de cada um, ligada ao sujeito e a sua história. Imagem que sustenta o narcisismo e que é eminentemente inconsciente, encarnação simbólica do sujeito desejante. Assim, em um mesmo sujeito podem coexistir um esquema corporal doente e uma imagem inconsciente do corpo saudável, de acordo com Dolto (1984 [2017]).

Vimos que é a partir do acolhimento da mãe, ou de quem exerce essa função, suas trocas simbólicas, seu olhar, sua voz e suas palavras que um corpo se institui. Esses dispositivos são sustentáculos para a constituição da imagem do corpo, do desenvolvimento do bebê e do sujeito desejante. Por isso, empreenderemos na sequência do presente capítulo um apanhado teórico sobre a Imagem Inconsciente do Corpo. Aspecto que, como já foi dito, se inscreve a partir da experiência intersubjetiva, vinculada do lado do desejo e que utiliza as palavras para tomarem, primeiramente, corpo em uma imagem do corpo relacional.

## **2.2. Françoise Dolto e sua relação com as imagens: Imagem Inconsciente do Corpo**

Dolto se formou, trabalhou e produziu seus conceitos e concepções no apogeu da chamada “Era das Escolas”, num momento de grandes disputas políticas dentro do movimento psicanalítico, no qual diversos autores reivindicavam fidedignidade ao pensamento freudiano (MEZAN, 2014). Desde o início da sua história, a psicanalista foi marcada pelo tempo em que viveu, com fortes influências sócio-políticas e que situa seu pensamento como revolucionário. De tal modo que Vallim (2016) considera Dolto uma autora contemporânea, sob o ponto de vista de suas ideias e prática clínica, por suas contribuições ao campo da teoria psicanalítica e designando-a, a título de reconhecimento, como “Uma voz na psicanálise”.

Em o “Auto-Retrato de uma Psicanalista”, Françoise Dolto (1990) demonstra sua trajetória pessoal e seu encontro com a psicanálise. Neste mesmo trabalho compartilha sua atuação com crianças, lançando as bases para um novo tipo de terapia, centrada na escuta do inconsciente e livre das implicações de um discurso psiquiátrico. Dedicou-se à infância por toda a vida, repetindo constantemente que em psicanálise não cabe nenhuma interpretação *a priori* e que é necessário aprender os elementos da linguagem de cada criança. Dizia: “Quanto ao método, o essencial é escutar, tentando estar sempre presente” (DOLTO, 1990, p. 151).

A partir desse entendimento, a autora coloca que uma criança, mesmo pequena, já tem um passado, correspondendo ao da própria criança e a dos pais. Assim sendo, ouvia e respeitava a criança como sujeito capaz de assumir seu sofrimento e seu desejo; ainda porque

a psicanálise com crianças requer a escuta de uma linguagem que nem sempre é verbal, encontrando fronteiras entre o inaudito e o sintoma.

As diversas maneiras de Dolto abordar a criança alargaram muitos estudos sobre a infância, dando origem a uma nova orientação na clínica com crianças. Além disso, apresentou recortes clínicos de crianças excessivamente agitadas, que desencadearam tiques, com comportamentos impulsivos e compulsivos, dentre outros, que trouxeram elementos indispensáveis à nossa pesquisa, pensando a hiperatividade na atualidade. Essa peculiaridade de intervenção, pelo viés da imagem inconsciente do corpo, nos permitiu encontrar suportes, na psicanalista, para compreender a hiperatividade em sua experiência subjetiva. Tudo isso acentuou, ainda mais, a escolha desta autora para subsidiar nossa pesquisa.

Rememorando o que já foi discutido anteriormente, Dolto, interessada pelos enigmas do corpo e suas imagens, promoveu uma reviravolta na psicanálise com crianças, ampliando considerações trazidas por Freud e inaugurando o que ficou conhecido por Imagem Inconsciente do Corpo. Isso para referir-se a imagem mental que cada um tem de si, representação psíquica, única e inconsciente, marcada pelo desejo de se comunicar com o outro. A Imagem Inconsciente do Corpo, de acordo com Nasio (2001) é um dos conceitos mais importantes da psicanálise contemporânea. Dolto lançou-a na prática com crianças, retomando sob diferentes aspectos ao longo de sua trajetória. Apesar de seu trabalho ser direcionado à criança, tal conceito é abordado sob múltiplos ângulos, tendo um alcance clínico com adolescentes e adultos por se tratar de traços indelévels deixados pelas sensações arcaicas e sentidas de forma atualizada pelo sujeito.

Utilizando papel, lápis de cor e massa de modelar, Françoise Dolto entra em contato com a criança e percebe que as instâncias da teoria freudiana do aparelho psíquico (“Isso”, “Eu”, Super “Eu”), são assinaláveis em qualquer composição livre, quer seja gráfica, plástica ou de outra maneira, representando fantasmas inconscientes. São decodificáveis, enquanto tais, a partir do momento em que a criança fala a respeito de suas produções. Para Dolto, o mais importante na psicanálise infantil, é que a própria criança traz os dados da interpretação pelo o que ela diz dos seus desenhos “fantasmagóricos”. Mostrando, assim, que em qualquer composição livre se representa a imagem do corpo. Não se refere a imagem que é desenhada ou modelada ali; porém está a ser revelada pelo “diálogo analítico com a criança”. Nesse sentido, o analista não interpreta de imediato o material a ser apresentado pela criança; sendo esta que associa sobre sua produção e fornece os elementos de uma interpretação psicanalítica de seus sintomas (DOLTO, 1984 [2017]). Esta ideia, na medida em que dá um grande destaque à linguagem e à relação com o outro desde os momentos mais precoces, e, sem abrir

mão das etapas do desenvolvimento da libido e das pulsões, inaugura o conceito de Imagem Inconsciente do Corpo como uma engrenagem teórica, articulando tais dispositivos a um só tempo.

A Imagem Inconsciente do Corpo é constituída a partir das relações com o outro simbólico, perante as castrações e articulada com a linguagem. Na visão da autora, a imagem do corpo é compreendida como algo não visível, mas sentido e representado pelas pulsões, sendo o esquema corporal distinto da imagem do corpo. O esquema corporal é a materialização do corpo, lugar das sensações, já a imagem do corpo é a fantasia das relações afetivas eróticas com a mãe, com as castrações e com as maneiras que se construíram as relações, ou seja, um intersubjetivo imaginário assinalado no ser humano pela simbolização. Desta feita, podemos dizer que esse pensamento tem a ver com o que preconizou Lacan a respeito do eu, instância, sobretudo imaginária, proveniente da identificação imaginária da imagem especular.

O conceito trabalhado neste ponto é ilustrado em diversos casos clínicos de Françoise Dolto, os quais são evidenciados relatos de um esquema corporal saudável e que a imagem do corpo é perturbadora, como também há casos que o esquema corporal sofreu golpes orgânicos e a imagem corporal responde de maneira comunicativa e desejante. Desde as primeiras impressões do livro “Imagem Inconsciente do Corpo”, (1984), percebe-se que a autora esclarece veementemente que o esquema corporal difere da imagem corporal, pois o primeiro alude “ao nosso viver carnal no contato com o mundo físico, sendo inconsciente, pré-consciente e consciente” (1984 [2017], p. 15). A imagem do corpo é sempre inconsciente e pode tornar-se independente do esquema corporal. Ela se articula com o esquema corporal pelo narcisismo, “originado na carnalização do sujeito na concepção” (15).

A partir da experiência com o espelho, de acordo com Dolto (1984 [2017]), faz emergir na criança uma inadaptação narcísica entre a imagem inconsciente do corpo e o esquema corporal. Isso se deve ao fato que a autora entende o estágio do espelho como uma confirmação da experiência de individualização narcísica primária, iniciada com o narcisismo fundamental. Para ela, o narcisismo primário não vem substituir o narcisismo fundamental, ele é inserido neste, no sentido de acrescentar o campo relacional da criança. De fato, a psicanalista considera que a linguagem e a imagem do corpo estão em cena muito antes do momento em que o sujeito pode dizer “eu”; mesmo antes disso, Dolto o coloca como um sujeito de desejos.

Neste pensamento, Dolto (1984 [2017]) afirmou que a primeira célula embrionária já é uma pessoa totalmente peculiar, pelo fato de ser uma célula animada pelo impulso poderoso

de se unir a outro. Logo, para ela, “o desejo do homem é o desejo de se comunicar com o outro”. Uma comunicação, muitas vezes, não verbal, em casos de crianças pequenas; linguagem arcaica através de desenhos, brincadeiras, agitação, e, também, dos sintomas. Considerando a imagem inconsciente do corpo como um código íntimo, peculiar a cada um, que precisamos aprender a falar com a criança para uma comunicação inconsciente.

Assim, como é constituída essa imagem da qual fala a autora?

Pesquisando os textos e contextos da teoria doltoniana, observa-se que é um conceito amplo, e assim não há respostas simples para uma rede de relações permeada por operações simbólicas. Com efeito, neste recorte teórico, a Imagem Inconsciente do Corpo se refere ao conjunto das primeiras impressões inscritas no psiquismo infantil pelas sensações corporais que um bebê, ou mesmo um feto, sente ao contato de sua mãe, ao contato carnal, afetivo e simbólico. Ou seja, sensações que foram sentidas pela criança antes do domínio da palavra. Tal como uma rede, a imagem inconsciente do corpo, dispõe de um corpo conectado, de onde são vivenciadas as sensações arcaicas (que dizem respeito às experiências mais primitivas de contato entre o bebê e o mundo, tempo em que a visão ainda não ocupa lugar na cena), que serão impressas no psiquismo, constituindo imagens diversas e esburacadas (olfativas, táteis, gustativas, auditivas) no inconsciente. Sendo assim, encontramos de um lado, a sensação sentida pela criança; do outro, a imagem que fixa e conserva essa sensação no inconsciente, isto é, a Imagem Inconsciente do Corpo. Todo vivido afetivo e corporal intenso, consciente ou não, deixa seu traço indelével no inconsciente.

Continuando o esboço teórico, Françoise Dolto (1984 [2017]) segue fase a fase a constituição da imagem inconsciente do corpo e suas patologias. De Césaris (2016), retoma a autora, para demonstrar que o fracasso da simbolização e a falha na operação da proibição designa patologias infantis, pois Dolto sustenta que a função simbólica é específica da condição humana, a qual se organiza em uma linguagem portadora de sentido. Com isso, temos três aspectos da imagem inconsciente do corpo: a imagem de base, a imagem funcional e a imagem erógena.

Sendo a imagem do corpo elaborada na história do sujeito, ela se “constitui e se remaneja ao longo do desenvolvimento da criança”. O primeiro componente é a imagem de base, sendo aquela que se funda todas as outras, permitindo ao sujeito sentir-se coeso, ainda que passe por diversas transformações ao longo da vida. A imagem de base oferece o sentimento de segurança e constância necessário ao enfrentamento das castrações. Nas palavras de Dolto:

A imagem de base se refere a ‘mesmice de ser’, ou seja, uma continuidade narcísica ou uma continuidade espaço-temporal que permanece e vai se preenchendo desde o nascimento. É desta mesmice, intensa ou tenuamente perene, que vem a noção de existência. O sentimento de existir de um ser humano que sustenta seu corpo em seu narcisismo, sentimento que é evidente, provém desta convicção, sem dúvida ilusória, de continuidade (1984 [2017], p. 38).

Este narcisismo primordial constitui de certa forma uma intuição vivenciada no “estar-no-mundo” para um indivíduo da espécie. As sensações que nos dão a impressão de que nosso corpo é uma “massa densa e estável”, sensações de segurança e permanência, provém da imagem de base. E se pensarmos no período da gestação, é essa imagem que comunica ao feto sua relação com a placenta e o líquido amniótico, que alimentam e protegem sem variações invasivas.

Quando a imagem de base fica ameaçada, aparece um estado fóbico, específico de defesas contra um perigo sentido como persecutório, surgindo uma representação, um fantasma que ameaça a própria vida. Fantasma que pode ser de “perseguição visceral, umbilical, respiratório, oral, anal, conforme o momento traumático sentido como o primeiro em sua história” (1984 [2017], p. 39). É importante destacar que existe uma imagem de base própria a cada estágio. A primeira, após o nascimento, corresponde a imagem de base aérea “respiratória-olfativa-auditiva”. Já a segunda, é a imagem de base oral; para em seguida, constituir a imagem de base anal.

Aqui, de novo, vemos que a preocupação da autora é constituir imagens vívidas, pois permanecerão vigorosamente ativas ao longo de toda existência e se manifestarão em todas as expressões espontâneas do corpo infantil, adolescente e adulto. O importante é a compreensão que uma imagem não anula a outra, elas se acrescentam uma a outra, associando-se a imagens respiratória, olfativas, auditiva, mas também a toda zona bucal, faringo-laringe, tubo digestivo, tátil das nádegas, perineo; uma costura de peças que envolvem lugares erógenos de prazer, relacionados ao corpo da criança.

Antes de prosseguirmos, convém assinalar que, a imagem de base é vital e essencial, pois nos proporciona a sensação de permanecer estável, de permanecer o mesmo e de permanecer consistente face à alteridade dos seres e das coisas. Uma criança com sua imagem de base afetada, suporta permanentemente uma ameaça imaginária de perigo, mantém-se na defensiva, através da sua instabilidade. Isso pode ser traduzido por uma imagem de base ameaçada, sendo exteriorizada por encen(ações), num agir desordenado com o corpo. A imagem sentida, nesta condição, seria um fantasma que ameaça a continuidade da vida, de um

corpo crivado de sensações palpitantes, motora, hiper ativas, imagem-ação; significantes de uma hiperatividade.

Na sequência, o segundo componente da imagem do corpo é a imagem funcional. Outro aspecto trazido por Dolto para salientar um corpo em atividade, em manifestação. Sendo a imagem “estênica de um sujeito que visa a realização do seu desejo” (DOLTO, 1984 [2017], p. 42). Aqui, o corpo da criança realiza um deslocamento a procura de objetos concretos (como o leite, por exemplo) e objetos imaginários e simbólicos (como o cheiro, por exemplo) para atender suas necessidades e desejos. É através da imagem funcional que o corpo e o sujeito se colocam em movimento, na possibilidade de viver em relação com outros sujeitos e expressar desejos.

É graças à imagem funcional que as pulsões de vida podem, após serem subjetivadas no desejo, tender a manifestar-se para alcançar prazer, objetivar-se na relação com o mundo e com o outro. A mão, por exemplo, que é, a princípio, zona erógena de preensão oral, mais tarde de expulsão anal, deve integrar-se em uma imagem funcional braquial, dando à criança a liberdade esqueleto-muscular que lhe permite chegar a seus objetivos, serve à satisfação de suas necessidades e à expressão de seus desejos através de seus jogos (DOLTO, 1984 [2017], p. 42-43).

É importante salientar que a imagem funcional é constituída pela atividade, pela excitação corporal em busca de realizar necessidades e desejos. Com essa explanação, Dolto nos mostra componentes inconscientes que se manifestam no corporal da criança. A agitação, agressividade, deslocamentos são provenientes dessa imagem e necessários à existência. São imagens que representam sensações de um corpo agitado por tensões orgânicas, podendo exteriorizar-se num agir.

Em relação ao terceiro elemento, temos a imagem erógena. Ela carrega a história das relações de prazer e/ou desprazer do sujeito.

A imagem erógena é representada por círculos e buracos, referindo-se a um corpo sentido como um orifício com fins agradáveis e desagradáveis. Através das trocas amorosas, nos momentos de cuidado com o bebê, se instaura em determinadas zonas erógenas do corpo imagens correlativas da relação com o outro, marcada pela substituição dos objetos parciais da libido.

Esse trânsito entre as diferentes zonas erógenas, citadas por Dolto, foram herdados de Freud ao trazer na sua conceituação as fases psicosssexuais do desenvolvimento da libido (oral, anal, fálica, genital). Dolto realça aquilo que Freud já bem indicou, “que é a partir do jogo de presença-ausência do objeto de satisfação do desejo, enquanto este não estava ainda

esgotado, que instituiu esta ou aquela zona como erógena” (DOLTO, 1984 [2017], p. 44). Porém ela ressalva que os cuidados maternos que instalam as zonas erógenas no corpo da criança não é fixa a determinada região, pensando que o prazer marcado no corpo pode ir além da região bucal, anal ou genital. As zonas erógenas parciais podem estar ligadas ao próprio corpo de maneira autoerótica, assim como temos na teoria freudiana; ou até mesmo ser encontrado em objetos parciais, como no papai ou mamãe, cujo prazer sentido pela criança tem uma representação funcional erótica, semelhante ao prazer proporcionado pela masturbação, conforme os exemplos trazidos por Dolto (1984 [2017]).

Ao esquematizar as sensações descritas por Dolto sobre a imagem do corpo, Nasio (2009) apresenta um quadro ilustrativo onde traz o desfecho das imagens do corpo inscritas na memória inconsciente da criança: São sensações vividas no corpo infantil impregnado pelo corpo da mãe, seu desejo e sua fala. Então, são sentidas sensações de um corpo denso e estável, correspondente à imagem de base; sensações de um corpo agitado por tensões orgânicas, que diz de uma imagem funcional; e sensações de um corpo erógeno palpitante de prazer, relacionada à imagem erógena. O que resulta numa imagem global, nomeada por Dolto (1984 [2017]), como imagem inconsciente do corpo, constituindo a memória geradora de sentimento de si, sentimento experimentado pela primeira vez por volta dos três anos de idade.

Digamos que os três componentes da imagem do corpo se “metabolizam, se transformam e se remanejам” diante das castrações simbolígenas, ligadas entre si através das pulsões de vida, as quais são atualizadas para o sujeito naquilo que Dolto denominou “imagem dinâmica”, correspondendo ao “desejo de ser”.

A imagem dinâmica não tem, portanto, representação que lhe seja própria, ela é tensão de intensão; sua representação seria a palavra “desejo”, conjugada como um verbo ativo, participante e presente no sujeito, na medida em que encarna o verbo ir, no sentido do indo-desejando, ligada a cada uma das três imagens de comunicação atual ou potencial com as duas outras. A imagem dinâmica expressa em cada um de nós o Sendo, chamando o Advir: o sujeito no direito de desejar, eu gostaria de dizer “em desejança” (DOLTO, 1984 [2017], p. 44).

Para Dolto (1984 [2017]), a imagem dinâmica não tem representação, contudo ela aparece sob formas virtuais que correspondem a uma intensidade da expectativa de atingir o objeto, seja nos movimentos circulares de bebês ou em desenhos que apontam caminhos em direção a certo alvo, traçados gráficos que pontuam um ritmo, onde o sujeito se encontra dinamizado, “sentindo-se em estado desejante”.

A condição para que o sujeito continue desejante, parte da ideia que a imagem do corpo se estrutura graças às emoções dolorosas (castrações) articuladas ao desejo erótico, desejo proibido depois que o prazer foi conhecido e repetidamente experimentado. Essa proibição, nomeada por Dolto como castrações simbolígenas, permite a renúncia às “pulsões canibais, perversas, assassinas, bárbaras etc.” (1984 [2017], p. 60), e ao mesmo tempo comporta a simbolização, para constituir a imagem do corpo, na história de suas sucessivas reelaborações.

Para esta noção fundamental, de castrações simbolígenas e os frutos dessa castração, iremos dirigir nossa atenção, trazendo um breve resumo daquilo que, para Dolto, humaniza a criança.

### **2.3. As provas para o desenvolvimento: Castrações Simbólicas**

Diante das três imagens apresentadas que compõem a imagem inconsciente do corpo – imagem de base, imagem funcional e imagem erógena -, Dolto (1984 [2017]) descreve que elas se “metabolizam”, pelo fato que certos componentes da imagem do corpo permanecem; outros se “transformam”; e outros se “remanejam”, considerando as provas que o bebê enfrenta e suas limitações. Essas provas foram nomeadas pela autora como castrações simbólicas ou simbolígenas, para indicar as interdições a uma modalidade de satisfação libidinal predominante até então; são vistas como provas pelas quais o sujeito humano deve passar para apossar-se de seu desejo e buscar outras satisfações através da relação com o outro, atravessado pela linguagem.

A noção de castrações simbolígenas é apresentada em grande parte das obras de Françoise Dolto, pois trata de intervir em tudo o que possa entrar o “indo-tornando-se” da criança em direção a seu estado adulto, engendrando efeitos ordenadores na história da criança, e libertando sua libido da repetição que entrava sua autonomia. Assim, podemos observar nas produções da autora, como se dedicou para que tal postulado pudesse fazer parte da psicanálise e dos educadores que cuidam de crianças, apresentando a linguagem como meio para se chegar aos “frutos da castração”.

A satisfação inicialmente do bebê se encontra no corpo-a-corpo com a mãe. Progressivamente, por meio da simbolização, apoiada na linguagem, permite-se que essa simbiose seja transformada em etapas progressivas para o desenvolvimento e autonomia da criança no ambiente. É a palavra, em sua função simbólica, que permite mutações de nível do desejo. “Da satisfação erótica parcial à relação de amor que é comunicação de sujeito para sujeito” (DOLTO, 1984 [2017], p. 50); palavras cujo lugar se ocupa de uma função



transicional, que articula a criança às imagens tácteis das zonas de base, funcional e erógena. São objetos transicionais sonoros que contam com palavras suficientes de amor e de liberdade lúdicas motoras.

Compreendemos que essas trocas de sensações, inicialmente muito arcaicas, são representadas por uma linguagem emotiva, com implicações na comunicação. Para haver uma comunicação languageira durante essas trocas, a autora coloca a fala como estruturante para a condição humana. A fala direcionada à criança pode ter um efeito de reconhecimento, o qual leva o sujeito, em seu refúgio, algumas vezes doentio, a abandonar estádios regressivos e evoluir em seu desenvolvimento. Assim, o atravessamento dessas “provas” apoiado na linguagem, é que permite a renúncia a uma satisfação simbiótica primeira, fundamentalmente necessária (pois permite ao corpo viver), para dar lugar a uma continuidade de ser.

A cada etapa do desenvolvimento da criança, de acordo com Dolto (1984 [2017]), relaciona-se uma castração, o que corresponde às provas necessárias que o recém-nascido enfrenta desde seu nascimento. A autora atribui a existência de um sujeito desde a sua concepção, na medida em que, se o feto se desenvolveu, é porque em algum lugar havia um desejo de viver, um sujeito. Assim, a vida intrauterina já deixa traços de memória que remontam as relações do bebê com a placenta e o líquido amniótico. A autora continua sua explanação ao atribuir que o nascimento é a primeira castração, nomeada por castração umbilical. Apesar de ser um fato da natureza, seu papel simbólico é marcante de forma emocional pela sua chegada ao mundo enquanto ser humano. Podendo ser acolhido, segundo o sexo o qual seu corpo testemunha e a maneira pelo qual é aceito tal como é; e podendo ser frustrante ou gratificante para o narcisismo de cada um de seus pais.

O fato real da separação do corpo da criança com o corpo de sua mãe promove novas descobertas ao bebê. A imagem do corpo, oriunda, parcialmente, nos ritmos, calor, sonoridade, percepções fetais, se vê modificada pela variação abrupta destas percepções. Esta modificação, acompanhada do aparecimento da respiração pulmonar, da ativação do tubo digestivo, seu próprio grito, a audição intensificada das vozes, a dinâmica dos odores é inconscientemente sentida como impactante para o recém-nascido. “Esta perda de percepções conhecidas e este surgir de percepções novas constituem o que se denomina trauma do nascimento, que é uma mutação inicial de nossa vida e que marca um estilo de angústia mais ou menos memorizado para cada feto” (DOLTO, 1984 [2017], p. 73). Para a autora, o elemento mais marcante há de ser auditivo, pela repetição do seu nome. Aspecto significativo de seu ser no mundo para seus pais, acompanhados de afetos carregados nas palavras e que encarnam um modo primeiro de ser narcísico.

Lembremos que é, portanto, desde a castração umbilical que a angústia ou alegria marca de maneira simbólica, ou não, o psiquismo de um ser humano. Trata-se de um ligamento da fonte dinâmica inconsciente que vai sustentar, de forma rica ou empobrecida, o desenvolvimento da criança. Dolto (1984 [2017]) lembra que esta potência pode ser ampla ou mediocrementemente delivrada ao sujeito, segundo o narcisismo dos pais; é o que sustenta ou entrava para ultrapassar as provas da mutação do nascimento e dos primeiros dias de vida aérea, associada à imagem de base. Essa compreensão permite-nos elucidar os frutos da castração umbilical, pensando que a criança abandona o estado passivo fusional da vida fetal; conservando desse momento o desejo e o prazer de dormir e a sensação elementar de estar viva; e conquista o estado ativo e desejante da vida ao ar livre.

A segunda renúncia imposta à criança é marcada pelo desmame, pela substituição do aleitamento como fonte exclusiva de alimentação e pela substituição de uma modalidade de alimentação corpo a corpo entre mãe e criança, para um prazer ainda maior, partilhado com outros membros da família e com outros suportes distintos ao seio produtor de leite ou bico da mamadeira. Devido a esses aspectos do desmame, essa prova é conhecida por castração oral.

De um ponto de vista pulsional, de acordo com Dolto (1984 [2017]), a castração oral é para a criança a separação de uma parte de si mesma que se achava no corpo da mãe. A criança se separa deste objeto parcial, o seio, e do primeiro alimento para iniciar em uma alimentação mais sólida. Aqui há uma privação imposta ao bebê daquilo que é para ele o canibalismo frente à sua mãe, uma renúncia de comer aquilo que não é alimento (seio) e permitir outra forma de satisfação oral. Tudo isso só é consentido se sua mãe for capaz de se comunicar com seu filho e oferecer possibilidades de uma relação simbólica que tal castração promove, também, no inconsciente desta mãe.

A castração oral consiste, no exemplo da autora (1984 [2017]), em tornar uma criança independente dos dizeres da mãe, isto é, em permitir à criança julgar por si mesma se concorda em executar o ato que o dizer de sua mãe ou de qualquer outra pessoa implica, insistindo no caráter gradual, na medida em que, mesmo após o desmame, é necessário dar uma castração oral a uma criança, cuja mãe também não foi castrada nesse nível.

O desmame brutal, sem mediação, pode provocar dificuldades de linguagem que hoje encontramos nas crianças. Isso é observado nos casos em que a mãe volta a trabalhar e a criança fica com outros cuidadores. Para que as mães não desapareçam no dia em que para de dar o seio, é preciso uma mediação importante que opere o desmame, introduzindo palavras e afetos.

No seminário de Psicanálise de Crianças (1982 [2013]), Françoise Dolto esclarece que a criança passa de uma ligação carnal com a mãe à posição de objeto parcial com a pessoa que cuida dela. Quando isso acontece de uma forma positiva, ou seja, quando um outro consegue realizar uma operação simbólica no ato das provas castradoras, a criança atingirá a sublimação das pulsões castradas, obtendo satisfação, mas de outro modo.

Desta feita, consideremos que a criança no nível da castração oral conserva o desejo e o prazer de sugar, e conquista a aptidão a se nutrir de alimentos cada vez mais sólidos, assim como a assimilação da língua materna. Cujo fruto é a introdução da criança enquanto separada da presença absolutamente necessária da mãe, na relação com o outro, chegando a modalidades de comportamento linguageiro e aceitando a assistência de outras pessoas elencadas pela mãe.

Tomando como sequência, contudo dentro de uma lógica que se renova, a castração anal alude a proibição de prejudicar seu próprio corpo, através de atos motores repulsivos, perigosos ou não controlados. Numa leitura social, diremos que a castração anal concebe a proibição do assassinato e do vandalismo, em nome da coletividade; iniciando o prazer da motricidade compartilhada e a harmonização com os outros dentro de uma comunicação com troca lúdica e socializada.

A possibilidade de controle dos esfíncteres é um marco civilizatório para o desenvolvimento do sujeito e está associado à castração anal, ocupando um lugar importante nos escritos de Dolto. É a possibilidade de um maior domínio sobre o próprio corpo, marcando uma “desprivação de prazeres agressivos motores que seriam nocivos para si mesmo e para os outros” (1984 [2017], p.87). Nesse sentido, é enfatizada a importância do ambiente ao transmitir as trocas prazerosas nesse momento tenso de separação do corpo da mãe; há um trânsito das pulsões, de maneira progressiva, que proporciona certa independência no campo da criatividade e do fazer da criança. O início das transformações das pulsões anais consiste em criar com as próprias mãos, deslocando o interesse manipulatório e expulsivo para a modificação de uma forma produtiva.

Um pequeno de vinte e quatro a trinta e três meses, que está no auge do triunfo da idade anal, portanto, da motricidade voluntária, não recebe a castração anal, que deve ser simbolígena no sentido psicanalítico, se tudo lhe é proibido e se sua liberdade de procurar, de modo intensivo e auto-erótico, o prazer de seus movimentos, de sua acrobacia, de sua manipulação desarranjadora dos objetos que ela pode manipular, não tem lugar no tempo do seu dia nem no espaço do lugar onde ela vive. Ela não pode sublimar suas pulsões de uma maneira social se não tem, tampouco, companheiros com quem brincar (DOLTO, 1984 [2017], p. 117).

Uma castração anal saudavelmente vivenciada centra-se na valorização da motricidade manual ou corporal, permitindo a criança deslocar os prazeres excrementícios pela alegria de fazer, de manipular os objetos no mundo. Aqui, percebemos a importância destinada à atividade motora corporal da criança, a alegria do domínio sobre os objetos, a manipulação com a terra, a água, a demolição de obras, o jogar-se no chão, o pular, ou seja, a representação de uma imagem funcional com seu valor de atividade.

É assim, de fato, que é preciso não caminhar para mutilação do prazer sadio do fazer. A privação excessivamente precoce é insuportável. Porém, no plano simbológico, esse domínio motor, possibilita uma marcha autônoma e na progressiva habilidade de manuseio dos elementos do mundo, colocando a criança diante de novas descobertas e desafios no campo da linguagem, bem como, a diferenciação entre si mesma e os outros, conservando o desejo e o prazer de estar em dupla.

O estágio do espelho, (componente trabalhado no primeiro capítulo desse trabalho e por essa razão não será novamente reportado nesse item) é descrito por Françoise Dolto (1984 [2017]) como uma prova, uma castração, justamente pelo seu caráter desestruturador. Remetemos esse aspecto por ser valorizado as experiências especulares, podendo ser dramático na falta de uma presença relacional que possibilite um suporte simbólico ao contemplar sua imagem numa superfície fria, assim como foi com Narciso, atraído pelo encontro com o outro na superfície de uma água escura. “O estágio do espelho, que pode ser simbólico para a criança, pode, também da mesma forma ser dessimbólico pela visão desta coisa que é seu próprio corpo, se ela não o reconhece como sendo o seu” (DOLTO, 1984 [2017], p. 121). Se a mãe, em sua função simbólica, vem a faltar nessa travessia, um esboço de regressão pode ser instalado e as pulsões de morte do sujeito vir a prevalecer. Inversamente, a presença asseguradora promove novas descobertas; uma linguagem mímica e vocal acompanhadas de novas percepções que tomam sentido humanizado.

Enquanto a castração anal é, no final das contas, a castração da deformação das formas e do atentado ao corpo do outro, a proibição da agressão ao corpo do outro e, portanto, do assassinato, (DOLTO, 1982 [2013]); a castração genital trata-se da descoberta da diferença sexual do próprio corpo. A criança, a partir da castração genital toma posse de sua própria imagem, passando a decidir os caminhos do próprio corpo. A castração genital, para Dolto (1984 [2017]), pode ser vivenciada em dois momentos na vida da criança e persistir conforme sua rede de relações subjetivas: Castração Primária (Castração Genital Não-Edípica) e Castração Genital Edípica (Interdição do Incesto).

Nessa perspectiva, a castração primária está ligada com a experiência da descoberta referente à diferença sexual. Sendo através das palavras verdadeiras ofertadas à criança que serão confirmadas suas observações em relação ao próprio corpo, o que promoverá valor de linguagem e valor social, preparando um futuro saudável para sua genitalidade, em uma idade onde as pulsões genitais não são ainda prevaletentes.

O que inaugura a castração primária são aquelas perguntas referentes ao corpo diferente dos pais; mas, é necessário que as crianças observem que não há diferença da face posterior do corpo entre meninos e meninas, levantando curiosidade para o que há de diferente na frente. “A criança ouve, desde pequena, que é menino ou menina; mas é uma referência puramente verbal, que não tem correspondente em sua observação do corpo” (DOLTO, 1984 [2017], p. 137). As sensações vividas pela criança são de estranhamento e choque, a partir das primeiras observações, tendo o fantasma de que se trata de uma anomalia ou de uma mutilação efetuada pelos pais; o que leva os pequenos aos questionamentos que possam acalantar e confirmar a exatidão de suas descobertas.

Através dessas observações e do desejo de saber, é permitido à criança descobrir a diferença sexual, descoberta surpreendente logo situada no prazer específico que a região genital proporciona ao ser excitada. É o próprio fantasma, por vezes, que desperta a criança para sua genitalidade, pois há um mal entendido dos adultos para com as crianças, promovendo respostas inúteis ou achando que não tem fundamento falar com elas porque não entendem. Dolto (1984 [2017]) diz que existe também outro inconveniente, porque tais indagações tocam em questões íntimas do sofrimento afetivo e psíquico dos adultos, em suas próprias angústias de castração, deixando-os impotentes para evoluir saudavelmente em seu desejo.

A castração primária promove a ideia de que seu pai e sua mãe têm sexo distintos e que, além da sua família, pode encontrar segurança em outros lugares, abrindo caminhos para a primeira escolarização, socialização e amizades. Podendo também fracassar, no campo simbólico, em decorrência da falta de informações, das broncas, adiamentos de respostas, reações repugnantes dos adultos às perguntas que a criança levanta a respeito do que observou, ouviu dizer ou sentiu.

O período em que sucede a descoberta sexual da criança é o período no qual entram no complexo de Édipo, ou seja, a castração genital edipiana. Aqui vemos Dolto (1984 [2017]) ser fiel aos postulados freudianos a respeito do complexo de Édipo, trazendo como contribuição seus casos clínicos ilustrativos e o efeito da linguagem no atravessamento de cada período da criança. Conforme Vallim (2016), Dolto também carrega marcas do pensamento de Lacan no

modo de ver o Édipo bem próximo das preocupações com a linguagem e os meios de simbolização. Nesse sentido, a autora investiu maciçamente no caráter educativo dos genitores e adultos tutelares para que levem à criança a empregar sua libido de forma criativa, utilizando-se de palavras e fazeres que não calem o desejo. Ela expressou a castração edipiana como uma linha divisória em relação aos processos simbólicos e a imagem inconsciente do corpo.

A partir da entrada no Édipo, se desenvolve na criança uma visão de si no mundo, onde sua vida imaginária é dominada por sua relação atual com seus dois genitores. De acordo com Dolto (1984 [2017]), o Édipo pode ser saudavelmente conflitual ou patologicamente conflitual, em consequência do desamparo de pertencer ao seu sexo; isto pode ser quando há ausência de palavras verdadeiras quanto a sua filiação e até mesmo aos dramas contínuos vividos no entorno sócio familiar. Assim, a criança vive cada etapa da sua vida segundo as palavras que lhe explicitam claramente às provas de cada uma delas. Cada etapa é vivida segundo a maneira pela qual a etapa anterior foi ultrapassada, mantendo-se, também, algo dos estágios anteriores.

“A partir do momento em que a criança tem conhecimento desta pertinência a um sexo, a imagem do seu corpo muda: não é mais inconsciente, ela é conscientemente aquela que deve se conciliar na realidade a um corpo que será mais tarde de um homem ou mulher” (DOLTO, 1984 [2017], p. 153). A autora pensa o complexo de Édipo em meninas e meninos a partir da noção da imagem dinâmica, relacionando-as com os direcionamentos que confere à libido (meninos “centrífugas” e meninas “centrípetas”); isto é, as vicissitudes dos desejos incestuosos e os processos identificatórios. Os meninos transpõem a agressão de tipo centrífugo, inconsciente ou pré-conscientemente desejada, para a atividade manual, atividade intelectual, a atividade de todo seu corpo, lúdica e laboriosa; são pulsões centrífugas penianas. Nas meninas, suas pulsões são centrípetas, atraindo para si o objeto que representa o poder; assim, seu desejo é o de agradar, a fim de que se torne tão valiosa quanto sua mãe, espreitando seu pai por ter o falo.

A castração edipiana, com a proibição do incesto, provoca na menina sublimação das pulsões pré-genitais (ela quer compreender como ganhar, agradar, seduzir, tudo que se pode para se fazer valorizar pelas instâncias de amantes); enquanto que no menino tal castração provoca o desejo fortalecido de saber (ele quer saber como o mundo é feito, conhecer leis, como se tornar chefe). Com base na teoria doltoniana, são pulsões ligadas a questões epistemofílicas.

Nesse sentido, a criança abandona a convicção de que seus pais conhecem todos os seus pensamentos e a inocência infantil, conservando o prazer de se entregar ao outro de maneira confiável e a vontade de dividir seus pensamentos e emoções. Os frutos dessa castração promoverão a idade da razão e a consciência da morte, bem como a descoberta da vida interior, aliada as mentiras, segredos, pudor, vergonha, culpa e o prazer dos devaneios quando fica sozinha.

Desdobrando a proposta aqui levantada, ressaltamos que uma castração que é uma frustração não pode deixar de ser simbolígena (DOLTO, 1982 [2013]), quer diga respeito a pulsões orais, anais ou genitais, pois consiste em dar à criança os meios de estabelecer a diferença entre o imaginário e a realidade autorizada pela lei. No caso da castração genital edipiana, consideremos que há um deslocamento social do Édipo para a vida social das crianças, em particular na escola. Isso porque ainda que estejam em fase de latência quanto à preocupação sexual genital enquanto tal, as preocupações afetivas sexuadas e o interesse de prazeres parciais não deixam de estarem presentes na vida do humano. Nessa perspectiva, a literatura da autora inclui, veementemente, a importância do educador na sublimação das pulsões e sua relação com os objetos parciais.

Nesse âmbito, desejamos fazer um parêntese para lembrar as contribuições de Françoise Dolto para a educação, especificando o espaço coletivo da escola. A mesma (1982 [2013]) postula que um adulto tutelar, em sua função de educador pode adotar uma comunicação languageira, a partir do momento em que outros seres humanos permitam nosso desenvolvimento potencial libidinal e eduquem nossas capacidades para seu destino de troca criativa e procriativa.

Falemos, portanto, dos caminhos da educação na vida da criança; sabendo que ela se constrói simbolicamente em sua relação com o outro. Dolto contribuiu significativamente para a construção de novas práticas no contexto educacional e/ou escolar, implicando esse espaço social para o desenvolvimento psíquico da criança. Nessa lógica, a escola deve ensinar às crianças a discriminar a necessidade que são irrepreensíveis e o desejos que são domináveis, sendo esta distinção que especifica os seres humanos em relação aos animais.

#### **2.4. Implicações Educacionais da Psicanálise de Dolto**

“O ser humano é fisicamente um mamífero e, psiquicamente, um ser de filiação languageira e, portanto, de adoção” (DOLTO, 1982 [2013], p. 52). Com base nessa afirmativa, a autora realizou várias considerações valiosas que facilitam nossa compreensão sobre a criança e como ela se constrói simbolicamente em relação com o outro.

A psicanalista teve sua formação e seu olhar marcados pela releitura da obra freudiana. Com base em Vallim (2016), - que traçou sua pesquisa de mestrado na biografia de Françoise Dolto -, Lacan e Dolto respiravam o mesmo ar de Paris e faziam recortes semelhantes dos textos de Freud. Por esses motivos se entendiam em algumas proposições, principalmente no que se refere ao papel da linguagem como marca do sujeito. Entretanto, demonstraram pontos de vistas diferentes em alguns aspectos: Lacan, vindo da psiquiatria, aproximou-se da filosofia e linguística; Dolto aproximou-se da psicanálise a partir da pediatria e sempre se inclinou para a causa da criança. Isso é o que gerou maior impacto em sua obra, considerando as vivências dos profissionais e adultos tutelares (educadores) que se dirigiam às crianças, mas que não as entendiam em suas “criações de linguagem”. Provocava trabalhadores sociais, médicos, psicanalistas, professores, pais ou alunos a escutar e questionar uma educação que era contrária aos interesses das crianças. Assim, lutou para pôr a psicanálise em atos, ou seja, ouvir os desejos e sofrimentos das crianças, dando-lhes o direito à palavra, e ao mesmo tempo, dando limites para que ela se sinta livre para pensar, sentir e falar sobre sua própria história.

Colocando as aquisições da psicanálise a serviço da educação, Dolto produziu artigos e conferências que foram reunidos no livro “Os Caminhos da Educação” (1998), onde ela nos propõe a se inclinar para a escuta das palavras, dos gestos, dos comportamentos, dos sinais que traduzem as angústias e sofrimentos infantis. Coloca, também, questões pertinentes, (a chegada do irmão caçula, a separação ou o divórcio dos pais, o fracasso escolar) que podem afetar o equilíbrio emocional da criança e dificultar o desenvolvimento infantil quando ignorado. Aponta outras perspectivas, incluindo a temática do inconsciente, além dos muros das sociedades psicanalíticas, confrontando-se com outros campos do conhecimento: a pediatria, a pedagogia e a psiquiatria. Mas não parava por aí, pois seu interesse estava no domínio da infância e levar a potência da psicanálise para esse público.

Além de um tratamento para os transtornos instalados na criança, ela se interessava na perspectiva de profilaxia da educação. Com esse objetivo, suas conferências e programas radiofônicos se estendiam para o público geral, disseminando como foco imprescindível o uso da linguagem desde muito cedo com a criança. Esse seria o principal caráter educativo da psicanálise com criança, entendendo que ela evolui conforme as referências simbólicas necessárias à sua vida: “sua identidade, seu sexo, seu lugar na genealogia e os interditos fundamentais”.

E o objetivo de toda educação (profilaxia dos distúrbios de comportamento), como de toda psicoterapia (cura dos distúrbios de comportamento), é a



utilização da libido do indivíduo de maneira que ele se sinta feliz e que esse bem-estar subjetivo se harmonize com os dos outros e inclusive o promova, em vez de sustá-lo (DOLTO, 1971[1988], p. 55).

Educar uma criança é ensinar-lhe seu corpo, seus limites, o mundo, as regras e os interditos da vida em sociedade, ajudando-a a desenvolver seu senso crítico. Em “Psicanálise e Pediatria” (DOLTO, 1971[1988]) coloca que a prática do educador e do médico reside em conduzir à criança ao desenvolvimento pleno e eufórico das suas possibilidades afetivas e fisiológicas que sejam compatíveis com as exigências físicas e psíquicas do seu meio social. Isolar uma criança para preservá-la de doenças e neuroses é proibi-la de vivenciar os riscos da vida; o que é inevitável decorrente da angústia provocada pela própria condição humana do viver. Permitir a liberdade individual nas atividades legítimas é proporcionar uma educação centrada na construção de respeito por si mesma, que ela não pode adquirir a não ser que os adultos que a rodeiam a respeitem, e dessa forma, promover o respeito mútuo.

A educação não consiste em impor uma série de comportamentos, todavia se sustenta pela prevenção dos problemas de desenvolvimento infantil no cerne de dois conceitos principais: laço social e subjetivação (DOLTO, 1971 [1988]). A criança que é ajudada pelas palavras dos pais e educadores, traz consigo instruções acerca dos seus limites e dos perigos, sem ser culpabilizada ou desnarcisada, ofertando a alegria de viver e a possibilidade de crescer sem aflição. Além disso, os que se ocupam das crianças devem ter noções sobre o papel da vida libidinal e saber que a educação da sexualidade é o agente que promove o indivíduo a viver em sociedade.

Pensando nos diferentes aspectos que mobilizam os afetos do desenvolvimento infantil, Dolto em 1979 criou um lugar intermediário entre a vida familiar e o espaço coletivo, que favoreceu a relação precoce das crianças, pais e sociedade, sem, contudo, impor a privação da palavra e outros componentes de linguagem. A *Maison Verte* é esse dispositivo que se sustentou na possibilidade de uma psicanálise além dos muros do consultório, tornando-se um espaço de convívio entre crianças e seus pais, e articulado por algumas regras claras e simples, próprias do espaço público e embasadas pela teoria das castrações simbolígenas. A proposta é de ser um espaço intermediário de socialização antes que as crianças entrem na escola e, assim, possam fazer esta passagem de um modo mais tranquilo.

A concepção da imagem inconsciente do corpo parte dessa oposta. A oposta na palavra a partir do encontro entre familiares e crianças e entre as próprias crianças que buscam suas respostas e caminhos. Respostas e caminhos esses que os pais, também, buscam para compreenderem seus filhos numa linguagem de acontecimentos. Claro que o adulto

observa essas particularidades da criança, todavia não percebem sua importância pelo viés de uma imagem vívida e que são construções linguageiras que traduzem suas angústias, certezas e fantasmas. No dizer de Dolto (1971 [1988]), as crianças “fabricam” palavras, expressões que demonstram uma sensibilidade que lhes é própria, uma maneira particular para se exprimir. É, com esse objetivo, que ela mobilizou a construção da *Maison Verte*, estando em sintonia com as crianças, em sintonia com a criança que há em cada adulto, em sintonia com a verdade e, principalmente, em sintonia com a imagem inconsciente do corpo.

São múltiplas as implicações relativas ao campo da linguagem que imprimem uma marca singular nesta autora e psicanalista de crianças. Implicações que tiveram alcance para quem trabalha com os pequenos e que ecoa, atualmente, de maneira sutil sob diferentes ângulos: epistemologicamente, na clínica, na medicina, na educação. Ela insistia para oferecermos respostas às indagações da criança, mas não uma resposta qualquer, e sim uma resposta que exprima a “língua das crianças” imbuída pelo cuidado com a infância. Assim ficou conhecida como a “médica da educação”, por ter levado a psicanálise aos espaços públicos, através de suas transmissões públicas, e na maneira de ser compreendida em questionamentos diversos.

Enfim, provocou um grande público, incluindo os profissionais escolares, para se comunicarem com as crianças, apostando nos efeitos de linguagem. Empreendeu reflexões sobre o estatuto da criança na sociedade e dessa maneira disseminou seu pensamento com a preocupação constante de humanizar a criança. Falou com os professores para estarem atentos as suas heranças culturais e não projetarem suas histórias nos estudantes, como numa espécie de repetição automática, mencionando que as crianças provocam a criança interior do adulto e questionamentos interior. O educador não deve agir como psicanalista; “um psicanalista não é de maneira nenhuma um educador” (DOLTO, 1994 [1998], p. 335), todavia, levar à psicanálise a outros saberes desperta a responsabilidade de cada um e o torna convencido da sua responsabilidade de desejar, aliviando os sentimentos de culpa.

É muito difícil para os pais se responsabilizarem pelo filho quando este sofre, quando é infeliz. Sem falar que a nossa sociedade está sempre em busca de culpar alguém para demarcar os acontecimentos. Como é possível perceber de saída, não é suficiente buscar um culpado, provocando uma dívida psíquica geracional. Isso repercute em uma geração de crianças traumatizadas, maltratadas e marcadas por uma imagem inconsciente deturpada, que utiliza, cada vez mais, de uma linguagem própria em busca do olhar de pais atenciosos. Na contramão da culpa, apostamos sobre a responsabilização do sujeito e seu modo de se implicar perante as situações; este é o trabalho clínico da análise.

Até aqui, recortamos as proposições teóricas da Imagem Inconsciente do Corpo – extensamente desenvolvidas – abordando a constituição dessa imagem e os aspectos relacionais que podem impactar a subjetividade infantil. A seguir, dedicamos nosso olhar para os apanhados da clínica psicanalítica, ilustrando fragmentos de casos clínicos de Dolto para introduzir o terceiro capítulo. De fato, há um lugar demarcado na teoria dela que revela como fazia suas observações clínicas e entrava em sintonia com a imagem inconsciente da criança. Dentro deste campo, trouxemos, principalmente, uma discussão de um caso de hiperatividade, em que apresentamos outra possibilidade de leitura: sob o enfoque do conceito da Imagem Inconsciente do Corpo.

### **3. O Caso Clínico na Psicanálise de Dolto**

*Em psicanálise, definimos o caso como o relato de uma experiência singular, escrito por um terapeuta para atestar seu encontro com um paciente e respaldar um avanço teórico. Quer se trate do relato de uma sessão, do desenrolar de uma análise ou da exposição da vida e dos sintomas de um analisando, um caso é sempre um texto escrito para ser lido e discutido.*

**NASIO**

Françoise Dolto, profundamente arraigada ao seu fazer clínico, transitava no mundo das imagens com suas propostas inovadoras, buscando compreender, a partir da escuta do inconsciente, como essas imagens podiam ser inscritas na dimensão imaginária, bem como se encarnavam no próprio corpo. Vallim (2016), citando Sauverzac, aponta que “a obra de Dolto, marcada justamente por sua oralidade, deve demasiadamente a sua presença e ao que de profundamente singular e inimitável tinham sua escuta e sua experiência” (p. 12).

Nesse sentido, ao abordar os conceitos elaborados por essa autora no capítulo anterior, tivemos uma percepção dos seus constructos teóricos, o que fundamentou uma consistência na sua clínica e lhe permitiu um lugar de destaque na psicanálise.

Nossa proposta, nesse ponto, implica, primeiramente, em tecer algumas considerações clínicas das experiências trazidas por Dolto em sua obra e o quanto contribuiu para torná-la uma “voz na psicanálise”. Em seguida, escolhemos um caso clínico de autoria de Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros para discutir a hiperatividade sob a luz do conceito da Imagem Inconsciente do Corpo. E, assim finalizar, abordando os “destinos de criança” no que se refere na possibilidade que a criança, enquanto sujeito desejante, tem de construir novos caminhos, em sua relação social. Saídas marcadas pela linguagem, representada sempre pela presença do outro que o introduz no mundo da cultura, do símbolo, das castrações e das imagens.

Vejamos a seguir.

#### **3.1. Françoise Dolto e seus casos clínicos**

Buscando um pouco da história da autora, encontramos sua relação com outros analistas contemporâneos a ela, sublinhando Lacan, por estarem juntos na criação da Sociedade Francesa de Psicanálise. Posteriormente, a mesma, veio a cindir-se, o que resultou na conhecida Escola Freudiana de Paris, que contava com ambos. De acordo com Nasio (1995), no fim da década de 1960, o desenvolvimento da Escola Freudiana era prodigioso, e nela, Dolto realizava seminários e dava supervisões em casos clínicos. Sua clínica foi genial,

relacionando-se com outras linhas de pensamento com quem conviveu e trazia marcas de sua análise com René Laforgue (1934-1937) e com Sophie Morgenstern com quem logo começou a trabalhar como psicanalista em 1938.

Vale destacar a curiosa relação entre Dolto e Lacan. A autora discorre do encontro com ele no começo da sua prática em o “Auto-retrato de uma psicanalista (1989 [1990]). Revela não ter sido amiga dele, porém apreciava muito as pessoas que por ele eram analisadas, porque ficavam, rapidamente, em pé de igualdade com as crianças. Era isso que a surpreendia. Sem falar que ela bebia da fonte lacaniana, acrescentando exemplos a elas. O próprio Lacan também costumava contemplar a prática clínica de Dolto, indicando vários pacientes como sinal de confiança e respeito a ela. Lacan lhe rendia homenagens por ela conseguir expressar suas ideias e teorizações. “A dupla extraordinária – ele, o teórico, ela, a prática” (ROUDINESCO, 1998).

A obra de Dolto encontra suas referências em Freud, figurando-se como sucessora por ter seu trabalho assentado sobre uma clínica, uma análise e atenta às questões culturais do seu tempo. Lacan e Dolto foram marcados pela releitura da obra freudiana e faziam recortes semelhantes dos textos de Freud, por esse motivo, são autores tão afinados; contudo, distanciaram-se em seguida, já que Dolto teorizava por caminhos diferentes. Buscou articulações com outras disciplinas na procura de uma psicanálise que conversa com a causa da criança. Apesar disso, Mezan (2014) posiciona a obra de Dolto naquilo que viria se tornar a escola lacaniana. Interessa-nos sublinhar as interpretações de Dolto, marcando uma nova leitura para a clínica com crianças e seu modo singular de se comunicar com bebês muito jovens.

Utilizando a metáfora “O Tronco e os Ramos”, Mezan (2014), ilustra com maestria a possibilidade de um debate com outras orientações, para não se restringir a apropriação de um único saber. O autor apresenta uma cronologia da psicanálise, propondo uma divisão, a partir de períodos históricos, mas sem cair na ingênua perspectiva de uma linearidade. Desde 1895 (que contava com as produções de Freud e seus discípulos) até os dias de hoje (psicanálise contemporânea), ele fornece percursos de autores e escolas que se entrelaçam, mas, também, ideias que traçam fronteiras na política dessa disciplina. Isso para dizer que o “Tronco e os Ramos” possibilita um olhar sobre o movimento psicanalítico e suas ramificações, com galhos aparentemente distantes, embora tenham pontos de partida que se tocam. Uma árvore que as ramificações não partem diretamente da raiz, mas se apoiam em um tronco e se ramificam a partir de galhos que se permitem muitos ramos (MEZAN, 2014).

Ao acessar a obra de Dolto, poderemos situar as diversas aproximações que teve com Freud e suas ramificações ao apropriar-se de termos e conceitos próprios, aliadas as sutilezas de sua clínica. De maneira inovadora, militava em prol da verdade do sujeito em sua dimensão desejante. Ela foi, sobretudo, uma clínica que teorizava *a posteriori*, e cujo próprio saber advinha das crianças em análise. Além disso, preocupava-se que as contribuições da psicanálise não deviam ficar circulando apenas no consultório, ou a um único saber. Dedicou-se a situar suas teorizações, esboçando sua metapsicologia, através do desenho de casos clínicos, ilustrando que a etiologia dos distúrbios situava-se nos “não-ditos” e nas “dinâmicas inconscientes transgeracionais” e, assim, podia prover à criança uma verbalização com sua imagem inconsciente do corpo, uma relação de linguagem.

Dentre as práticas inauguradas por Dolto, podemos destacar a clínica com bebês recém-nascidos, as consultas públicas e a *Maison Verte*, que hoje estão presentes em diversos países. Para além de sua prática individual, ela tratou de materializar suas intervenções através da criação de espaços de transmissão e circulação da psicanálise, falando com jovens analistas, ouvintes em geral e, principalmente, respondendo às perguntas das crianças em programas radiofônicos. Hoje, após sua morte, seu legado continua vivo, compondo um cenário rico na psicanálise com criança e doando elementos da clínica através dos seus ilustres casos clínicos.

Em 1971, destaca Nasio (1995), foi publicado “O Caso Dominique”, o que teve grande repercussão por se tratar de um adolescente psicótico. O autor ressalva que, no decorrer do percurso analítico, esse adolescente responde aos investimentos de Dolto, que levou em conta os aspectos pré-verbal de uma imagem inconsciente arcaica, pensando uma ferida antes da linguagem desse sujeito. Em diversos dos seus livros, a autora apresenta suas construções teóricas aliados aos casos clínicos. No livro “Seminário de Psicanálise de Crianças” (1982 [2013]) a psicanalista é provocada a responder perguntas de terapeutas com dificuldades em seus tratamentos de crianças. A partir de simples relatos clínicos, ela intervém com uma perspicácia impressionante, conectando com seus próprios casos e apontando as resistências do próprio terapeuta.

Seus exemplos clínicos se tornaram essenciais em seus seminários por irem além das fronteiras do que era habitualmente reconhecido como analisável. Sua escuta permitia alcançar o inaudito da criança, colocando certas questões inéditas que jamais haviam sido reveladas pelo entorno familiar. Foi assim que a psicanalista tornou-se, também, “médica da educação”, com posturas excepcionais, pelo fato de deixar-se ensinar pelas próprias crianças e falar a sua linguagem, a partir da criação de palavras novas muito particulares; objetivando

sempre libertar a libido da repetição que entrava a liberdade da criança, a partir dos efeitos da linguagem.

Cadalgués, no prefácio do “Seminário de Psicanálise de Crianças”(1982 [2013]) testemunha seu encantamento ao ouvir os seminários de Dolto, trazendo que era muito útil ouvi-la repetir, incansavelmente, que em psicanálise não existe nenhuma grade de interpretação *a priori* e que é necessário aprender os elementos do “léxico básico” de cada criança. “O interessante é saber que as crianças emprestam palavras do vocabulário adulto, mas a saturam de um sentido diretamente ligado à sua própria experiência, que lhes é totalmente pessoal e constitui por vezes um código impenetrável”. Com esse sentido, Dolto se dedicou a decifrar palavra por palavra, fazendo com que a criança represente, nas suas criações, o que está dizendo, para que assim possa associar à sua linguagem.

Os relatos dos seus casos clínicos nos mostram a psicanalista em atividade, dialogando com as crianças, por vezes, com os pais, refletindo sobre as produções e modelagens do sujeito. Seus recortes clínicos convergem com o tema do corporal da criança em excesso de atividade, ou seja, ela apresenta crianças que hoje, provavelmente, seriam nomeadas de “hiperativas” (classificação diagnóstica atual para designar a aceleração do corpo e da mente), na medida em que são inquietas, agitadas, impulsivas, desatentas. Nesse sentido, enfatizamos alguns casos de Dolto, por se tratarem da hiper atividade corporal, enquanto linguagem, e que inspiram nossa indagação sobre suas hipóteses fundamentais a respeito da imagem inconsciente e das castrações simbolígenas, acrescentando a tudo isso, sua particular maneira de apresentar seu pensamento como psicanalista em sua condição humana.

Temos em “A Imagem Inconsciente do Corpo” (1984 [2017]) vinhetas clínicas que tratam de exemplificar o que Dolto teorizava ao longo do desenvolvimento psíquico da criança. Citamos dois breves casos para sublinhar o testemunho excepcional de uma experiência clínica rica em ensinamentos: o “Caso de Gilles, o instável”, cujo sintoma principal era a extrema instabilidade (acompanhado de agitação motora), a impossibilidade de permanecer em um mesmo lugar, dificilmente suportado na família e na escola (bem como acontece atualmente nos quadros de TDAH). Revelando-se, por Dolto, uma imagem do corpo de base fóbica e angustiada aos três anos de idade, devido a acontecimentos familiares vividos pela criança, todavia, não ditos a mesma, na esperança que ela nada entendia. Aqui, a criança começa a desenvolver-se na dimensão da imagem corporal a partir da revelação, realizada por Dolto, do acontecimento vivido entre sua mãe e seu tio em tempos de guerra.

Já no “Caso de Frédéric”, Dolto trata de uma criança abandonada pelos pais biológicos, recolhida em um orfanato e adotada aos onze meses, recebendo o nome de

Frédéric pelos pais adotivos, diferente do nome que possuía até então. A criança é trazida para consulta pelos sintomas de aparência psicótica, inquietação motora e tiques no corpo, revelando-se, também, hipoacúsico. Com o tratamento psicanalítico Frédéric se adapta à sua faixa etária, sua inteligência desperta e consegue ter maior controle esfinteriano. Contudo, na escola, se comporta de maneira agitada, se recusa a ler e escrever, utilizando-se de letras isoladas, principalmente a letra A. Com a informação de que essa criança, antes da adoção, se chamava Armand, Dolto se permitiu fazer a interpretação de que seja Armand que ela representava em seus desenhos e com o A. Todavia, não obteve nenhum resultado. Dessa feita, lhe ocorre utilizar a imagem inconsciente do corpo da própria analista para chamar “Armand” como se tivesse à sua procura a partir de um processo completamente inconsciente: “ele precisava ouvir este prenome dito não com uma voz normal, mas dito com uma voz sem lugar, chamando-o de fora da cena” (DOLTO, 1984 [2017], p. 36).

Conforme esses relatos, percebemos que a autora já se interessava pelos casos de inquietação motora, contudo, consistindo em fazer prevalecer o que há de único em cada sujeito. As palavras da psicanalista eram dirigidas de forma muito particular. “Algumas, afiadas como bisturis, que cortam o cordão umbilical. Outras, pontiagudas como agulhas, remendam a identidade. Outras ainda, retesadas como molas, impulsionam para o desejo” (CADALGUÉS, prefácio (1982 [2013], p. 10). É o trabalho sobre a noção da imagem do corpo que lhe permitia conceber estas ideias e fazer estas sugestões, utilizando-se da sua própria imagem, de analista, para comunicar-se com a imagem da criança.

Ao enunciar que “Tudo é linguagem”, Dolto (1897 [2018]) fez uma espécie de síntese de seus achados clínicos e de uma ética fundamental para o ser humano. Ofertou suas pesquisas psicanalíticas, sensibilizando para os efeitos somáticos patogênicos diante dos conflitos neuróticos e as generalizações impostas ao sofrimento psíquico. E, de maneira muito simples, com papel, lápis e massa de modelar, pautou-se na convicção de que essas criações tinha um autor, o próprio sujeito: “representar é, antes de mais nada, representar-se”.

Independentemente da época e do lugar, pensamos que jamais deixaremos de nos surpreender com as intervenções doltonianas, com o poder de sua escuta analítica capaz de aliviar o sofrimento psíquico de crianças e impulsioná-las para um saudável desenvolvimento. Encerramos esse ponto com a intenção de estimular o leitor para a consulta direta dos relatos originais de Françoise Dolto, podendo refletir sobre o fecundo terreno das castrações simbolígenas e a imagem do corpo, o que vem incitando nossa pesquisa.

Agora, consideramos oportuno discutir um recorte de um caso clínico sobre hiperatividade para levantar elementos sobre a imagem inconsciente do corpo, na tentativa de



seguir articulando a trama conceitual proposta por Dolto. Conforme esse enfoque, realizamos uma incursão pelo caso clínico e os elementos linguageiros que servem de comunicação na análise, servidos a partir da transferência.

### **3.2. A leitura de um caso clínico sobre hiperatividade à luz da Imagem Inconsciente do Corpo**

O texto a seguir põe em cena uma situação clínica, que utiliza recortes de um caso de autoria de Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros, conhecido por o “Caso Rosa”. O caso clínico, para Nasio (2001), é a exposição de um conceito em imagens, a transformação de um pensamento abstrato ao concreto; tendo aqui, uma função didática, justamente por trabalhar um conceito já desenvolvido. Assim, consideramos pertinente discutir a hiper atividade corporal, a partir dos pressupostos da Imagem Inconsciente do Corpo, visando o reconhecimento do mal-estar, que produz efeitos sobre o corpo. Esse caso foi escolhido para ilustrar nosso trabalho por apresentar questões do diagnóstico de TDAH, em função de seu uso atual no campo da educação e da medicina. Com grande frequência, o diagnóstico de TDAH resulta da análise do comportamento a partir do que se espera de uma criança de sua idade, desconsiderando o parâmetro diferencial do comportamento, bem como o que é definido em termos psicopatológicos.

O caso a que daremos destaque foi discutido na “Conversação da Seção Clínica do IPSM-MG” (Instituto de Psicanálise e Saúde mental de Minas Gerais) no ano de 2012, onde Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros o apresenta com suas questões clínicas, políticas e epistêmicas, sob a égide de resgatar o sujeito e fazer valer sua posição singular no mundo, distanciando-se da marca do TDAH que impõe sobre a criança e a família. O mesmo caso tem comentários clínicos e teóricos de Ana Lydia Santiago e Sérgio Laia, com os respectivos textos: “O que Rosa ensina sobre a Hiperatividade” e “O diagnóstico do DSM-V e o TDAH”. Estes e outros textos estão reunidos na coletânea “A psicanálise do hiperativo e do desatento...com Lacan” (2013); publicação voltada ao posicionamento político da prática psicanalítica no trato do TDAH.

Nesta coletânea, os pontos realçados do caso tiveram como referencial teórico a psicanálise de orientação lacaniana, tais como: a função do corte sobre o sintoma e a repetição (objeto *a* e os imperativos do supereu); o ponto do impossível (conceitos como gozo e o registro do Real); a lei do desejo (sinalizando que há um “não” que veicula o Nome-do-Pai); a clínica do “nó” borromeu com o enodamento dos registros R S I (Real, Simbólico e Imaginário). Todavia, o que pretendemos enfatizar são os aspectos que não foram abordados

no caso, que, por sua vez, permitem situar, por outra perspectiva teórica, a hiperatividade, como uma linguagem que perturbou o andamento normal do desenvolvimento, linguagem-corpo da criança em épocas precoces a fala. Para nós, são aspectos interessantes que apontam para a imagem inconsciente do corpo e as falhas da castração, enquanto mediação do outro simbólico, tendo como referencial teórico a psicanálise de Dolto.

Apresentamos fragmentos clínicos do “Caso Rosa” para serem lidos e discutidos a partir do que Françoise Dolto postula sobre o conceito de Imagem Inconsciente do Corpo, aprofundando nosso objeto de estudo, a hiper atividade corporal da criança. As influências deixadas por Dolto (1984 [2017]) alargaram muitos estudos sobre a criança e seu comportamento, reconhecendo valor às suas produções livres, justamente por serem materiais para análise e passíveis de serem decodificáveis as estruturas do inconsciente. E são decodificáveis pelos dizeres da criança, que dar vida às diferentes partes dos seus desenhos, a partir do momento em que fala sobre suas criações. “É o que há de particular na análise de crianças, aquilo que dizem sobre os grafismos e as composições plásticas, suportes de seus fantasmas e de suas fabulações em sua relação de transferência” (DOLTO, 1984 [2017], p. 2). É o que chamou de imagem do corpo, sendo específico de cada um, único.

Abordaremos três pontos que melhor organizam a discussão do caso em estudo: primeiramente, a descrição do caso “Rosa” e sua chegada ao consultório, a partir do relato de Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros (2013). Em seguida, iremos tecer alguns comentários do caso à luz do conceito doltoniano, e por fim, destacar a importância da função da linguagem direcionado à criança na possibilidade de novas criações, destacando-se da marca da hiperatividade.

### **3.2.1. Descrição do caso: Como surge a marca da hiperatividade em Rosa?**

Rosa, quatro anos de idade, enquanto está na escola, não para quieta, não se concentra, não obedece a ordens e é bastante agressiva de modo geral. Considerando-se o que espera de uma criança de sua idade, a agitação que ela demonstra é excessiva. A chegada de Rosa, para o tratamento analítico, aconteceu em dois tempos. Inicialmente, são os pais que chegam para falar sobre a constipação da filha e sobre a dúvida em relação ao tratamento proposto pelos médicos, que prescreveram uma lista de medicamentos e lavagens intestinais. O relato do caso demonstra que logo de início, o tratamento analítico é muito importante, porque o sintoma cede, fazendo com que Rosa consinta em largar seu cocô. O trabalho com os pais, de começo, favoreceu uma abertura ao inconsciente, pois os mesmos chegaram marcados pelo “não-saber”, solicitando uma resposta ao sintoma da filha.

Após algum tempo da primeira interrupção, os pais retornam, dessa vez encaminhados pela escola, que já havia dado o diagnóstico de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), com prevalência na hiperatividade. Nesse momento, o diagnóstico faz obstáculo à abertura do inconsciente, dos pais e da criança, porque se configura como uma resposta, no sentido que tudo que sobrevém é explicado da seguinte maneira: “Isso acontece porque ela tem TDAH”. Assim sendo, o diagnóstico se apresenta como uma posição que fixa a criança enquanto objeto, sob a forma de respostas cristalizadas. A movimentação da criança parecia evocar algo desconhecido da fantasia materna: quando Rosa se agitava, a mãe se inquietava com questões relativas à sexualidade da filha e à sua própria. Pensava na possibilidade da filha ter sofrido abuso sexual na sua tenra infância e indagava-se sobre outras preocupações relativas ao campo da sexualidade. Em suma, a hiperatividade da filha era identificada como uma manifestação da sexualidade, que a ameaçava e desorganizava.

Na primeira sessão, Rosa deixa a impressão de que veio para demonstrar, de forma exagerada, a hiperatividade que os outros se queixavam. Quando ela saía do consultório, era preciso um tempo para reorganizar a sala, visto que mexia em tudo, jogava os lápis no chão, sempre olhando a analista nos olhos. A hiper atividade corporal da criança levou sua analista a interrogar-se: Como intervir sobre a agitação de Rosa nas sessões de análise?

Na discussão do caso, a analista de Rosa (autora do mesmo caso) enfatiza a questão do diagnóstico que o TDAH impõe sobre a criança e a família, em função de sua generalização atual e uso no campo da educação e da medicina. Diante disso, trabalha questões teóricas de abordagem lacaniana, tais como: objeto *a*, os imperativos do Supereu, o campo do gozo e o registro do Real, o Nome-do-Pai e a clínica do “nó” borromeu. Tudo isso para ressaltar, ainda mais, a aposta da psicanálise no sujeito, fazendo valer sua posição singular no mundo.

Santiago (2013) comenta o “Caso Rosa” com elementos clínicos a partir de quatro pontos: caracterização da hiperatividade; a aposta no discurso analítico; as intervenções da analista que possibilitam uma definição da hiperatividade com que se pode operar e; um contraponto entre hiperatividade e fobia. São relevantes as contribuições da comentadora, corroborando com um exercício de questionar a hiperatividade a partir do Caso Rosa, tendo-se como parâmetro a fobia. Considera que a hiperatividade tem a mesma função defensiva da fobia em relação ao prazer enigmático da mãe. Contudo, concluiu que, enquanto a fobia é uma tentativa de resposta às questões existenciais, tratando-se de um discurso (citando Lacan), à hiperatividade lhe falta esse tratamento discursivo. Para Santiago (2013), ambas consistem na mesma ameaça que se apresenta no corpo, porém na hiperatividade não tem a mesma elaboração discursiva no nível de sua própria existência.

Os comentários de Sérgio Laia (2013), em torno do diagnóstico no DSM-V na hiperatividade, são excelentes e reflexivos. Ele inicia apresentando as mudanças que ocorreram da IV edição do manual para a V edição. Mantêm-se a diferenciação da hiperatividade por “categorias” (presença e ausência de sintomas), mas a essa acrescenta a perspectiva “dimensional”, com escalas e medidas provenientes dos testes psicológicos. Outra mudança para a nova versão do manual é o modo de organização dos capítulos a partir do que os formuladores chamam de “vida em desenvolvimento”. A proposta, de acordo com Laia (2013), pode ser lida da seguinte forma: os capítulos vão acompanhar a linha inteira da vida, havendo sempre um transtorno para cada idade.

De forma um tanto humorada, Laia deixa transparecer a insatisfação que a comunidade analítica recebe o Manual Diagnóstico, aliado à preocupação que esse tende a se difundir e a ser acolhido com tanta facilidade. Finaliza seus comentários, levantando questões clínicas relativas à lacuna do sujeito, sendo nessa lacuna que irrompe o inconsciente. Convida-nos, também, a pensar o “falo” como resíduo verificador no Caso Rosa.

### **3.2.2. Outra perspectiva de leitura para o Caso Rosa**

O trabalho analítico com a criança só foi possível após um tempo significativo com a mãe, para que esta pudesse consentir a presença de Rosa com a analista. Considerando a mãe como objeto total para sua filha e sujeito que se expressa por uma linguagem gestual, mímica, auditiva e verbal, em intercomunicação com sua filha (enquanto que se elabora suas imagens de base, funcional e erógena), ela mediatiza a ausência de um objeto ou a não satisfação de uma demanda de prazer, assumindo o seu lugar de responsável pela criança e por sua castração. Foi preciso, primeiramente, intervir com a mãe de Rosa, afirmando seu desejo autônomo de adulta em face dos desejos arcaicos da criança. Dolto (1998) afirma que as sessões preliminares com os pais, podem por si mesmas melhorar consideravelmente o estado da criança, o que nos leva a compreender que são os pais, em suas relações, angustiados por outras questões pessoais, que provocam, por não falarem destas angústias, a síndrome reativa da criança. Com essas observações, o sujeito a ser tratado também, não seria apenas Rosa, mas sim uma das pessoas do seu meio, sua mãe, que fora atingida por questões fantasmáticas pelas quais sofre e que conseguiu operar a partir do discurso analítico.

A nomeação do mal-estar de Rosa com a marca da hiperatividade produziu um efeito sobre seu corpo: ele se agitava e evocava expressões agressivas sob uma manifestação da sexualidade, com masturbação compulsiva. Em determinado momento, a analista pergunta à criança: “Por que você precisa fazer isso, o que te obriga a fazer isso?” Então, ela fita

diretamente nos olhos da analista, interrogando-lhe, e como não obtém uma resposta, ela se contém, por alguns minutos. Essa indagação se repetiu várias vezes, até que a palavra faz um corte na libido desmedida de Rosa e ela passa a fazer rabiscos, em resposta à pergunta. Aos poucos, os rabiscos se transformam em desenhos e depois, em brincadeiras com bonecas.

Esta intervenção permite também compreender o significado do sintoma motor de Rosa diante de um corte sobre a repetição automática de sua agitação. A motricidade que, na medida em que adapta à sociedade, “é uma expressão do prazer anal sublimada” (DOLTO, 1984 [2017]), o que poderia estar nesta garota alterado. Essa castração simbolígena permite-lhe liberar a libido até então barrada pelas pulsões arcaicas e, assim, possibilitar simbolizá-las nos desenhos e falar sobre isso. A hiperatividade de Rosa anuncia uma pulsão desordenada, marcando o corpo real do sujeito. Porém, com a intervenção da analista, que convoca um sentido, esse movimento desordenado do seu corporal é direcionado para outros sentidos: nos rabiscos e desenhos. A criança continua realizando o movimento, mas agora com sentido, adquirindo outras formas de satisfação. O que antes se encontrava condensado a seu corpo, apenas como agitação (hiperatividade), desloca-se para outras satisfações (o desenhar, escrever, contar histórias), ligadas por palavras com efeitos de “comunicação linguageira”.

Com essa passagem, levamos em conta que a fala da criança, sobre a imagem inconsciente do corpo, não se refere somente à ordem do imaginário, também é da ordem do simbólico, da troca de linguagem. Ao interrogar a criança o que seu corpo revela, a analista a introduz no campo da linguagem verbal, da ordem do simbólico convocando a criança a fazer o mesmo. No alvo do conflito libidinal, a palavra permite um certo nível de criação da própria criança; sendo por ocasião das trocas de palavras que a criança ouve a proferição das proibições. Por aceitação destas proibições, a criança assume valor de elemento vivente no grupo. É preciso que ela seja recebida por quem a escuta através dos acontecimentos da sua própria história.

Dessa maneira, Rosa começa a desenhar e coloca em cena apenas uma mãe e uma filha em proximidade corporal e um beijo na boca. É sob o estatuto das provas (castrações simbolígenas) que a criança se desenvolve psiquicamente e constrói-se como sujeito desejante. Numa leitura doltoniana, Rosa necessita de provas no nível da castração anal. O fruto da castração anal põe fim à dependência parasitária para com a mãe, é também a descoberta de uma relação vivente com o pai, com as outras mulheres; é entrar em sociedade, saber dominar seus atos, discriminar o dizer do fazer, o possível do impossível.

Em outra sessão, diante da sua dificuldade de desenhar um triângulo, a analista faz três pontos visando orientá-la; escrevendo em cada um dos vértices: pai, mãe e filha. Diante disso

quis desenhar uma “rosa menina”. Coloca-se dizendo que: “não quero desenhar nem flores, nem animais, mas uma rosa menina”. Segundo Dolto (1984 [2017]), a imagem do corpo antes do Édipo pode projetar-se em toda representação, qualquer que seja, e não apenas nas representações humanas. Todas essas representações são simbolicamente ligadas às emoções que marcaram sua pessoa ao longo da sua história e dão conta das zonas erógenas que sucessivamente prevaleceram nela. Para a autora, a prevalência e a evolução da erogeneidade não é apenas o desenrolar de um programa fisiológico, ela é estruturada pelo teor da relação inter-psíquica com o outro, sobretudo, a mãe e, é deste fato que a imagem do corpo é testemunha.

A partir destas provas, os três aspectos dinâmicos da imagem do corpo se constroem e se remanejam ao longo do desenvolvimento da criança. A imagem de base permite uma continuidade narcísica. Assim, não há lugar melhor do que no nível da imagem de base e do narcisismo primordial para se captar o conflito a opor as pulsões de vida e as pulsões de morte, podendo estas últimas permanecer, por muito tempo, prevaletes quando palavras não são direcionadas aos bebês / crianças no sentido de simbolizar os acontecimentos familiares. No dizer de Dolto (1984 [2017]), quando a imagem de base se encontra desconstituída, aqui se situam os desarranjos, os desregramentos funcionais, que podem ser interpretados como verdadeiras “quedas” ou falhas do narcisismo, suscetíveis de provocar, através de pulsões de morte localizadas em regiões do corpo, ataques de órgãos sofridos nos momentos de choques emocionais.

Rosa, quando está em sessão, começa a contar uma história, a partir de um desenho de uma árvore, em que aparece um equívoco entre a fruta e a menina. Nessa história, ela era, ao mesmo tempo, aquela que come e que é comida. E na sequência da história aparece “um homem sem boca, sem olho e sem nariz, que cortava corações, cortava tudo”. E “a menina, com quatro pernas, que ia para a selva todo dia, tinha medo também de cortar corações”. Isso revela de forma indiferenciada aquela que é a cobiçada e a que cobiça, que era realmente como ela sabia se localizar em relação ao seu pai e sua mãe. Seu corpo, por sua instabilidade motora, procurava um corte neste significante que “não para”. A escrita do nome do pai no desenho da triangulação permite mostrar uma imagem do corpo de base angustiada, que revela um sintoma endereçado ao outro, mas também permite uma perda, que conseqüentemente dá espaço para inscrever uma nomeação e dar um lugar de sujeito, vislumbrando os frutos da castração.

O tratamento de Rosa age sobre a constituição da imagem de base, imagem de corpo inconsciente de onde se elabora qualquer expressão do sujeito; “lugar de emissão e recepção

das emoções inter-humanas languageiras” (DOLTO, 1984 [2017], p.36). Com a escrita do nome dos pais no triângulo, Rosa constitui, de certa forma, “uma intuição vivenciada do estar-no-mundo para um indivíduo da espécie. Este significante é o que dá o sentido da identidade social, simbólica”. (DOLTO, 1984 [2017], p. 38). Nessa construção, reside o valor e a importância do prenome que, “no momento da passagem do feto ao lactante, é recebido pelo sujeito, das instâncias tutelares, ligado ao seu corpo visível, sua perenidade existencial” (DOLTO, 1984 [2017], p. 38); isso é comprovado, quando Rosa faz ainda uma outra construção: desenhando um traço de ligação entre o pai e a mãe, os nomeia, não mais pelos sobrenomes, mas por nomes relativos a atributos pessoais, que os diferenciam e conferem lugares, na relação do casal. Isso imprime a questão da diferença dos sexos tão temida por sua mãe, que renegou por muito tempo e vivia em pé de guerra na busca por igualdade com o marido.

Para marcar os efeitos do sofrimento de Rosa, o seu corpo se torna a única coisa que se fala, podendo-se dizer, que suas angústias podem não terem sido reconhecidas como um pedido de sujeito, um pedido de palavras, de comunicação psíquica e de afetividade.

### **3.2.3. Tudo é linguagem: Encenações do sintoma de Rosa**

As ideias que fornecem a hiperatividade de Rosa cerceiam na sua linguagem e fixam no discurso como encenações de sua instabilidade: “seu corpo não para”, “fogos coloridos, fogos coloridos que não param”, remetendo a uma questão fechada, onde se condensa no corpo a própria angústia. São encenações endereçadas ao Outro, como a própria Ana Lydia Santiago (2013) comenta; que Dolto (1984 [2017]) indicaria como “o sintoma que se tornou um meio de se expressar através de um disfuncionamento ansiógeno destinado aos pais” (202). Assim sendo, a imagem do corpo é sempre imagem potencial de comunicação em um fantasma (DOLTO, 1984 [2017]). Não há nenhuma solidão humana que não seja acompanhada da memorização de um contato passado com um outro “antropomorfizado”, se não real; ou seja, reafirma o que Freud chamou por “os traços mnêmicos” para traçar os fantasmas de uma relação passada impressa de forma inconsciente. Relação real e narcisante. Rosa repetia sua agitação no corpo, e suas falas, tal como o bebê, que sozinho em seu berço, presentifica sua mãe através de suas “lalações, acreditando repetir os fonemas que ouviu dela e assim, engodado, não se sente mais sozinho, mas ele mesmo, para ela e com ela”. (DOLTO, 1984 [2017], p. 26).

A visão do mundo de uma criança é conforme a sua imagem atual do corpo e depende desta. Foi, portanto, por intermédio desta imagem do corpo que a analista entrou em contato

com Rosa. Decodificando a imagem do corpo, através das ilustrações gráficas, brincadeiras e histórias criadas, é possível entrar em comunicação linguageira e assim exprimir-se em seus conflitos. Mas antes foi preciso fazer a passagem da hiper agitação motora do corpo para o campo da linguagem simbólica. Em suas brincadeiras, Rosa traz o tema da diferença de sexos, permitindo sua exploração com a analista. Outrora, no jogo de satisfação da mãe, Rosa a desenha, beijando-a na boca, repetidamente; porém, responde à intervenção, retomando o triângulo e a escrita do seu nome. Isso ressalva a ideia de que antes estava o “Super Eu” impondo ao sujeito o imperativo de uma satisfação sem limites, sem castrações. “Uma castração que induz ao desejo de se satisfazer no sofrimento, ao invés de se satisfazer no prazer, é uma perversão” (DOLTO, 1984 [2017], p. 64). Com a castração simbolígena, abre-se espaço para um lugar de sujeito desejante.

Continua suas brincadeiras, agora com uma negociação. Prateleiras são expostas com objetos a serem comprados, embora nem todos, estejam à venda. Aliada a esta brincadeira, constrói um consultório onde ela é médica de “peru e perereca”, para avaliar se eles têm assaduras, presenteando os que estão curados das assaduras. Sua elaboração gira em torno de uma operação psíquica: inscreve uma perda e uma substituição. Renuncia à masturbação compulsiva, adquirindo algo simbolizado pelo presente: um pirulito. Percebe-se, nesse sentido, o jogo de sedução nas negociações que Rosa constrói. Dolto (1984 [2017]) afirma, que quando se refere ao falo, os homens têm pênis, as mulheres têm crianças e seu desejo é o de identificação com sua mãe e ter as mesmas prerrogativas que seu pai reconhece à sua mãe. Neste jogo de sedução, seu desejo é o de agradar, sendo mais valiosa que sua mãe; assim, contam a realidade e “mitomaniza”. No caso Rosa, numa “história de mito e de alegria”, a menina que colhe frutas é, ela mesma, a fruta mais cobiçada, todo mundo quer comê-la; comê-la e morar na árvore. A história nos conduz a fantasmas edípicos, decorrentes de que a menina, Rosa, descobriu seu potencial fálico, sustentada pela sedução e aceitação de não ter o pênis, mas “em seu desejo de que um outro lhe dê um”. É assim, que nem todos os objetos podem ser comprados, algo é impossível de ter, marcando um fruto da castração edípica. Ligando o nome do pai ao da mãe na triangulação, Rosa inscreve-se e cria a si mesma como “rosa menina” na tentativa de sustentar sua liberdade de desejar e sua esperança de ser bem sucedida, como prova de uma castração simbolizada.

Para marcar os componentes da imagem do corpo, é pertinente ressaltar que uma criança quando é bem cuidada no que se refere ao seu corpo, às suas necessidades, mas que não é situada em seus desejos particulares, em seus prazeres, em seu sexo, em sua relação com seus pais, em sua história, para ela é como se não existisse outro valor que não o de sua



organicidade. Em Dolto (1984 [2017]) pode-se encontrar que, se é através de seu corpo e de suas necessidades que os pais cuidam dela, então ela é induzida a desempenhar o papel que lhe é atribuído, o de não ser mais que um objeto. Surgindo, assim, necessidades imperiosas para que cuidem dela; um mal-estar que toma o significante específico do “status relacional imaginário” do sujeito com qualquer outro, sob o enfoque de objetos parciais (odores, vozes, partes do corpo, imagens); assim como, manifestações inconscientes a nível de sintomas e criações subjetivas, próprias da ética do desejo.

### **3.3. A invenção de uma vida: Destinos de Criança**

*O lugar da vida está para ser criado. O lugar da vida relacional que favorece o desenvolvimento da comunicação intersíquica.*

**Dolto**

Neste momento consideramos importante dedicar um espaço especial para o que constitui o fundamento da prática analítica: a questão do desejo. É nesse campo que traçamos a possibilidade de novas construções subjetivas, denominadas por Françoise Dolto por “destinos de criança”.

Dolto (1998), muitas vezes ao se expressar, foi mal compreendida por alguns dos seus contemporâneos, na medida em que formulou questões para sublinhar que o desejo da criança preexiste à concepção e, portanto, acompanha a gestação e o nascimento, como expressão significante de um sujeito desde sempre languageiro. Ela entendia que a criança, como todo ser humano, assume o desejo de ter nascido, independente do desejo do pai e da mãe. Propõe que todo ser humano é originado no encontro de três desejos: “A criança é a resposta de um pai ao desejo de uma mãe, mesmo se não tem o nome deles; mas é também sujeito, em seu desejo de tomar corpo” (1998, p. 80). Sustentou essa ideia com formulações da seguinte natureza: “As crianças é que escolhem seus pais” para demarcar a lógica do desejo da criança, até mesmo no período fetal. Assim a autora, em sua lógica conceitual e clínica, encontrou vias que permitiram ir ao encontro do sujeito aprisionado em seus sintomas e restituiu-lo a si mesmo, como num processo de (re)criação.

As contribuições de Dolto (1998) sobre a imagem inconsciente do corpo estão fincadas no desejo inconsciente. “O desejo faz viver o ser humano em busca da afirmação de si, de sua criatividade, de alcançar sua potência adulta. Há uma hierarquia dos desejos ao longo de nossa evolução” (1998, p. 31). Na experiência da autora, o termo “hierarquia dos desejos” alude ao fato de que há limites a erigir para o bem da criança, referindo-se ao curso

do seu desenvolvimento. O que consiste em dizer que nem todas as proibições tem o mesmo valor. Algumas são absolutas e válidas para todos viver em sociedade: as proibições do incesto, do homicídio e do canibalismo. Françoise Dolto (1998) afirma que a única proibição absoluta e fundamental é a do incesto, “o superior da hierarquia dos desejos”. A criança quando pequena pode desejar casar-se com o pai ou a mãe, mas deve compreender um dia, a fim de situar-se na coletividade, que é proibido, para ela e para as outras crianças. Contudo, essa proibição não deverá chegar cedo demais à criança, haja visto que necessita de um pouco de tempo para que seu desejo seja reconhecido, antes que lhe seja imposta sua proibição. Essa castração simbólica é uma nova aquisição que representa uma etapa de seu desenvolvimento psíquico. Entre os 5 anos de idade, os pais poderão explicar a proibição que se opõe à realização de seus desejos. Os educadores também realizam essa função simbólica, permitindo uma evolução da vida social para a criança.

O papel da educação, nesse sentido, é ajudar a criança a estabelecer uma hierarquia de seus desejos que lhe permita evoluir voltando-se cada vez mais para a socialização e desenvolvimento da potência em sua subjetividade. Assim, o desejo, de acordo com Dolto (1998), é uma pulsão que excita o ser humano, sendo absolutamente necessário que ele tenda a se realizar, senão surge a angústia, que se transforma em sintoma; uma marca do desejo criada para se enunciar. Trata-se, portanto, que o desejo é aquele que se fala e nunca é satisfeito completamente. É um impulso de vida que vai sempre mais longe do que a satisfação encontrada; portanto, “deve dizê-lo, falá-lo, o que não significa satisfazê-lo, mas ser reconhecido como quem o disse, e que esse dizer tenha valor para todos” (1998, p. 31).

Nessa linha, é com a imersão da linguagem que a criança se humaniza desde as primeiras horas da sua criação, fundando a educação como esse papel social de grande relevância. Na ausência da linguagem, a função simbólica não opera o elo educacional e esse pequeno ser, movido pela situação de angústia, se encontra despedaçado sem uma imagem do corpo articulada, recorrendo ao corpo físico para anunciar seu adoecimento psíquico, ou seja, uma manifestação da linguagem inconsciente se materializa no corpo próprio da criança como um enigma a ser lido.

Na hiperatividade, como vimos no caso “Rosa”, percebe-se que o prazer partilhado entre mãe e filha foi fracassado pela ausência de palavras, e o desejo, que deve ser falado, ficou ausente na cena política da trama familiar, dando lugar aos imperativos imaginários da sua mãe. E é mediante isso que tais pulsões, bruscamente desligadas da relação com a única pessoa pela qual a criança tem percepção de seu próprio existir, retornam ao corpo da criança

tornado anônimo com respeito ao seu desejo. O que traçou uma marca no corpo agitado e instável de Rosa, caracterizado pelo estigma de TDAH.

É pela castração, de acordo com Dolto (1998), que se gera simbolismos na criança. Foi por meio dela que “Rosa” adquire uma nova descoberta com seu corpo, uma invenção, uma criação a dois, para uma conjugação através do seu corpo. “O gozo se tornou simbolicamente o fruto de um encontro simultaneamente imaginário e real, no tempo e no espaço, associado ao corpo da criança em suas sensações parciais, mas também no corpo inteiro, graças a uma presença sutil” (1984 [2017], p.67). A castração, falada por Dolto como simbólica, só tem sentido se mediada pela palavra, pela presença. Assim sendo, a criança renuncia aos objetos parciais para alcançar outros meios de satisfação; são as “provas”, mediadas pela linguagem, que permitem a transição de uma relação corpo a corpo da mãe com a criança, para adquirir vida própria diante do seu desejo.

É interessante saber que, quando uma criança começa a andar, mal se alimenta, pelo fato de se sentir feliz com essa motricidade nova, explorando suas novas descobertas e sensações de seu próprio existir numa imagem funcional. No olhar de Dolto (1998), cada vez que a criança faz uma nova aquisição, seja a motricidade, seja a palavra, só se interessa pela comida se tiver fome mesmo. Não sente mais o prazer de comer, porque descobre um novo prazer que a ocupa inteiramente. Isso para dizer, que o desejo move o ser humano em busca da afirmação de si. Na medida em que se inscrevem as castrações, assegura-se o desenvolvimento da criança, na busca de novos desejos e descobertas e, desta maneira, prossegue-se seu curso humanizante.

Na hiperatividade, enquanto diagnóstico psiquiátrico, nos questionamos qual é o lugar dado ao sujeito na atualidade. Em que medida é pensada a criança como um ser de linguagem, pautada por sua motilidade própria; ou mesmo, que montagem corporal é pensada para a criança sem relacioná-la com uma atividade de movimento que designa criações subjetivas? Ao levantar tais questionamentos, paradoxalmente, encontramos crianças, ora “sem limites” (sem a mediação simbólica que a faça transitar pelo campo do outro), ora “sem tempo” (com suas agendas lotadas, presas a horários que ocupam todo o seu dia). A cada uma dessas demandas, percebemos uma inscrição de corte entre o corpo e a linguagem, uma desconexão da imagem encarnada, que adquire consistência imaginária e simbólica. É justamente nisso que se colocam os desafios a respeito do lugar da criança na atualidade, bem como sua relação com as invenções subjetivas propostas no brincar livre.

Com base em questões que surgiram no decorrer da nossa pesquisa, se desenvolveu uma inclinação para pensar a hiperatividade como resposta ao mal-estar da atualidade. Sendo

assim, a hiperatividade responde à condição da criança ser concebida sem mediação com a linguagem do Outro, restando-lhe o mal-estar como construção sintomática. Se considerarmos essa via, damos lugar ao sujeito criança e podemos lançar, aqui, uma prática distinta dos imperativos categóricos.

Não estamos diante de uma relação isolada, mas de uma prática que aponta para um conjunto de dados históricos e políticos na sociedade. Rosa (2016) aponta a Clínica Psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento, circulando como uma clínica politizada e ética, inclusive em contextos institucionais e de grande exclusão, mas não se afastando do que rege uma prática psicanalítica, ou seja, da ética do desejo. A autora reflete que “Cabe à psicanálise incidir sobre o que escapa aos outros campos. Cabe à psicanálise investigar a dimensão inconsciente presente nas práticas sociais” (ROSA, 2016, p. 27). O que nos convoca a trabalhar com a visão doltoniana de um sujeito carregado de símbolos e escrituras advindos de outros momentos, da transmissão de uma cultura, uma crença, uma filiação, uma história que transcorreu sem ser dita ou de forma naturalizada sem ser interrompida.

Pensamos que a experiência compartilhada, na prática analítica e em sua dimensão social, pode contribuir para um lugar de criar com sua dor, reinventar a vida e produzir mecanismos contra os processos de dessubjetivação (ROSA, 2016). Lançar estratégias de construção de laços, a partir da “experiência compartilhada” (LASNIK, 2013) e assim possibilitar à criança saídas para resistir aos imperativos da vida, em suas produções livres. Trata-se de apostar no saber espontâneo da criança e na construção de saberes que ela pode fazer em análise, na parceria com o analista; isso é pensar os destinos da criança, na medida em que ela precisa fazer um trabalho de simbolização da castração, para desejar encontrar sua própria marca, diferente daquela que a hiperatividade lhe imprime.

Um grande desafio da atualidade vem sendo olhar a criança em sua singularidade, pois as mesmas estão, cada vez mais cedo, envolvidas em instituições e sendo faladas a partir de outros desejos. Até a própria brincadeira espontânea vem sendo substituída por “brincadeiras dirigidas” nas escolas, com a explicação da criança não se machucar nesse horário livre; concepção contrária acerca da potência criativa do brincar. O “recreio dirigido” é um exemplo da desconsideração da experiência singular.

Nessa lógica, crianças agitadas e distraídas, estão recebendo a etiqueta científica do TDAH, distanciando-se de uma significação em relação ao corpo que fala. O que outrora era denominado por agitação, tornou-se atualmente hiperatividade. Esse diagnóstico se faz através de questionários e itens estabelecidos a partir de critérios de adaptação social. São

descrições clínicas que verificam um certo número de escalas de avaliação, capturada por um indivíduo que deve responder satisfatoriamente a todas as solicitações propostas, fazendo surgir um sujeito totalmente assujeitado ao significante, “assujeitado a um Outro de onde é emitido um imperativo de gozo do qual o sujeito se torna o servo, de ‘corpo e alma’” (ROY e ROY, 2013, p. 36). Sabemos que, para a psicanálise, o sujeito se constitui a partir de significantes e do assujeitamento ao outro, havendo um trabalho de alienação, para em seguida, conduzir à separação. O que queremos enfatizar com a citação de Roy e Roy é que tal assujeitamento se torna condição imperativa, sendo a única forma de conceber esse sujeito, porque aqui nada do desejo do sujeito entra em cena.

Para além dessa perspectiva, a prática psicanalítica nos convoca a trabalhar a palavra, tentando escutar e acolher os efeitos que ela produz, inclusive no campo social. Tem como objetivo romper com a prática universalizante, permitindo ao sujeito inventar uma solução que não se constitua em um impasse aos significantes de sua história e aos objetos que se tornaram fixos diante do seu gozo.

O que Dolto nos apresenta como destinos de criança diz respeito a compreender o sentido a tudo o que uma criança faz, como sendo uma linguagem do passado que ela revive no seu viver relacional. Afinal de contas, “viver é comunicar criando, e não nos concerne saber em que isso vai dar” (1998, p. 84), contudo primando por duas coisas, de um lado, a lei da responsabilidade através da ética humana e por outro assumindo os riscos de viver, falando-lhes dos limites que não se pode exceder. Numa passagem de Dolto, ela nos exemplifica dizendo: “Quanto à criança, a partir do momento em que lhe impusermos o único limite viável para ela, a interdição do incesto, ela pode procurar alcançar todo o resto, conhecendo os riscos que pode correr e sabendo que há lugares ou tempos em que esses são inoportunos (1998, p. 16). É esse o sentido da hierarquia dos desejos. Tal ideia comunga com o que atualmente Kehl (2002) trabalha no campo da ética da psicanálise sob a perspectiva da responsabilização, ou seja, o analista não interfere como explicador numa lógica normatizante, mas como perguntador, convidando os agentes sociais a se implicarem. Em suma, inventar formas criativas para a vida; e isso não é diferente para a criança.

Esses arranjos conferem a busca de reflexões e práticas plurais para a criança e educadores. Educadores, termo utilizado por Dolto (1998) para designar uma função de acolhimento diante das castrações. Acolher uma criança em seu sofrimento, mas implicá-la como sujeito, desde cedo. O trabalho com criança é concebido envolta de seu desejo, lhe instituindo como sujeito, mas ajudando-a a estabelecer uma hierarquia de seus desejos numa vida em sociedade. A linguagem falada, para Dolto (1998), não significa atender as

solicitações da criança, mas reconhecê-la como quem comunica sua história, com o desejo de comunicação inter-humana que dar suporte a imagem de base de corpo, estruturada na relação com o outro graças à castração.

Esse modo de pensar não se restringe a um procedimento desconectado com a realidade; o que evoca antes de tudo ser capaz de escutar essa criança. Naturalmente, imaginamos que ela não entende o que a comunicamos, todavia, se constrói na linguagem, ao passo que a palavra a situará na cena relacional com os outros. Com esse entendimento, propomos reservar um olhar de reconhecimento à criança e sua posição na construção de relação com o desejo, articulado pela linguagem dirigida a ela e os destinos que podem se ampliar sobre as condições da singularidade de cada ser. Dolto (1998) concluiu sua obra “Destinos de criança” imprimindo que devemos lançar em nós a ideia de que esse ser humano que está aí, está aí porque deseja viver, se arriscar por seus desejos. Mas para isso, precisamos colocar a criança em condições de saber sua história, numa relação verdadeira, que reconhece ela como sujeito e que está no centro do seu destino. Eis nosso trabalho de análise.

## Considerações Finais

A teoria psicanalítica foi sendo elaborada passo a passo com a experiência clínica, e por isso muitas vezes reformulada, porque a clínica é soberana e subsidia, constantemente, a discussão e revisão de seus principais pressupostos. O que mais nos interessa são as relações entre o sujeito e seu psiquismo, seu sintoma, seu desejo, seu fantasma, sua linguagem. Trata-se então de uma teoria que diz respeito à singularidade de cada um e, portanto, não pode ser generalizada, pois cada caso é único, e toda análise é particular. A clínica psicanalítica oferece às crianças uma possibilidade de escuta diferenciada de seu mal-estar. Seus comportamentos são vistos como linguagem do corpo quando a palavra falta ou ainda não foi possível alcançar.

Nesse contexto, tratamos a questão do diagnóstico da “hiperatividade” como uma formação inconsciente que se enuncia através da agitação motora, impulsividade, excesso de atividade corporal. Para refletir sobre tal sintoma, separamos o termo “hiper” atividade para indicar que essa manifestação corporal expressa uma linguagem do mal-estar infantil, atravessada por tramas subjetivas. No caso clínico aqui analisado, vislumbramos uma linguagem de expressão do sofrimento psíquico da criança que a etiqueta científica do diagnóstico não consegue alcançar, pois se prende a discursos normativos.

Refletimos, no início do nosso trabalho, sobre os efeitos de uma prática patologizante na subjetivação das crianças, em que o sofrimento psíquico estaria sendo tomado como doença. O caminho escolhido para discutir essas questões buscou, inicialmente, contextualizar a questão da criança em relação ao corpo de linguagem, localizando o lugar de destaque que essa vem ocupando nas famílias atualmente, porém, de forma paradoxal, desconsiderando a dimensão subjetiva da infância. A constatação das mudanças em relação ao lugar social da criança parece promover a construção de novos discursos sobre o que é ser criança hoje, trazendo impacto e incômodo nas famílias e instituições escolares. Em seguida, discutimos o conceito de pulsão, apontado por Freud como um conceito limítrofe entre o psíquico e o somático, uma vez que ela tem sua fonte no corporal; pensando nesse corpo político que mobiliza comportamentos sociais, históricos e culturais.

Tratamos das contribuições sobre o estágio do espelho marcando uma conquista gradativa da imagem inconsciente do corpo. Que se inicia com uma confusão entre si e o outro, marcando o assujeitamento ao registro imaginário; seguida por uma diferenciação da imagem que possibilita uma discriminação do outro da imagem e, por fim, o reconhecimento

da imagem do corpo, sua representação em sua totalidade. Acenamos para a inserção da criança no universo simbólico para que assim, torne-se sujeito de desejo, abandonando a posição de assujeitamento ao desejo do outro.

Desta feita, realçamos o ponto fundamental da nossa dissertação com a discussão da constituição da Imagem Inconsciente do Corpo, como uma maneira de compreender a “hiper” atividade corporal da criança. Para tanto, três aspectos fundamentais foram discutidos para a constituição de uma imagem totalizante: imagem de base, imagem funcional e imagem erógena. Elas, sendo alinhavadas entre si pelas pulsões de vida, pelo que Dolto denominou por “imagem dinâmica”, correspondente ao desejo de ser. São três imagens que se metabolizam, se transformam e se remanejam diante das castrações simbolígenas.

Com isto, realçamos para os efeitos produzidos pelas castrações simbolígenas que interferem na maneira de apossar-se de seu desejo e buscar outras satisfações na relação com o outro, apoiada na linguagem. Neste contexto, percebemos que o atravessamento dessas provas (castrações simbolígenas) permite a renúncia a uma satisfação simbiótica primeira, para dar lugar a uma continuidade de ser. Foi a partir de então, que analisamos o que tem sido oportunamente chamado de hiperatividade na criança, enquanto diagnóstico descrito no DSM-V, na tentativa de conceber outros referenciais que abordassem a singularidade da infância e seus sintomas oriundos de angústias ou alegrias que marcam o psiquismo humano. Consideramos que é possível uma leitura dinâmica e ética para a criança sem perder de vista a complexidade de cada caso.

A respeito dessas postulações, Françoise Dolto expressa que a Imagem Inconsciente do Corpo é o traço estrutural da história emocional de um ser humano. É o lugar inconsciente no qual se elabora toda expressão do sujeito; lugar de emissão e recepção das emoções inter-humanas na linguagem. Foi com esses postulados que algumas provocações surgiram no decorrer da nossa pesquisa bibliográfica, promovendo um diálogo que sustentam os atuais estudos sobre o corpo e a constituição da imagem inconsciente do corpo.

Com o caso “Rosa”, analisamos a questão da linguagem corporal como expressão do sofrimento da criança e sua relação com o outro materno. Nessa ilustração, é importante ressaltar que atualmente as famílias e instituições exigem a adaptação precoce das crianças a normas e controles comportamentais e que, a consequência disso, é um “não saber” o que fazer diante das demandas dos filhos, que solicitam um olhar particularizado. Por outro lado, observamos também, que essas crianças se manifestam como sujeitos passivos às regras sociais, condicionados a uma rotina em que a singularidade tem pouca possibilidade de acontecer, construindo, assim, um sintoma que comunica seu mal-estar.



Foi assim que a experiência psicanalítica de Françoise Dolto, com suas formulações sobre a Imagem Inconsciente do Corpo, nos favoreceu uma nova leitura para o caso “Rosa”, oferecendo outra perspectiva de observação. Convém ressaltar, que o destaque dado neste trabalho às intervenções de Dolto justifica-se por suas vivências clínicas com crianças e sua aposta no campo da linguagem, mesmo em crianças muito pequenas. Crianças que demonstravam sua inibição nos desenhos e produções livres, ofertando à analista sua imagem inconsciente do corpo, o que permitia libertar a libido da repetição que travava a liberdade da criança, a partir das castrações. Para além da clínica com crianças, a analista defendeu um encontro possível da psicanálise com outras disciplinas, considerando a causa da criança como um investimento fundamental no que se refere a uma sociedade humanizada.

Assumimos aqui a posição de que, ao invés de privilegiar o comportamento e a adaptação, a clínica psicanalítica de Dolto visa investigar as causas dos sintomas com ênfase na dimensão linguageira. Principalmente em relação às crianças, essa dimensão da linguagem e da fala é, em geral, tomada como natural, evidente, e sua relação com o inconsciente tende a ser ignorada. Desse ponto de vista, “Rosa”, classificada como hiperativa não era apenas agitada, inquieta, impulsiva, impossível. Se ela é um ser de linguagem, há algo que a agita. Nossa provocativa maior foi: o que está em jogo na hiperatividade de Rosa? Sabemos que um mesmo comportamento manifestado por duas crianças diferentes pode ser considerado idêntico, mas, para cada uma, possui um significado distinto e tem uma causa diferente. Pudemos constatar que o sintoma de Rosa possuía um “valor relacional”, e o encontro com a analista constituiu a chance de se poder esclarecer o enigma que marcava o sofrimento da criança. A aposta que se faz é a de que a criança tinha muito o que dizer sobre o que lhe afetava, mesmo quando, inicialmente, utilizou apenas a via da agitação. O que agitava o seu corpo não é fácil de dizer, mas é visível e pôde ser contornado pela palavra, produzindo efeitos apaziguadores sobre o corpo.

Como nos diz Dolto (1984 [2017]), quando uma criança se encontra em sofrimento, o tratamento deve consistir em entrevistas da mãe com um psicanalista, o bebê ou a criança estando presente e sendo reconhecido como interlocutor da mesma forma que a mãe. Todavia, o saber médico preocupado pela angústia da mãe, se deixa levar para dentro de um círculo infernal dos tratamentos orgânicos, das observações, dos calmantes, e na denegação do sujeito (a criança e seu desejo), fazendo com que só se cuide do manifesto e a agitação motora passa a ser o objeto e não o que ele grita.

Diante deste quadro, a clínica psicanalítica mostrou-se uma importante ferramenta crítica, promovendo uma compreensão comprometida com a singularidade. Foi assim, que

pudemos destacar que a nomeação do mal-estar de Rosa, marcada pela hiperatividade, produziu um efeito sobre o seu corpo. O corpo se tornou a única coisa de que se fala, ele se agitava e evocava expressões agressivas e impulsivas. Observando, que nesse caso, há evidências de uma ausência da comunicação linguageira com a criança, dirigindo-se a ela através de seu nome, bem como a falta de se ter sabido que uma criança já é um sujeito, receptivos à palavra verdadeira que lhes é dirigida concernente à sua história e à sua busca para se fazer compreender. É por ocasião dessas trocas de palavras que a criança ouve a proferição e reproferição das proibições. É assim que a castração simbólica dar-se de uma ou de outra maneira, por alguém em que a criança deposita confiança devido à sua pertinência ao grupo. Por aceitação a essas proibições, Rosa assume valor de elemento vivente do grupo social em que está inserida.

Mas este estudo é revelador de que a escola precisa descolar do discurso normativo ditado pelos sistemas de classificação diagnóstica e olhar a criança como ser de linguagem e que tudo que o seu comportamento expressa é também linguagem. Como nos ensina Dolto, tudo é linguagem. Estranhamente, a escola como lugar onde se ensina as regras da língua, nem sempre é capaz de escutar a fala da criança, verbal ou corporal, ficando presa a etiquetas diagnóstica, cujo tratamento químico pode arrefecer a agitação motora, a hiperatividade, mas continua desconhecendo o que a criança quis dizer.

Por ora, esperamos ter contribuído para que estas discussões apontem novas interpretações sobre a vida infantil e o ser criança na atualidade. Frisamos a necessidade de novos reposicionamentos éticos no cuidado com a causa da criança, rompendo com práticas universalizantes que proporcionam a exclusão do sujeito de desejo. Por fim, consideramos necessário ressaltar a livre expressão da criança em suas potencialidades, na perspectiva da vida criativa. Dolto nos aponta uma prática livre de julgamentos e interpretações *a priori*, pois como o seu proferido “destino de criança”, inscreve que “viver é comunicar criando, e não nos concerne saber em que isso vai dar”.

## Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- AJURIAGUERRA, J. de. **Manual de psiquiatria infantil**. Trad. de P. C. Geraldês e S. R. Pacheco Alves. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1980.
- ASSOUN, P-L. **Metapsicologia freudiana**. Uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- BANDINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARROS, Paula Cristina Monteiro de. **“Vê se me desimbaça”**: do apelo à demanda de crianças e adolescentes em situação de rua. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP, 2009.
- BARROS, Maria do Rosário Collier do Rêgo. Caso clínico: A criança hiperativa e sua mãe. In: SANTIAGO, Ana Lydia, MEZÊNCIO, Márcia (orgs.). **A psicanálise do hiperativo e do desatento**. Belo horizonte: Scriptum Livros, 2013.
- BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. **A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan**. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERGÈS, J. **O corpo e o olhar do outro**. Revista *Che voi?* Psicanálise e Cultura, ano 1, n. zero, Cooperativa Cultural, 1986.
- BIRMAN, Joel. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CRESPIN, Graciela. **À escuta das crianças na educação infantil**. São Paulo: Instituto Langage, 2016.
- DA POIAN, Carmen. **Os novos caminhos da identificação**. Texto do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, Abril 2002. Pesquisado em 12/10/2019.
- DE CÉSARIS. **A imagem corporal/especular do sujeito em constituição, de Freud a Lacan**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.
- DOLTO, Françoise. **Psicanálise e Pediatria**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Auto-Retrato de uma Psicanalista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Destinos de crianças: adoção, famílias de acolhimento, trabalho social**. São Paulo: Martins Fonseca, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Os caminhos da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **A causa das crianças**. São Paulo: Ideias & Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Seminário de psicanálise de crianças**. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013.
- \_\_\_\_\_. **A imagem inconsciente do corpo**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

\_\_\_\_\_. **Tudo é linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes, 2018.

DOLTO, F. & NASIO, J. D. **A criança do espelho** (1987). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FIGUEIREDO, Luiz Claudio. **Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos**. São Paulo: Escuta/Educ, 1995.

\_\_\_\_\_. A ética da pesquisa acadêmica e a ética da clínica em psicanálise: o encontro possível na pesquisa psicanalítica. In: QUEIROZ, Edilene Freire de, SILVA, Antonio Ricardo R. da (orgs.). **Pesquisa em Psicopatologia Fundamental**. São Paulo: Escuta, 2002.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cinco Lições de Psicanálise** (1910). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Os Instintos e suas Vicissitudes** (1915). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **O ego e o id** (1923). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Prefácio a Juventude Desorientada**, de Aichhorn (1925). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização** (1930). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HANNS, L. A. **A Teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1999.

JERUSALINSKY, Alfredo. Haveria um quarto momento do estádio do espelho? In: KUPFER, Maria Cristina, SZEJER, Myriam (orgs.). **Luzes sobre a clínica e o desenvolvimento de bebês: novas pesquisas, saberes e intervenções**. 2. ed. São Paulo: Instituto Langage, 2016.

JUNIOR, Nelson Ernesto Coelho. **Da intercorporeidade à co-corporeidade**: elementos para uma clínica psicanalítica. Revista Brasileira de Psicanálise vol. 44 nº 1. São Paulo, 2010.

KEHL, Maria Rita. Sobre **Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KUPFER, Maria Cristina Machado. Amor e saber: A psicanálise da Relação entre professor e Aluno. In: COHEN, Ruth Helena Pinto (org.). **Psicanalistas e Educadores: tecendo laços**. Rio de Janeiro: Wark Ed., 2009.

LACAN J. O seminário Livro 2. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (1954-1955). Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. O seminário. Livro 11: **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. **O estádio do espelho como formador da função do eu** (1949). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano** (1960). Em J. Lacan, Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

\_\_\_\_\_. O seminário Livro 5. **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. LACAN, J. (1966). **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAIA, Sérgio. Comentário teórico: O diagnóstico no DSM-V e o TDAH. In: SANTIAGO, Ana Lydia, MEZÊNCIO, Márcia (orgs.). **A psicanálise do hiperativo e do desatento**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013.

LASNIK, Marie-Christine. **A voz da sereia: o autismo e os impasses da constituição do sujeito**. Salvador: Álgama, 2013.

MANDIL, Ram. A biopolítica do déficit de atenção. In: SANTIAGO, Ana Lydia, MEZÊNCIO, Márcia (orgs.). **A psicanálise do hiperativo e do desatento**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013.

MEIRA, Yolanda Mourão. **As estruturas clínicas e a criança**. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

MEZAN, R. **O Tronco e os Ramos**. São Paulo. Companhia das Letras, 2014.

NASIO, J. D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PADILHA, Maria Teresa de Melo. Déficit de atenção e hiperatividade: transtorno ou sintoma. In: PIMENTEL, Anamaria, GUSMÃO, Sílvia (orgs.). **Clínica sem Fronteiras: textos psicanalíticos**. Recife: Cepe, 2017.

ROSA, Miriam Debieux. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016.

ROY, Daniel; ROY, Maryse. Hiperatividade: ordem e desordens. In: SANTIAGO, Ana Lydia, MEZÊNCIO, Márcia (orgs.). **A psicanálise do hiperativo e do desatento**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013.

ROUDINESCO, E. ,& PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1998

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SANTIAGO, Ana Lydia. Hiperatividade: marca invisível do saber do Outro no corpo. In: SANTIAGO, Ana Lydia, MEZÊNCIO, Márcia (orgs.). **A psicanálise do hiperativo e do desatento**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013.

SANTIAGO, Ana Lydia. Comentário clínico: O que Rosa ensina sobre a “hiperatividade”. In: SANTIAGO, Ana Lydia, MEZÊNCIO, Márcia (orgs.). **A psicanálise do hiperativo e do desatento**. Belo horizonte: Scriptum Livros, 2013.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Cad. CEDES [online]. 2001, vol. 21, n53, PP. 69-83. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622001000100005>.

VALLIM, Miguel Ribeiro. **Françoise Dolto, uma voz na psicanálise**. Dissertação de mestrado pela PUCSP, 2016.

WINNICOTT, Donald W. **O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil** (1967). In: O brincar e a realidade, cap. 9. Rio de janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. **Privação e delinquência**. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.